



Delicadezas do Mistério. A mística hoje

INDICE

EDITORIAL	3
MATÉRIA DE CAPA	4
<i>Mística comparada: semelhanças na diferença</i>	<i>4</i>
Entrevista com Faustino Teixeira.....	4
<i>O silêncio da mística sufi</i>	<i>12</i>
Entrevista com Vitória Peres de Oliveira.....	12
<i>Poemas sufi</i>	<i>16</i>
O Coração – A Alma	16
A visão.....	16
<i>A mística cristã e o seguimento de Jesus</i>	<i>16</i>
Entrevista com Marcelo Barros.....	16
<i>Budismo e cultura de paz</i>	<i>19</i>
Entrevista com Padma Samten	19
<i>A mística afro-brasileira</i>	<i>22</i>
Entrevista com José Jorge de Carvalho.....	22
<i>As místicas protestantes. a intermitência entre o sagrado "frio" e o "quente"</i>	<i>24</i>
Entrevista com Antonio Gouvêa Mendonça.....	24
<i>Literatura e mística na compreensão do belo, das minorias.....</i>	<i>27</i>
Entrevista com Marco Lucchesi	27
Teilhardiana	30
Poema Marco Lucchesi.....	30
Pentecostes	31
Poema de Murilo Mendes	31
<i>O movimento Zen e a transformação social</i>	<i>32</i>
Entrevista com Monja Coen	32
<i>Minha direção espiritual com Thomas Merton</i>	<i>34</i>

Entrevista com Ernesto Cardenal	34
<i>Amor e aniquilação na mística de Marguerite Porete e Ibn'Arabi</i>	37
Por Sílvia Schwartz	37
<i>A mística judaica</i>	39
Entrevista com Luiz Felipe Pondé.....	39
<i>A Mística Inaciana</i>	43
Entrevista com Benjamin González Buelta	43
DESTAQUES DA SEMANA	47
MEMÓRIA	47
24-3-1980 - 24-3-2005: 25 anos depois	47
Dom Oscar Romero, bispo e mártir	47
D. Oscar Romero, bispo e mártir. Símbolo de um cristianismo libertador.....	47
Joseph Fuchs (1911-2005) – teólogo moral.....	49
DEU NOS JORNAIS	51
FRASES DA SEMANA.....	54
EVENTOS IHU.....	55
PÁSCOA: PASSAGEM PARA A LIBERDADE	55
A PÁSCOA MUSICAL DE BACH.....	55
Cantata BWV 4.....	55
Missa em Si Menor, de Bach.....	56
A última tentação de Cristo.....	56
O Evangelho Segundo São Mateus de Pier Paolo Pasolini.....	57
SIMPÓSIO INTERNACIONAL TERRA HABITÁVEL. UM DESAFIO PARA A HUMANIDADE	59
IHU IDÉIAS	59
Reencarnação ou ressurreição?.....	59
Sentido da vida e da morte	59
CICLO DE ESTUDOS REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA.....	60
Adam Smith e sua teoria econômica.....	60
ABRINDO O LIVRO	61
O direito da sociedade.....	61
Líderes religiosos debatem tolerância.....	62
A TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA.....	64
IHU REPÓRTER.....	65
GILBERTO ROSA GALVÃO	65
CARTAS DO LEITOR	67
ERRAMOS	67

EDITORIAL

*A experiência do inominável, do totalmente outro, do mistério, é o tema de capa do boletim **IHU On-Line** desta semana, que para os cristãos e as cristãs, é santa.*

A proposta deste boletim é de um grande diálogo entre diversas e variadas experiências místicas: a budista, a islâmica, a judaica, a católica, a afro-brasileira, a espírita e a protestante, entre outras. Desta maneira, monges e monjas, teólogos, filósofos, poetas e literatos, físicos, lamas, orientadores de Exercícios Espirituais, narram suas experiências. Um diálogo que preserva o mistério e o enigma da diferença, pois, como afirma Faustino Teixeira, na entrevista aqui publicada, “há sempre algo de irredutível e irrevogável na experiência do outro, que ninguém consegue captar em profundidade ou abarcar” que toca o mistério com cuidado, pois ele é delicado.

A palavra, escrita ou falada, não consegue expressar todo o vigor e a dimensão da experiência mística. Para que ela não se torne tirânica, é preciso temperá-la com outros sabores que a amaciem. As imagens podem ser este tempero. Convidamos para ilustrar a edição especial desta semana o desenhista, xilógrafo e pintor Paulo Couto Teixeira (“Pulika”). Pulika, natural de Juiz de Fora, MG, vive em Brasília, DF, onde mantém um ateliê após se aposentar como economista no Ministério do Planejamento. Com muito esmero e carinho, ele fez as ilustrações.

Segundo Pulika, “as pessoas que lerem o boletim, perceberão a força do inominável pela imagem e pela palavra”. Mas isso ainda é pouco. “Da próxima vez, deveríamos, diz ele, arranjar um jeito de colocar música e cheiros também. E ainda assim será pouco”, pois “os grandes Mestres e Mestras nos ensinaram que Deus está além. Para além das palavras, dos textos, das imagens, da música, de tudo enfim”. Eis as delicadezas do Mistério¹

Na quinta-feira santa, dia 24 de março, celebra-se, também, o 25º aniversário do assassinato de D. Oscar Romero. Fazemos sua memória com a publicação de um artigo sobre a sua trajetória, alimentada, igualmente, por uma genuína e engajada mística.

Que a leitura deste boletim possa ajudar-nos a acolher, adorar, louvar e servir o Mistério, não ferindo a sua delicadeza.

A todas e todos uma Feliz Páscoa!

[\(Voltar ao índice\)](#)

¹ O título do boletim foi inspirado no **Livro das delicadezas**, de autoria da mística brasileira Irmã Maria Amada, que floriu no Carmelo Sagrado Coração de Jesus e Madre Tereza em Juiz de Fora, MG e hoje localizado em Bananeiras.

MATÉRIA DE CAPA

MÍSTICA COMPARADA: SEMELHANÇAS NA DIFERENÇA

Entrevista com Faustino Teixeira

“A espiritualidade é força motora que ativa no sujeito a sensibilidade para ouvir a mensagem que vem de todos os lados: da importância da gratuidade, da compaixão, da cortesia e da hospitalidade”, explica o professor da UFJF, Faustino Teixeira, especialista em Mística Comparada, em entrevista ao **IHU On-Line** por e-mail. Segundo ele, “a familiaridade com a mística comparada proporciona uma maior sensibilidade para entender as buscas religiosas de nossos contemporâneos, sobretudo dos jovens, que estão sedentos para encontrar os laços de sentido que dão sustentação à sua vida. É um grande desafio entender o itinerário ou a peregrinação dos jovens brasileiros, que, neste início de milênio, vivem sob o impacto de tensões diversificadas, violência urbana e desemprego”.



Faustino Teixeira é professor do Departamento de Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e foi coordenador do PPG em Ciência da Religião (PPCIR) da UFJF. É também consultor da Capes e do ISEER-Assessoria do Rio de Janeiro. É pós-doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, doutor em Teologia, pela mesma universidade com tese intitulada **A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil**, mestre em Teologia, pela PUC-RJ e graduado em Filosofia e em Ciências da Religião pela UFJF. Entre suas últimas obras publicadas, destacamos: **A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1987; **A gênese das CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1988; **Teologia da Libertação: Novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 1991. Ele é organizador do livro **No limiar do mistério. Mística e Religião**. São Paulo: Paulinas. 2004. Dele publicamos um artigo na 131ª edição, de 7 de março de 2005.

IHU On-line - Como definiria a mística comparada? Qual é sua metodologia e principais objetivos?

Faustino Teixeira - A questão da mística comparada está hoje no centro de uma discussão epistemológica extremamente complexa e interessante. Existem três posições em debate. Uma primeira, que comporta autores identificados com a “filosofia perene”, entre os quais Aldous Huxley², Frithjof Schuon³, Henri Corbin⁴ e Huston Smith⁵, que acreditam e postulam um

² Aldous Huxley (1894 - 1963) Romancista britânico nascido em Godalming, Surrey, que, após se radicar nos Estados Unidos (1947), exerceu grande influência nos meios californianos, onde se articularam movimentos de contestação ao racionalismo ocidental e ao modelo americano de vida, e ganhou importância por ter antecipado elementos da contracultura das décadas de 1960/1970, como a rejeição do consumismo, as tendências anarquistas, o interesse pelo Oriente e as experiências místico-visionárias, e morreu em Los Angeles. Neto do naturalista Thomas Henry Huxley, filho do escritor Leonard Huxley e irmão do biólogo Julian Huxley e do fisiologista Andrew Fielding Huxley,

fundamento comum para as religiões, ou, na conhecida expressão de Schuon, uma “unidade transcendente das religiões”. No extremo oposto desta posição, situa-se a perspectiva dos autores contextualistas, que começou a afirmar-se, sobretudo, em torno dos anos 1970, com base na epistemologia kantiana, na filosofia lingüística e na sociologia do conhecimento. Um dos mais destacados autores que defendem esta posição é o filósofo Steven Katz⁶, para o qual toda experiência mística é mediada e modelada pelo contexto em que se situa. A tarefa do estudioso, nesta perspectiva, é debruçar-se sobre o relato místico, ou seja, concentrar-se no estudo dos textos para poder captar suas estruturas sintáticas e semânticas específicas. Para os contextualistas, não é possível falar em mística comparada, pois as experiências místicas são radicalmente diferentes e únicas. Eles buscam preservar um grande rigor epistemológico na análise dos relatos místicos.

A escola desconstrutivista

estudou em Eton e Oxford e iniciou-se na literatura publicando poesias, posteriormente consagrando-se como ensaísta e romancista. Fez viagens de pesquisas e experimentos culturais por todos os continentes, o que lhe deu uma cultura polivalente e lhe permitiu escrever sobre os assuntos mais variados. Além da publicação de poemas *Defeat of Youth* (1918), de estudos históricos, como *Grey Eminence* (1948) e *The Devils of Loudun* (1952), foram destaques, em sua obra, os romances *Crome Yellow* (1921), *Point Counter Point* (1928), *Brave New World* (1932), *Eyeless in Gaza* (1936), *Ape and Essence* (1949), *The Perennial Philosophy* (1946), *Heaven and Hell* (1956) e *Island* (1962). Também merece destaque o *The Doors of Perception* (1954), em que narrou suas experiências com a mescalina, uma droga alucinógena. (Nota do *IHU On-Line*)

³ Frithjof Schuon, (1907-1998) foi o principal porta-voz da chamada "Escola Tradicionalista" ou "Perennialista", que conta, entre seus luminares, o filósofo francês René Guénon (1886-1951), o acadêmico anglo-indiano Ananda Coomaraswamy (1877-1847) e o metafísico suíço Titus Burckhardt (1908-1984). (Nota do *IHU On-Line*)

⁴ Henri Corbin (1903-1978) é fundador da escola Corbiniana. Morou na França. Estudou o mundo do Irã, tanto islâmico quanto pré-islâmico. Sua grande contribuição foi demonstrar a importância que tinha para o mundo do Irã o aspecto pessoal do divino: cada homem tem um anjo que é seu outro eu celestial com o qual se reunirá se lhe foi fiel nesta vida. Também destacou a importância do mundo imaginal: mundo intermédio no qual converge o mundo divino com o mundo terrestre. Sua obra mestra é *En islam iranien: aspects spirituels et philosophiques*, 4 vol. (1971-1973). (Nota do *IHU On-Line*)

⁵ Huston Smith- Filho de pais missionários metodistas, Huston Smith nasceu na China e, aos 17 anos, veio para os Estados Unidos para cursar a universidade. Quando criança, pensou que se tornaria um pastor de igreja, mas logo percebeu que o púlpito não ajudaria a saciar a sua vasta curiosidade. Foi na Universidade de Chicago que ele começou o seu trabalho para a obtenção do seu Ph.D. na cadeira de Teísmo Naturalista – um sistema filosófico no qual a religião intervém somente quando a ciência não tem as respostas. Ao contrário da maioria dos acadêmicos na sua área, ele nunca se contentou em estudar as religiões do mundo como uma atividade secundária, ele sempre mergulhou de corpo e alma no assunto. Escrever e falar sobre o que ele chama de “tradições sábias” é o que fez de Huston Smith, 81 anos, ser conhecido mundialmente. Ao longo da sua extensa carreira, no entanto, ele nunca trabalhou na obscuridade. No início da década de 1950, suas aulas sobre as religiões do mundo, na Universidade Washington de St. Louis se tornaram tão populares que uma estação de televisão pediu-lhe que desenvolvesse palestras para um programa que seria levado ao ar em caráter nacional. Como resultado dessa série de entrevistas, surgiu o seu livro mais lido, *The Religions of Man*, publicado pela Harper pela primeira vez em 1958 e mais tarde intitulado *The World's Religions* (Traduzido para o português como *As Religiões do Mundo: Nossas Grandes Tradições de Sabedoria*, publicado pela Cultrix). Esse livro já vendeu perto de dois milhões de cópias e tem sido usado, nos últimos 30 anos, como texto básico nos cursos de religião em escolas secundárias e universidades americanas. Seu capítulo sobre Sakyamuni Buddha se tornou uma das forças que impulsionaram a disseminação do interesse pelo budismo no Ocidente. Um companheiro clássico para esse livro é *Forgotten Truth*, publicado pela Harper em 1992, que descreve a unidade que fundamenta muitas tradições religiosas no mundo. (Nota do *IHU On-Line*)

⁶ Steven KATZ (Ed.). *Mysticism and Philosophical analysis*. New York, Oxford University, 1978. (Nota do entrevistado)

Em tempos mais recentes, começam a despontar outras posições no campo da abordagem da mística. Pode-se destacar a afirmação, nos últimos quatorze anos, de uma outra escola de reflexão, que vem denominada de forma diversificada, seja como “descontextualista”, “descontrutivista” ou “pós-contrutivista”. Um de seus mais importantes representantes é o filósofo Robert Forman⁷. Como chave metodológica de abordagem desta nova tendência está a busca da “análise, fenomenologicamente atenta, das ‘operações’ da consciência mística”⁸. Na visão de Forman, é possível identificar um evento de consciência pura (*pure consciousness event*), que escapa aos processos comuns da linguagem, e que expressa uma experiência mística unitiva que traduz um estado de consciência desperto, mas sem conteúdos. É o caso, por exemplo, das “experiências” do “vazio” e da “noite escura”, em que o místico alcança um elevado grau de destacamento e “esquecimento” (*vergessen*), que o transporta para além das imagens e formas. Firma-se um estado que não é “epistemologicamente construído” e que traduz um “evento de consciência pura”. Uma semelhante experiência, recorrente na mística, possibilita o registro de uma convergência entre místicos de variadas tradições. Como sublinha Forman, “o processo que conduz à mística não é o de construir imagens, mas o processo de remover o que foi ‘visto’ ou ‘construído’ até que somente o sujeito em si mesmo permaneça”⁹.

Unidade ou pluralidade nas tradições místicas?

No campo da Teologia, encontramos pistas sugestivas para o tratamento desta delicada questão. Em primeiro lugar, um significativo trabalho de Keith Ward¹⁰, que aborda o diálogo entre as religiões, com base em um estudo das imagens da eternidade em cinco grandes tradições religiosas: hinduísmo, budismo, judaísmo, islã e cristianismo. Acercando-se de um método fenomenológico, este autor pôde constatar uma notável analogia na estrutura fundamental da experiência de fé em autores de distintas tradições, como Shankara e Ramanuja (hinduísmo); Buddhaghosa e Asvaghosa (budismo); Maimônides (judaísmo); Al-Ghazali (islamismo) e Tomás de Aquino (cristianismo). Para ele, “as grandes tradições religiosas não são simplesmente diversas e incompatíveis; mostram profundas convergências de pensamento e de prática e muitas características semelhantes que atravessam as diversas tradições”¹¹. Outro trabalho interessante é o do teólogo David Tracy¹². Ele se distancia da visão

⁷ Robert FORMAN. *Mysticism, mind, consciousness*. Albany: State University of New York, 1999. (Nota do entrevistado)

⁸ Sílvia SCHWARTZ. O estado atual das discussões epistemológicas sobre a mística. In: Faustino TEIXEIRA (org.). *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 423. (Nota do entrevistado)

⁹ Cit.in: Sílvia SCHWARTZ, art.cit., p. 427. (Nota do entrevistado)

¹⁰ Keith WARD. *Immagini di eternità*. Concetti di Dio in cinque tradizioni religiose. Milano: Oscar Mondadori, 1993. (Nota do entrevistado)

¹¹ Ibidem, p.10-1. (Nota do entrevistado)

¹² David TRACY. *Pluralidad y ambigüedad. Hermenéutica, religión, esperanza*. Madrid: Trotta, 1987. (Nota do entrevistado)

David Tracy é licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião, na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos. Entre seus livros publicados, citamos *The Achievement of Bernard Lonergan* (1970); *Blessed Rage for Order: The New Pluralism in Theology* (1975); *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism* (1981) (livro que está sendo traduzido e será, proximamente, publicado pela Editora Unisinos na coleção Theologia Publica); *Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope* (com tradução em francês, alemão, espanhol e chinês) (1987); e *Dialogue with the Other* (traduzido para o chinês) (1990). No próximo mês de setembro, será publicado simultaneamente em inglês, francês e italiano o livro *The Side of God*. Tracy esteve na Unisinos, convidado pelo IHU, para fazer a conferência *Entre o apocalíptico e o apofático. O fazer teológico na universidade, hoje, a partir da pós-modernidade* no Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, acontecido em maio

dos perenialistas, como Huxley, Schuon e Smith, ao discordar da crença na unidade das religiões. Em sua visão, as tradições místicas são marcadas por intensa pluralidade. Não ha como sustentar a identidade de experiências como as de Nagarjuna¹³ e Eckhart¹⁴. Mas o que defende, e com razão, é a possibilidade de encontrar analogis entre estas experiências, ou seja, “semelhanças na diferença”¹⁵. Uma tal consideração é essencial para o diálogo inter-religioso, pois indica a possibilidade de um aprendizado único com o outro. A tese da “imaginação analógica” de Tracy abre um campo inusitado para o diálogo: o outro e diferente não permanece isolado em seu domínio excludente, mas revela-se portador de uma outra possibilidade para a identidade do interlocutor. O diálogo faculta justamente esta travessia: “o que uma vez foi meramente diferente é agora verdadeiramente possível”¹⁶. O diálogo é complexo e arriscado, pois nos expõe “às feridas do possível” (Éluard¹⁷). Ou, com outras palavras, “viver a diferença, tocar com o dedo a textura e a resistência daquilo que é outro, é passar por nova experiência da identidade”¹⁸. Os estudos de mística comparada ganham um espaço cada vez mais significativo em universidades e núcleos de pesquisa em muitas partes do mundo. Vale lembrar os seminários organizados pelo Centro Internacional de Estudos Místicos de Ávila (Espanha)¹⁹ e, no Brasil, os seminários periódicos organizados pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vale também registrar as ricas pesquisas empreendidas por pensadores, como Michael Sells²⁰, John Cobb²¹, Juan Martin Velasco, William Chittick, Pablo Beneito(Universidade de Sevilla), Luce López-Baralt(Universidade de Porto Rico) e tantos outros.

de 2004. Ele concedeu entrevista ao **IHU On-Line**, n. 103 de 31 de maio de 2004. Confira o artigo “O Deus oculto: o resgate da apocalíptica” de David Tracy em: NEUTZLING, Inácio (org.), **A teologia na universidade contemporânea**. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005, p. 85-98. (Nota do **IHU On-Line**)

¹³ Nagarjuna fundou a tradição *Madhyamika* (Caminho do Meio) do budismo. (Nota do **IHU On-Line**)

¹⁴ Eckhart (1260-1327) nasceu em Hochheim, na Turingia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as idéias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisaica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. (Nota do **IHU On-Line**).

¹⁵ Ibidem, p. 140. (Nota do entrevistado)

¹⁶ Ibidem, p. 143. (Nota do entrevistado)

¹⁷ Paul Éluard (1895-1952) Participou ativamente na criação de um movimento surrealista, sendo um dos seus máximos expoentes. (Nota do **IHU On-Line**).

¹⁸ STEINER. *Après Babel*. In: Adolphe GESCHÉ. **O Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 91. (Nota do entrevistado)

¹⁹ Seminários que resultaram em livros diversos, entre os quais: Pablo BENEÍTO & Lorenzo PIERA & Juan José BARCENILLA (ed.). **Mujeres de luz**. Madrid: Trotta, 2001. (Nota do entrevistado)

²⁰ Michael Sells, professor de Teologia Comparada em Haverford College e co-editor de *The Cambridge History of Arabic Literature*. (Nota do **IHU On-Line**)

²¹ John Cobb, pastor inglês radicado no Chile. (Nota do **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como as diferentes tradições religiosas podem dialogar na contemporaneidade? Quais seriam os principais pontos de convergência sob o aspecto da experiência mística?

Faustino Teixeira - O diálogo entre as diferentes tradições religiosas assume hoje diversas dimensões. Há o diálogo teórico, de intercâmbios teológicos, que é muito complexo e difícil, mas que vem se realizando pontualmente em vários espaços. Trata-se de um diálogo que provoca uma mudança paradigmática nas tradições envolvidas pelo desafio da hermenêutica. O confronto autêntico e respeitoso com a outra tradição acaba provocando mudanças significativas no modo de apropriação da fé singular. Não há conversação autêntica sem resultados novidadeiros em termos de transformação mútua. Daí o grande temor das instituições religiosas e eclesiais de enveredar pelo arriscado campo dialogal. Uma outra dimensão do diálogo, substantiva no tempo atual, é o diálogo de obras, ou seja, a cooperação inter-religiosa em favor da paz e da construção de um outro mundo possível. Talvez seja este um dos caminhos mais significativos e frutíferos do diálogo inter-religioso no tempo atual. As religiões são convocadas à *ecumene* da compaixão, a lutar contra a situação de exclusão e de empobrecimento generalizados, a afirmar a dignidade da criação e o cuidado com a mãe terra. São muitas as religiões e uma única terra, que deve ser preservada contra a vontade de poder e a ganância necrófila das dominações.

Religião e compaixão

As religiões podem contribuir muito para o fortalecimento da compaixão, do cuidado, da cortesia e da hospitalidade. Elas guardam um patrimônio único de reverência e respeito pelo mistério da existência e o dom da vida. O diálogo surge como uma potente voz em favor de todo o criado: dialogar para não morrer e não deixar morrer. Há que acrescentar, ainda, outra fundamental dimensão do diálogo que se processa no encontro da experiência religiosa. É o momento sublime onde se partilham as experiências de oração, fé e contemplação, na busca singular do Mistério sempre maior. Os que partilham semelhante experiência, “não se detêm diante das diferenças”, pois estão animados por um propósito mais decisivo, o de promover e preservar os valores e ideais espirituais mais profundos do ser humano. Temos, neste campo, uma série de iniciativas exemplares, envolvendo o relacionamento de fiéis que buscam vivenciar a experiência de aproximação espiritual de outras tradições religiosas. No âmbito do cristianismo, encontramos inúmeros buscadores do mistério, como Thomas Merton²², Louis Massignon²³, Charles de Foucault²⁴, Henri le Saux²⁵, François de l’Espinay²⁶, que viveram em profundidade a

²² Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, foi pioneiro no ecumenismo, no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro **Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários** (Rio de Janeiro: Físis, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como **A Montanha dos Sete Patamares** (São Paulo: Itatiaia, 1998) e **Novas sementes de contemplação** (Rio de Janeiro: Físis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da presente edição, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota do **IHU On-Line**)

²³ Louis Massignon (1883-1962): escritor e católico francês perito no islã. (Nota do **IHU On-Line**).

²⁴ Charles de Foucault (1858-1916): padre alemão, fundador da ordem Irmãos de Jesus, assassinado em 1º de dezembro de 1916, aos 58 anos. Charles de Foucault será beatificado, ainda este ano, pelo Papa João Paulo II. (Nota do **IHU On-Line**)

²⁵ Swami Abhishiktananda (1910-1973) é o nome indiano de Dom Henri Le Saux, monge beneditino. Em 1950, foi co-fundador, junto com Father Jules Monchanin, do Satchidananda Ashram, uma instituição monástica dedicada à integração dos valores da tradição beneditina com os valores da tradição monástica hindu. (Nota do **IHU On-Line**)

experiência do encontro com a alteridade. O grande místico cristão contemporâneo, Thomas Merton, relatou em seu “diário da Ásia” a força e o significado espiritual da “comunicação em profundidade” que se estabelece entre o cristianismo e as outras tradições religiosas. A partir de sua experiência concreta com buscadores de outras tradições, ele evidenciou a presença de “grandes semelhanças e analogias ao nível da experiência religiosa”, e reforçou sua crença na importância indispensável deste diálogo, mediante contatos reais e significativos com as outras religiões.

***IHU On-Line* - Quais seriam as singularidades que se preservam no interior de cada tradição?**

Faustino Teixeira - As experiências de comunhão inter-religiosa no âmbito da experiência mística são muito profundas. Mas mesmo neste âmbito de profundidade as diferenças permanecem, como bem mostrou Michael Amaladoss²⁷ em reflexão sobre o tema: “uma coisa é dizer que no nível de profundidade espiritual, os místicos encontram uma intensa confraternidade. Outra coisa é supor que, neste nível, eles nada teriam a partilhar uns com os outros. Eles vivenciam o mesmo Deus (ou o mesmo mistério). Mas não têm a mesma experiência”²⁸. O diálogo da experiência mística preserva o mistério e o enigma da diferença. Há sempre algo de irreduzível e irrevogável na experiência do outro, que ninguém consegue captar em profundidade ou abarcar, o que não significa a impossibilidade de uma emulação recíproca e enriquecedora entre os participantes da experiência. Ao contrário do que alguns críticos do pluralismo religioso propagam, o diálogo não enfraquece a fé, mas a disponibiliza

²⁶ François de l’Espinay: sacerdote francês e ministro de Xangô no Ilê Axé Opô Aganju, de Salvador, na Bahia. Após dedicar vários anos ao acompanhamento dos padres franceses na América Latina como delegado da Comissão Episcopal Francesa para a América Latina (CEFAL) e fundar, com Ivan Illich, o centro inter-cultural de Cuernavaca (México), se estabeleceu em Salvador, em 1974, para dedicar-se ao trabalho com afro-brasileiros. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁷ O indiano Prof. Dr. Pe. Michael Amaladoss, S.J. é diretor do Instituto para o Diálogo com Culturas e Religiões, em Chennai, na Índia. Ele concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* na edição n.º 102, de 24 de maio de 2004. Michael Amaladoss é Ph.D. em Teologia Sistemática pelo Institut Catholique de Paris, na França, além de professor de Teologia no Vidyajyoti College of Theology, em Nova Délhi, na Índia. Amaladoss escreveu muitos livros e artigos sobre espiritualidade e diálogo inter-religioso. Entre eles citamos: ***Faith, Culture and Inter-Religious Dialogue. Ideas for Action*** (Fé, cultura e diálogo inter-religioso. Idéias para a ação). New Delhi Indian Social Institute, 1985; ***Making All Things New. Dialogue, Pluralism and Evangelization in Asia*** (Fazendo novas todas as coisas. Diálogo, pluralismo e evangelização na Ásia). Edição indiana: Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1990. Edição internacional: Maryknoll: Orbis Books, 1990. ***Inigo in India. Reflection on the Ignatian Exercises by an Indian Disciple*** (Inigo na Índia. Reflexões dos exercícios ignacianos por um discípulo indiano). Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1992; ***Walking Together. The Practice of Inter-Religious Dialogue*** (Caminhando juntos. A prática do diálogo inter-religioso). Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1992. Traduzido para o português sob o título ***Pela Estrada da Vida***. São Paulo: Paulinas, 1995. Seus livros mais recentes são ***Making Harmony. Living in a Pluralist World*** (Delhi: ISPCK, 2003) Este livro está sendo traduzido e será publicado, proximamente, pela Editora Unisinos na Coleção Teologia Publica; e ***The Dancing Cosmos. A Way to Harmony*** (Delhi: ISPCK, 2003). Amaladoss esteve na Unisinos, proferindo a conferência ***A teologia das religiões e a teologia na universidade*** no Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, organizado pelo IHU em maio de 2004. Ele concedeu ao *IHU On-Line* duas entrevistas: na edição 102, de 24/5/2004 e na edição 103, de 31/5/2004.

Confira o artigo “Teologia das religiões e teologia na universidade”, de Michael Amaladoss recém publicado no livro NEUTZLING, Inácio (org.), ***A teologia na universidade contemporânea***. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005, p. 117-139. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁸ Michael AMALADOSS. ***Pela estrada da vida***. Prática do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 87-88. (Nota do entrevistado)

para encontros que desvelam novas e mais profundas dimensões de sua realização. Está mais do que clara no tempo atual, a importância dos marcos referenciais para qualquer impulso de vôo. Como apontou a jovem poeta brasileira, Ana Cristina César, “é sempre mais difícil ancorar um navio no espaço”.

Mística é força motora para a gratuidade, cortesia e hospitalidade

IHU On-Line - Em que sentido o estudo da mística comparada pode contribuir para a compreensão das buscas religiosas de cada geração?

Faustino Teixeira - O contato com os relatos e a tradução feita pelos místicos de sua experiência de busca do mistério é algo extremamente provocador e desarticulador da palavra para aqueles que se debruçam a conhecer e partilhar semelhante experiência. Sobretudo o contato com as orações, que constituem o “respiro das religiões”, desperta no sujeito um traço fundamental do humano, ainda que eclipsado no tempo atual, que é sua capacidade de admiração e maravilhamento. É a espiritualidade que desperta o indivíduo para o “outro lado das coisas”, para a dimensão encoberta do real, para um mundo “impermeável às palavras”. A espiritualidade é força motora que ativa no sujeito a sensibilidade para ouvir a mensagem que vem de todos os lados: da importância da gratuidade, da compaixão, da cortesia e da hospitalidade. Não há dúvida de que a familiaridade com a mística comparada proporciona uma maior sensibilidade para entender as buscas religiosas de nossos contemporâneos, sobretudo dos jovens, que estão sedentos para encontrar os laços de sentido que dão sustentação à sua vida. É um grande desafio entender o itinerário ou a peregrinação dos jovens brasileiros, que, neste início de milênio, vivem sob o impacto de tensões diversificadas, violência urbana e desemprego. Mas é incorreto concluir que eles vivem sob uma dinâmica de apatia ou desencanto; sua peregrinação traduz novos e inusitados caminhos de vivência espiritual, de combinação singular de elementos de tradições religiosas distintas, etc. Como mostrou Regina Novaes²⁹, em comentário a uma pesquisa nacional sobre os jovens, “as instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil. Fazendo parte destes grupos, motivados por valores e pertencimentos religiosos, jovens têm atuado no espaço público e têm fornecido quadros militantes para sindicatos, associações, movimentos e partidos políticos. Por outro lado, expressando vínculos institucionais ou apenas crenças mais difusas, nos últimos anos, a linguagem religiosa também se faz presente em muitas expressões juvenis na área das artes e cultura”³⁰.

IHU On-Line - Quais as correntes místicas que têm surgido com maior força nas últimas décadas e o que elas têm de semelhança ou diferença com as místicas mais tradicionais?

Faustino Teixeira - Esta é uma questão extremamente complexa, mas desafiante. De fato, vivemos um tempo de “reencantamento do mundo”. Alguns falam em “retorno do religioso” ou “revanche de Deus” para qualificar este novo momento. Mas na verdade, estamos diante de um

²⁹ Regina Novaes é antropóloga e sub-secretária da Secretaria Nacional da Juventude. (Nota do *IHU On-Line*).

³⁰ Regina NOVAES. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: *Retratos da juventude brasileira*. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2004. p.289-90. (Nota do entrevistado)

duplo fenômeno, como bem explicou a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger³¹: de um lado o eclipse das instituições tradicionais produtoras de sentido; e de outro, a expansão das crenças por caminhos alternativos. Para Hervieu-Léger, é a mesma modernidade secularizadora que faculta as condições favoráveis à expansão das crenças, pois é simultaneamente “geradora de utopia e opacidade”³². Como as pessoas não suportam as incertezas e intransparências, altamente prejudiciais para a manutenção da plausibilidade do sentido, elas acionam o dinamismo peregrino da afirmação crente. Os estudiosos na “Nova Era” têm mostrado a força e o vigor das práticas e espiritualidades alternativas, presentes por toda parte. Fala-se em “errância espiritual”, na qual o que menos importa é a crença estabelecida, mas “o modo específico de relacionar elementos e rituais”³³. Verifica-se, ainda, em nosso tempo, uma forte demanda de espiritualidade, de práticas de meditação e de equilíbrio da dinâmica vital, como contrapontos a um modo de viver moderno, marcado pela tensão, pela “corrosão do caráter”, pela busca da eficácia e produtividade. O crescimento de práticas espirituais ligadas às religiões orientais, sobretudo ao budismo, é expressão viva desta busca; bem como de experiências religiosas que proporcionam uma integração com a natureza e a corporeidade. Em obra recente, o psicanalista carioca, Jurandir Freire Costa³⁴, sublinhou que “uma das características fundamentais das espiritualidades asiáticas é o tratamento dado ao físico na condução moral do sujeito”. Antes de ser um impedimento ao aperfeiçoamento espiritual, como em certa tradição cristã, o domínio da corporeidade passa a ser visto como condição essencial para a vida virtuosa, daí a importância das práticas de respiração, postura, alimentação etc., que se tornam instrumentos fundamentais para a aquisição da serenidade e da sabedoria³⁵. Esta nova perspectiva apareceu com enorme clareza, no espaço temático K do V Fórum Social Mundial, dedicado ao tema das novas cosmovisões e espiritualidades. Não há parâmetros de comparação das experiências atuais com as místicas mais tradicionais. Os contextos são bem diversos, e a dinâmica espiritual distinta. Mas há uma certa convergência, pelo menos no sentido da ampliação do olhar, da busca, que é comum, por uma paisagem diferente para a vida pessoal e social.

O poder desalienador da religião. O Amado se confunde com as “ilhas mais estranhas”

***IHU On-Line* - Qual o potencial relativizador da experiência mística com respeito às instituições religiosas tradicionais? Por que a mística é tão ameaçadora ao poder?**

³¹ Daniele Hervieu-Léger é socióloga e dirige o Centro de Estudos Interdisciplinares dos Fatos Religiosos na École de Hautes Études en Sciences Sociales. Ela é autora de inúmeros livros, entre os quais citamos **Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement**. Paris: Flammarion, 1999 e **Catholicisme, la fin d'un monde**. Paris: Bayard, 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

³² Danièle HERVIEU-LÉGER. **Le pèlerin et le converti**. Paris: Flammarion, 1999. p.41-2.

³³ Leila AMARAL. **Carnaval da alma**. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 17. (Nota do entrevistado)

³⁴ Jurandir Freire Costa é psicanalista e professor de medicina social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de **Sem Fraude nem Favor e Razões Públicas, Emoções Privadas** (Ed. Rocco), **O Vestígio e a Aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. Dele, *IHU On-Line* publicou um artigo na 123ª edição, de 16 de novembro de 2004, uma entrevista na 127ª edição, de 13 de dezembro de 2004, e outra entrevista na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁵ Jurandir Freire COSTA. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 210. (Nota do entrevistado)

Faustino Teixeira - O sociólogo Peter Berger³⁶ mostrou, numa de suas obras clássicas, que a religião não tem apenas a função de legitimação do mundo, ou de integração das experiências marginais ou limites, mas também de desalienação. É em nome da mesma transcendência que a religião aciona seu grande potencial de relativização das formações precárias da história humana. Ao percebê-las *sub specie aeternitatis*, ganham uma fisionomia marcada decisivamente pelo traço da contingência e vulnerabilidade.³⁷ Os místicos em particular são aqueles que provocam a mais radical relativização de todas as mediações históricas e institucionais, embora sempre relacionados positivamente ao seu empenho religioso particular. Mas por que esta crítica, ou melhor, liberdade com respeito às instituições ou formas históricas das crenças? Para os místicos, como mostrou tão bem João da Cruz³⁸, no comentário da canção XIV,8 do Cântico Espiritual, o Amado se confunde com as “ilhas mais estranhas”. E isso porque Deus é “estranho” aos homens, anjos e santos que o contemplam. Deus não é um mistério fixado e ancorado, mas é um “Deus que vem”. Na verdade, ser humano algum poderá aprisioná-lo numa visão particular, pois ele é o eterno descobrimento. A dinâmica relacional com o Amado é sempre suscitadora de admiração e maravilha. Daí os místicos reagirem com vigor à tendência institucional de querer abafar em Deus o seu elemento de surpresa e maravilha. Toda crença religiosa traduz um vínculo particular: as crenças tecem, atam e unem com firmeza o transcendente na experiência particular das crenças. Não há como fugir dos vínculos. Eles são como “nós” que atam e modelam a compreensão e traduzem um mundo de sentido. Cada vínculo particular expressa uma compreensão verdadeira, que capta um aspecto ou dimensão da realidade e da verdade, embora sempre limitada. O risco sempre presente nas instituições religiosas históricas é o de limitar o mistério à imagem particular, à crença singular e esquecer ou abafar a presença do mistério que acontece efetivamente em outros vínculos, igualmente verdadeiros. Ao limitar o mistério ao vínculo particular, acaba-se por negar o mistério em sua infinitude e abafar a sua dimensão permanente de gratuidade, e vir a ser. A mística comparada nos ajuda a perceber, de forma muito viva, a presença e a riqueza do mistério que habita as diversas tradições religiosas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O SILÊNCIO DA MÍSTICA SUFI

Entrevista com Vitória Peres de Oliveira

“A presença ou ausência das mulheres nas diversas correntes religiosas também reflete as condições históricas e sociais relativas ao contexto no qual essas mulheres vivem”, explica a pesquisadora e professora da Universidade Federal de Juiz de Fora Vitória Peres. Segundo ela, a mística sufi, associada a uma compreensão esotérica do islã encontra uma participação maior feminina, principalmente na época inicial do islã, quando havia mais espaço social para as mulheres. “Nesses primeiros tempos, pode-se encontrar um grande número de santas e mestras, algumas que seguiam uma via mais ascética, e outras que incorporaram também a via mística”, afirma a professora. Vitória Peres é graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco, mestre em Antropologia Social, pela Universidade Estadual de Campinas e doutora em Ciência

³⁶ Peter Berger, um dos mais conceituados sociólogos norte-americanos da religião, é professor de Sociologia na Universidade de Boston. (Nota do **IHU On-Line**)

³⁷ Peter BERGER. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 108-9.

³⁸ São João da Cruz (1542-1591): doutor em teologia mística e fundador das Carmelitas Descalças (com Santa Teresa de Ávila). Seu dia é comemorado em 24 de novembro. (Nota do **IHU On-Line**)

da Informação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com tese intitulada **Uma informação tácita: o processo de geração e transferência de informação na ciência e no sufismo**. Ela publicou o artigo **Rabi'a al-Adawiyya: a presença da mulher e do feminino na mística sufi** em TEIXEIRA, Faustino (org.). **No limiar do mistério. Mística e religião**. São Paulo: Paulinas. 2004, p. 333-66. A entrevista que segue foi realizada por e-mail.



IHU On-Line - Como se sente a presença ou a ausência da mística feminina nas diversas correntes religiosas?

Vitória Peres- Como disse Moriz Winternitz³⁹, estudioso alemão, "as mulheres têm sido sempre as melhores amigas da religião, mas a religião normalmente não tem sido uma amiga das mulheres". É importante não esquecer que a presença ou ausência das mulheres nas diversas correntes religiosas também reflete as condições históricas e sociais relativas ao contexto no qual essas mulheres viviam. Em relação, por exemplo, à mística sufi, associada a uma compreensão esotérica do islã, pode-se encontrar uma participação maior feminina, principalmente na época inicial do islã, quando havia mais espaço social para as mulheres. Nestes primeiros tempos, pode-se encontrar um grande número de santas e mestras, algumas que seguiam uma via mais ascética, e outras que incorporaram também a via mística. Uma das maiores místicas sufis foi, com certeza, Rabi' a al-'Adawiyya, que é considerada como aquela que trouxe o primeiro desenvolvimento ao misticismo islâmico, ao introduzir o amor desinteressado nos ascéticos ensinamentos da época em que viveu (século VIII). Em princípio, é possível dizer que o portão do caminho da mística sempre esteve aberto para as mulheres no islã. Muitas atingiram graus elevados ou mesmo máximos de espiritualidade. Entretanto, durante a sua história, o islã viveu em contextos históricos e sociais, onde uma interpretação mais formalista da escritura sagrada dominou e, conseqüentemente, o espaço social da mulher muçulmana ficou mais restrito e sua participação nas escolas místicas ficou menor.

“O sufismo é uma palavra, mas quando chega a perfeição só fica Deus”

IHU On-Line - Como descreveria os aspectos mais característicos da mística muçulmana? O que é o sufismo?

Vitória Peres - Não é fácil definir o que seja o sufismo, pois ele é uma realidade espiritual que engloba tanto as mais simples manifestações de piedade dentro do mundo muçulmano como a mais alta realização espiritual. Pode-se dizer que historicamente, na forma em que o conhecemos, o sufismo floresceu no mundo muçulmano principalmente entre os séculos VIII e XIV como expressão da espiritualidade islâmica e caminho espiritual e continuou a desenvolver-

³⁹ Moriz Winternitz (1863-1937): Professor de Filologia indiana e etnologia na German University, foi uma autoridade na literatura indiana antiga e medieval. (Nota do **IHU On-Line**)

se e expandir-se até hoje, mas nunca com o resplendor da sua época áurea. Portanto, o sufismo, é um caminho esotérico e iniciático, ligado à tradição espiritual islâmica. Como caminho esotérico, traduz o aspecto interior do islã e como caminho iniciático, leva o discípulo guiado por um mestre a realizar estados de consciência interiores, que terminam na extinção do seu próprio eu em Deus. O princípio fundamental do sufismo é o *tawhid* ou unidade. Nas palavras do sheik Abu Sa'id: "O sufismo é uma palavra, mas quando chega a perfeição só fica Deus. Isto quer dizer que, quando o sufismo alcança a perfeição, não há nada mais que Deus e tudo o que está fora de Deus já não existe". Uma das características mais marcantes do sufismo é entender que o caminho seguido pelo buscador não deve afastá-lo do mundo, mas que é imerso neste mundo que ele deverá trilhá-lo. Por isso uma das máximas sufis é "estar no mundo, sem ser do mundo". Faz parte de sua disciplina levar o buscador a se autoconhecer e a realizar práticas internas, entre elas, a prática bastante conhecida dos *zikrs*, ou seja, repetições interiores de nomes de Deus, como forma de tomar contato com sua realidade interior mais profunda.

IHU On-Line - Como se relacionam ou se opõem, nas diversas místicas no Islã a paz e a guerra?

Vitória Peres - Diria que, no caso concreto dos conflitos religiosos vividos contemporaneamente, no mais das vezes, eles estão ligados a certas interpretações da religião islâmica. Interpretações estas que, por exemplo, no caso do que conhecemos como "fundamentalismo" ou islamismo (uso fortemente político do islã), estão, muitas vezes, distantes de uma concepção ligada à tradição sufi e até mesmo de uma concepção do que muitos entendem por islã.

A presença da mulher e do feminino

IHU On-Line - Como é considerada a mulher no islamismo e qual é a mística que vivem as mulheres muçulmanas dentro de suas condições?

Vitória Peres- Como disse acima e em artigo que escrevi sobre a presença da mulher e do feminino na mística sufi⁴⁰, em princípio a espiritualidade e mesmo graus elevados dessa espiritualidade estão abertos às mulheres no islã, entretanto as condições sociais e históricas, por vezes, têm deixado um espaço menor, para que as mulheres ingressem nas escolas místicas. Uma das grandes estudiosas do sufismo, Sachiko Murata, diz que o gênero não é uma questão relevante, quando se trata de mística sufi. Como ela sublinha em um dos seus textos: "Se perguntássemos a Rabi'a ou a qualquer outro sufi sobre as 'mulheres de luz', começariam falando sobre a luz. Iriam dizer-nos que não nos preocupássemos tanto acerca do conhecimento do corpo que nos mantém enredados em nossos prejuízos sobre a sociedade, a psicologia e nossos conceitos como a justiça e a igualdade." Assim, portanto, como concordam muitos estudiosos, no caminho místico chamado sufismo, não faz diferença ser homem ou mulher, desde que se seja um buscador sincero. As dimensões masculinas e femininas são entendidas como qualidades que se manifestam tanto na mulher como no homem. Pode-se dizer que a mística sufi abriu às mulheres uma possibilidade real de desenvolverem sua espiritualidade. Grandes mestres do sufismo, como Rumi⁴¹ e Ibn Arabi⁴², tenderam a interpretar

⁴⁰ Ver livro citado na introdução desta entrevista.

⁴¹ Considerado o maior poeta místico de toda a tradição muçulmana, Rumi (Jelaluddin Balkhi) nasceu em 1207, no Afeganistão, e morreu em 1273. O seu pai era um teólogo e um místico e ele tornou-se um sheik na comunidade dervixe.

os termos homem e mulher como designações de qualidades e características. Não se pode deixar de mencionar, entretanto, que, mesmo nessa mística, aberta à participação das mulheres, muitas delas, para trilhar o caminho espiritual em seu grau máximo, tiveram de abrir mão do seu papel feminino de mãe e esposa, isso apesar de o celibato ser desaconselhado no islã e apesar de muitos mestres, entre eles Rumi e Ibn Arabi, terem tido mulheres e filhos. Por isso, para melhor compreender essa questão da participação da mulher, é importante que deixemos demarcadas duas ordens: uma física, histórica, social e política e outra espiritual, interior, metafísica e simbólica. Acontece que nem sempre a abertura de uma das ordens corresponde, necessariamente, à abertura da outra.

IHU On-Line - Quais as principais conclusões que tirou da pesquisa do grupo sufi na sua dissertação de mestrado?

Vitória Peres - Diria que essa pesquisa me indicou que é possível um trabalho interior dentro de uma escola iniciática na atualidade. Também me mostrou que, nem sempre, as escolas da atualidade seguem os mesmos caminhos das escolas tradicionais do passado e que o estudioso deve estar atento às possibilidades de mudança e não ter uma visão congelada do que deve ser um caminho interior, ou seja, é importante estar aberto ao que se encontra no campo de pesquisa. A metáfora do silêncio que usei se refere à insistência desse grupo em não ficar em evidência e em buscar se misturar à sociedade em que vive, sem muitos sinais diacríticos externos, mas buscando uma vivência interna do que poderíamos chamar uma consciência mais interiorizada. (Ver sobre isso dois artigos que escrevi e que foram publicados pela revista *Numen*, do departamento de Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora).

IHU On-Line - Por que o interesse acadêmico de estudar a mística islâmica?

Vitória Peres - O interesse acadêmico surgiu de leituras e efetivou-se com a pesquisa. Principalmente, fui atraída pela enorme riqueza e sabedoria do sufismo e por ver que é tão pouco conhecido aqui no Brasil. Depois comecei também a me interessar sobre o islã e hoje tenho também algumas pesquisas feitas, algumas em parceria com outros sociólogos, sobre o islã no Brasil.

IHU On-Line - Algum outro aspecto que não foi perguntado e gostaria de acrescentar?

Vitória Peres - Creio ser importante que informações corretas sobre o islã cheguem à mídia, para que possamos saber que os muçulmanos são como nós, cheios de diferenças, buscas e dificuldades, e principalmente que o islã é uma religião como as demais. Não é mais cabível pensar que o islã esteja restrito ao fundamentalismo e ligado necessariamente ao terror. Essa é uma visão limitada e equivocada. Quando conhecemos o sufismo, por exemplo, somos apresentados a uma espiritualidade extremamente sofisticada, com poetas grandiosos como Rumi e tantos outros. Não se pode esquecer que o islã é uma religião que dá um sentido à vida de muitos crentes sinceros neste nosso mundo tão conturbado, mas felizmente plural e que, por isso, abre possibilidades distintas de buscar a dimensão invisível.

Mais tarde, tornou-se também um místico e a sua poesia reflete essa sensibilidade e essa forma de sabedoria. (Nota do *IHU On-Line*)

⁴² Ibn Arabi, chamado o "Doutor Máximo" e "vivificador da Religião", nasceu em Múrcia, na Espanha, em 1165 e faleceu na Síria, Damasco, em 1240. O Mestre de Múrcia escreveu centenas de livros, dos quais 150 ainda são conservados. Entre os escritos de Ibn Arabi se destacam a Epístola da Santidade, Pérolas e Sabedoria e As Revelações de Meca, que possui mais de 4 mil páginas no original em árabe. (Nota do *IHU On-Line*)

[\(Voltar ao índice\)](#)

POEMAS SUFI

*Publicamos, a seguir, dois poemas do místico sufi Rumi, tirados do livro **Rubâi'ât** (Paris: Albim Michel, 1993). A tradução do persa foi feita por Eva de Vitray-Meyerovitch e Djamchid Mortazavi e pelos doutorandos Mário Guimarães Werneck Filho e Heliane Miscali de Oliveira, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF.*

O CORAÇÃO – A ALMA

A brisa da manhã trouxe-nos uma mensagem:
Viste tu no caminho um coração pleno de fogo,
Viste tu este coração abraçado e cheio de paixão
Que incendeia cem rochedos de sua chama?

A VISÃO

Quem terá visto algo que em realidade existe, mas não se manifesta?
Quem terá visto o que se manifesta no coração, mas não repousa nos lábios?
Quem terá visto aquele que é a realidade do mundo, mas não se encontra no mundo?
Quem terá visto na existência e na não-existência uma tal não-existência?

[\(Voltar ao índice\)](#)

A MÍSTICA CRISTÃ E O SEGUIMENTO DE JESUS

Entrevista com Marcelo Barros



*Para Marcelo Barros, monge beneditino, viver a mística é incorporar, o jeito de ser de Jesus de Nazaré, sua amorosidade com as pessoas e com o universo e aprender a ser capaz de doar a vida aos outros. Ele define a mística como a iniciação no mais profundo da intimidade amorosa com Deus e a vivência disso no caminho da fé. Sobre o tema deste boletim tem um romance: **A secreta magia do caminho** Rio de Janeiro: Nova Era, 1997. O monge é escritor, e romancista, teólogo e biblista. É prior do Mosteiro da Anunciação do Senhor, em Goiás Velho (GO). Tem 27 livros publicados e dois*

*no prelo. Entre outros, é autor de **Pelos muitos caminhos de Deus – Desafios do Pluralismo Religioso à Teologia da Libertação**. Goiás Velho: Editora Rede, 2003; **O Espírito vem pelas Águas**. Goiás: Editora Rede, 2003; e **Pluralismo e Libertação – Por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.*

IHU On-Line- Como descreveria a experiência mística do monge Marcelo Barros?

Marcelo Barros- Sou nordestino da grande Recife e me tornei monge beneditino aos 18 anos. Estudei Bíblia e trabalhei com Dom Hélder Câmara, então arcebispo do Recife, no diálogo com as outras Igrejas. Há 27 anos, vivo em uma comunidade de monges, inserida no meio do povo pobre da periferia de Goiás Velho e trabalho como assessor dos movimentos populares e das comunidades eclesiais de base, principalmente essa questão da mística e do diálogo ecumênico. Para mim, viver a mística é incorporar, na minha vida, o jeito de ser de Jesus de Nazaré, sua amorosidade com as pessoas e com o universo e aprender a ser capaz de doar a minha vida aos outros. Para isso, procuro dedicar, cada dia, um tempo de oração, de meditação da Palavra de Deus na Bíblia, vibro quando participo de uma celebração profunda da Ceia do Senhor e adoro a Páscoa, como mensagem: é sempre possível renascer e reviver mesmo quando a própria vida parece morta. E minha comunidade celebra a festa da Páscoa em uma grande vigília que se faz no bosque, ao redor de uma fogueira e de uma piscina batismal, festejando a ressurreição de Jesus e a nossa das 2h30min da madrugada às 7h, quando terminamos com um festivo café da manhã.

IHU On-Line- O cristianismo e a mística cristã caminham sempre juntos? Em que casos isso acontece e quando se separam?

Marcelo Barros- Nem sempre cristianismo e mística se dão as mãos. A mística é a iniciação no mais profundo da intimidade amorosa com Deus e a vivência disso no caminho da fé. O Evangelho de João diz que é deixar-se conduzir pelo Espírito (Jo 3). O cristianismo, como qualquer religião, existe em função disso. Toda vez que uma igreja se vê como fim em si mesma e valoriza mais sua dimensão institucional do que a missão de testemunhar o reino de Deus, se separa da mística. Quando se torna serviço ao povo e dialoga com a humanidade em seus grandes desafios, se alimenta com a mística pessoal e comunitária...

IHU On-Line- Como descreveria o momento atual da mística cristã?

Marcelo Barros- É o seguimento de Jesus na sua práxis de solidariedade que cria uma cultura de paz, de justiça e defesa da criação de Deus. Muitos cristãos vivem isso.

IHU On-Line- A vivência de religiosidade popular que existe na Semana Santa tem algo de místico?

Marcelo Barros- Recordar e trazer para hoje a doação de Jesus e a entrega de sua vida pela causa do Reino é um caminho místico. Há quem viva os ritos e costumes da Semana Santa só por costume ou folclore. Mas, há quem vive para fazer da celebração pascal um novo momento de conversão e de aprendizagem para se tornar mais semelhante a Jesus. Isso é um caminho místico.

IHU On-Line- Quais foram as principais mudanças da mística cristã nas últimas décadas para acompanhar, de fato, as mudanças pelas quais a sociedade está passando?

Marcelo Barros- Entrar em maior diálogo com a experiência espiritual e mística presente nas outras religiões e aprender humildemente delas como vivem a intimidade com Deus. Inserir-se mais profundamente nas grandes causas da humanidade, como a paz, a justiça e o cuidado com o planeta... Concretamente, unir-se à parte boa da humanidade que busca um novo mundo possível.

IHU On-Line- No livro que está no prelo, O Sabor da Liberdade, Conversas entre um monge e um jornalista, quais são os principais questionamentos religiosos de um leigo e de um religioso?

Marcelo Barros- O jornalista e o monge abordam a dificuldade e os desafios, para que a gente seja livre hoje. O monge pergunta ao jornalista como ser livre e autêntico como jornalista em um mundo de comunicação globalizada e que atende aos interesses do sistema. O jornalista pergunta ao monge: "E na igreja, (qualquer igreja) se consegue ser livre?" Nós, então, abordamos o caminho que cada um de nós fez em sua vida para ser ao menos peregrino da liberdade (totalmente livres, não somos). No segundo diálogo, como é essa questão da liberdade no mundo. No terceiro diálogo fala sobre as igrejas. No quarto diálogo, nos perguntamos: "Será que a imagem que temos de Deus ajuda a ser livre ou tira a liberdade?" E finalmente, um último capítulo aborda a perspectiva para o futuro, a utopia... Tanto o monge como o jornalista concordam que o caminho melhor ou até único para alguém ser livre é a solidariedade. Liberdade não se dá, se conquista. Eu me torno mais livre, quando me comprometo com a liberdade do outro...

IHU On-Line- O que o cristianismo pode dizer ao homem e à mulher contemporâneos? Qual é o futuro, os possíveis rumos, da mística cristã?

Marcelo Barros- Trabalho com o diálogo entre as religiões e percebo que o cristianismo pode dar uma colaboração única: humanizar cada vez mais o caminho da fé, revelar que a presença divina nunca está fechada, nem no mundo do individualismo, nem religioso. Testemunhar que Deus é amor e não poder e colocar-se junto da humanidade para construir este novo mundo possível...

IHU On-Line- Como a mística cristã poderia se enriquecer com outras místicas e qual a contribuição que o cristianismo poderia dar às outras correntes religiosas?

Marcelo Barros- O que enriquece cada grupo é abrir-se ao outro e dialogar. Sobre a contribuição, os outros grupos é que podem dizer. Temos de nos dispor a receber e, então, certamente, teremos muito a dar. Acho que a dimensão do humano e do social, o cristianismo vive de um modo próprio e pode ser bom para os outros descobrir isso e associar ao seu caminho de fé.

IHU On-Line- Vê obstáculos para uma mística cristã hoje?

Marcelo Barros- O autoritarismo, o dogmatismo na hierarquia e nos pastores... Também o fechamento das igrejas em um moralismo que não faz a ética partir da vida real como aparece nos evangelhos. Isso não é caminho amoroso e por isso impede a mística...

IHU On-Line- Cite uma experiência mística que, como cristão, você tem vivido ultimamente...

Marcelo Barros- Como já falei no primeiro ponto, a festa da Páscoa é para mim um acontecimento místico. Também o que vivo no diálogo com as religiões indígenas e afro-descendentes. Cada vez que participo de uma festa (Xirê⁴³) no Candomblé e vejo como Deus se apossa das pessoas, fico feliz, vibro de alegria interior e me sinto em comunhão mística com isso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

⁴³ Xirê são as cerimônias públicas, a festa, a distração dos Orixás no Candomblé. (Nota do *IHU On-Line*)

BUDISMO E CULTURA DE PAZ

Entrevista com Padma Samten

*“Temos um desafio urgente, que é a criação de uma cultura de paz”, destaca o líder budista e físico Padma Samten. Segundo ele, se pensarmos em estabilizar a felicidade de nossa segurança, tomando por base fatores ou elementos que sejam transitórios e frágeis, nossa felicidade também será frágil e transitória. “Neste momento, estamos imersos em uma cultura que privilegia justamente a busca desses elementos que não garantem a felicidade e a satisfação que buscamos. As pessoas têm crescente dificuldade em integrar-se ao universo econômico, e isso gera muitos excluídos, independentemente da classe de renda e nível social”, destaca o cientista. O líder espiritual budista Lama Padma Samten foi ordenado Lama na linhagem Nimgma do budismo tibetano por Chagdud Tulku Rinpoche, em 1996. Ele é físico, mestre em Física Quântica, e foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Em sua área de formação intelectual, dedicou-se especialmente ao exame dos fundamentos epistemológicos e cognitivos da teoria quântica, nos quais encontrou afinidade com o pensamento budista. Em 1986 ele fundou o Centro de Estudos Budistas - atual Instituto Caminho do Meio -, entidade criada no Rio Grande do Sul que se dedica a promover o estudo e intercâmbio entre as culturas budistas e não-budistas. Os sites de acesso são www.bodisatva.org e www.caminhodomeio.org. Desde que foi sagrado Lama, Padma Samten tem dedicado o seu tempo e energia não só a ensinar o budismo, mas também a trabalhar pela paz mundial e pelo diálogo inter-religioso e cultural. É autor dos livros **A Jóia dos Desejos**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001 e **Meditando a Vida**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001.*

IHU On-Line- O que a mística budista pode oferecer ao homem e à mulher contemporâneos?

Lama Samten- Temos um desafio urgente que é a criação de uma cultura de paz. Todos aspiramos à felicidade e buscamos nos afastar do sofrimento. Estamos em um tempo em que esta questão ficou demasiado simplificada e resumimos tudo a recursos financeiros e poder. Nem os recursos financeiros, nem o poder podem trazer efetivamente a felicidade. Se pensarmos em estabilizar nossa felicidade de nossa segurança, tomando por base fatores ou elementos que sejam transitórios e frágeis, naturalmente nossa felicidade também será frágil e transitória. Neste momento, estamos imersos em uma cultura que privilegia justamente a busca desses elementos que não garantem a felicidade e a satisfação que buscamos. As pessoas têm crescente dificuldade em integrar-se ao universo econômico, e isso gera muitos excluídos, independentemente da classe de renda e nível social. Há também sofrimento e dificuldades entre os que entram no processo econômico e acreditam nos referenciais usuais e posteriormente percebem que não obtêm real êxito nisso e se sentem consumidos por um sistema de onde não conseguem sair. Há também os que são vitoriosos dentro destes referenciais apenas para descobrir mais adiante que ser vitorioso significa ter uma vida competitiva e unicromática, onde partes importantes dos mundos internos emocional, intelectual, social, relacional não serão jamais contempladas. As frustrações se dão em vários níveis, ocasionadas pela introdução generalizada destes referenciais. Estas frustrações trazem, em seu bojo, a expansão acelerada das doenças mentais, desequilíbrios emocionais, violência urbana, exclusão social e o consumo de drogas legais e ilegais, incluído aí também o álcool e as drogas psiquiátricas prescritas pela medicina como meio de apoio. Na visão budista, o papel da espiritualidade contemporânea é ultrapassar as denominações religiosas e ajudar as pessoas a integrarem-se melhor ao mundo. Para isso oferece várias disciplinas em que podemos desenvolver qualidades naturais de compaixão, amorosidade, alegria, equilíbrio, generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração da mente e sabedoria. O objetivo final é compreendermos e podermos viver no reconhecimento de nossas

potencialidades naturais. A realização última é apontada como uma consciência lúcida sobre o que realmente somos e pela capacidade de vivermos de acordo com isso.

Uma economia dirigida pelo coração

IHU On-Line- Do ponto de vista da cosmovisão budista, qual é o lugar da economia e qual a crítica que se faz ao lugar que a economia ocupa na sociedade atual?

Lama Samten- A economia é muito importante dentro de um lar. Os pais e mães têm uma natural habilidade de tratar as questões econômicas com sabedoria, por exemplo, não desejar em demasia, não comprar além das possibilidades, programar as despesas, ter a habilidade de trazer benefícios aos outros de modo que a atividade economicamente remunerada seja possível. Por outro lado, pais e mães estão livres das limitações que a visão econômica normalmente impõe. Por exemplo, eles não pedem garantias aos filhos quanto ao retorno financeiro do investimento que fazem em suas crianças! Eles nem imaginam que algum retorno deste tipo seja necessário! Esta é uma sabedoria importante. Eles manifestam um aspecto amoroso e solidário, em que o próprio movimento de beneficiar seus filhos lhes enche o coração de alegria. Assim, a economia é importante, mas obedecendo ao coração, sendo dirigida por ele. Se, em nossos lares, a economia fosse colocada como o ponto mais importante e dela viessem as diretrizes, nossos corações ficariam demasiado infelizes, e a vida não valeria a pena. O mesmo precisamos praticar socialmente. Só um bom coração é um bom referencial. Nos ensinamentos budistas, se diz: "Mantenha a motivação correta de não ficar dependente do que é transitório, não traga sofrimentos aos seres, traga benefícios a todos, dirija sua própria mente". Essas são as quatro principais leis que se aplicam não apenas ao mundo econômico, mas também a todas as atividades humanas, à ciência e à religião.

IHU On-Line- Que aspectos convergentes e divergentes poderia assinalar entre a experiência mística budista e as das outras correntes religiosas?

Lama Samten- Há uma convergência básica, todos somos naturalmente os mesmos seres humanos, assim, as tradições religiosas ou filosóficas não têm o poder de nos dividir. Todos estamos sob o mesmo céu e sob a mesma realidade maior. Nesse contexto, todas as tradições nos brindam com diferentes métodos de acessar o que é, o que já está lá. No budismo, privilegiamos muito o que se chama de *Guru loga*, ou seja, a busca da natureza última de modo direto e final. Acredito que esta é a força também do cristianismo e do islã. Vejo isso também no hinduísmo e no taoísmo. Todos os grandes místicos encontraram pelo menos parte desta realidade e, neste encontro, está a origem da força deles e da força de suas palavras e ações.

IHU On-Line- Qual é o lugar da ecologia na mística budista?

Lama Samten- A questão ecológica entra em vários diferentes níveis. Quando a visão última se descortina, os meditantes e praticantes vêem que todos os seres, não apenas os seres humanos, têm a mesma natureza ilimitada final. Isso traz respeito e apreciação por cada ser onde ele estiver e do jeito que ele for. Em uma perspectiva média, nossa mente ganha uma mobilidade maior. Somos capazes não só de pensarmos o que é bom para nós, mas também podemos nos colocar na situação prática dos outros seres e reconhecer a experiência deles em meio a suas aspirações, medos, alegrias e sofrimentos. Assim, reconhecendo sofrimentos, brota em nós, de modo natural e não fabricado, um interesse de ajudá-los, semelhante ao que teríamos para nossos filhos queridos ou nossos pais. Também, não só vemos as dificuldades, mas como jardineiros, contemplando plantas e sementes, reconhecemos as flores e frutos, troncos frondosos e galhos fortes que brotarão no futuro. Com esta visão, vemos surgir dentro

de nós a atitude amorosa de proteger e promover estes seres da natureza, como fazemos com nossos filhos amados. Em uma perspectiva inicial, devemos entender que é protegendo os outros seres que protegemos a nós mesmos e a todos nossos amigos e descendentes, pois a vida não é a soma de indivíduos, mas um organismo único cuja sanidade deve ser protegida por todos os componentes.

“Não trazer sofrimentos aos outros e a nós mesmos ou à sociedade e à biosfera”

IHU On-Line- O que a experiência budista poderia dizer à política brasileira atual?

Lama Samten- Minha recomendação a todos é a mesma que tento aplicar para mim mesmo: 1. motivação correta, 2. não trazer sofrimentos aos outros e a nós mesmos ou à sociedade e à biosfera, 3. trazer benefícios a todos, ou seja, a nós mesmos, aos outros com quem nos relacionamos, à coletividade humana e à coletividade da biosfera; 4. dirigir a própria mente, ou seja, não ser dominado por impulsos que firam os referenciais anteriores. Que nossa mente, nossa energia, nossas emoções e nosso corpo sigam o que verdadeiramente vemos como mais apropriado e mais elevado. Para isso, minha sugestão é que todos os envolvidos no mundo político, todos os vocacionados a viver para o bem do próximo, pratiquem suas preces diariamente, pratiquem meditação e vivam dentro de referenciais verdadeiros, livres dos enganos trazidos por aparências sedutoras que os levem a ferir os princípios maiores e roubem sua própria capacidade de felicidade. Que todos lembrem que trazer benefícios é a fonte de toda a felicidade.

IHU On-Line- Como, na sua experiência, se encontram o lado acadêmico e o místico budista?

Lama Samten- A ciência busca aprofundar sobre a natureza real de todas as coisas. A contribuição budista a isso é o reconhecimento de que, para olharmos adequadamente a realidade do mundo, precisamos observar nossas realidades internas que surgem como pressupostos e referenciais e moldam as nossas experiências. Assim, não há contradição entre estas posturas. O budismo é um método complexo de refletir sobre a realidade. Hoje, e também no passado, muitos filósofos e psicólogos desenvolveram visões deste tipo. A introdução do papel do observador na reflexão sobre a realidade é que nos permite dialogar com as várias culturas, tendências políticas e filosóficas e também com as várias tradições religiosas.

IHU On-Line- Algum outro aspecto que não foi perguntado e deseje acrescentar?

Lama Samten- Estamos todos imersos em um processo pedagógico muito claro. Quando estabelecemos relações benéficas conosco, com os seres ao nosso redor, com a coletividade humana e com a coletividade da biosfera, nós nos alegramos e somos naturalmente protegidos. Quando fazemos o contrário, adoecemos, nossa vida encurta, enfrentamos dificuldades de todas as ordens. Se apenas observarmos isso, teremos uma lição importante, sempre igual, e que, se aprendida, nos levará a uma experiência de vida muito mais satisfatória. Nesse sentido, a vida nos propicia ensinamentos o tempo todo. Estamos em um ambiente elevado e protegidos por estes referenciais incessantes. Observem isso, vivam à luz disso e estaremos todos construindo uma experiência conjunta de terra pura de elevação e felicidade em meio à nossa vida passageira neste planeta azul tão raro.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A MÍSTICA AFRO-BRASILEIRA

Entrevista com José Jorge de Carvalho

*O professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), José Jorge de Carvalho, é um estudioso das religiões, especialmente do candomblé. Mestre em etnomusicologia (estudo das culturas por meio da música), e doutor em Antropologia pela UnB, é também PhD em Antropologia Social pela Universidade de Queen's de Belfast, e pesquisador do Cnpq. É autor dos livros **Cantos Sagrados do Xangô do Recife** (Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993) e **O Quilombo do Rio das Rãs** (Salvador: EDUFBA, 1995). A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.*

IHU On-Line - Quais são as principais características das místicas afro? Qual é a participação dos brasileiros hoje nessa prática religiosa ?

José Jorge de Carvalho - Uma característica central da mística das tradições religiosas da África Ocidental (iorubá, fon, etc.), que são as que marcaram mais explicitamente a religiosidade afro-brasileira, é a experiência do transe, prática que geralmente é mal vista nas religiões monoteístas. Há uma complexa variedade de formas de transe, e o adepto vai introjetando os vários modos de relação com os orixás e voduns ao longo da sua vida, de acordo com os graus de iniciação por que passa. A grande realização do êxtase religioso afro-brasileiro está na dança dos orixás, dos voduns e dos inkices. Na verdade, as religiões afro se parecem com as religiões de mistério da Antiguidade Clássica: um mesmo indivíduo tem experiências místicas diferentes segundo qual sejam os deuses em que se iniciou. Junto com o transe está também a presença muito forte de sonhos e visões, que são aceitos em geral como mensagens, ou outras formas de contato com os deuses, o que implica rituais extremamente elaborados, que suscitam um grande exercício da imaginação simbólica. As religiões afro-brasileiras tradicionais são minoritárias no País, hoje, apesar de significativas. Estão, em geral, concentradas nas comunidades negras urbanas mais antigas, nos bairros periféricos das capitais do País. Sua participação numérica, no que tange ao núcleo realmente específico das religiões (candomblé da Bahia, xangô de Pernambuco, tambor de mina no Maranhão e batuque no Rio Grande do Sul) não passa de 5% da população nacional.

A mística espírita

IHU On-Line - E se considerarmos as místicas espíritas? Como as questões acima podem ser respondidas?

José Jorge de Carvalho - A mística espírita é mais difundida na população brasileira que a africana, isso porque seu sistema ritual é muito mais simples e menos exigente. Toda mística espírita está centrada na experiência da mediunidade, que implica um afastamento parcial e temporário do eu individual para que ele sirva de canal e dê passagem a um outro espírito que se manifestará e dará mensagens através do médium. A noção de representação do espiritismo é bem mais ocidental que a africana, porque se baseia na idéia de um conteúdo, de uma mensagem a ser transmitida pelo espírito e recebida pela comunidade. O aperfeiçoamento místico significa um melhoramento do canal mediúnico e da qualidade do espírito, de maior ou menor luz. Sua expressão dominante é o discurso articulado, falado na incorporação ou escrito, através da psicografia.

IHU On-Line - O que se torna mais atraente em ambas as místicas para o homem e a mulher contemporâneos?

José Jorge de Carvalho - Creio que o que atrai pessoas ao espiritismo não é exatamente o mesmo que ao mundo religioso afro. O espiritismo está mais próximo do cristianismo nos seus valores morais e filosóficos, e a qualidade máxima a ser alcançada é a mesma cristã: a caridade. Atrai no espiritismo o desenvolvimento da capacidade mediúnica, qualidade alheia ao credo cristão, seja católico, seja protestante. Um bom exercício da mediunidade pode ser um bom caminho para se chegar a ser um excelente católico. Já a religião afro propõe um sistema de valores muito distinto do cristão ocidental. Uma diferença marcante e, certamente atraente para algumas pessoas, é o lugar da sexualidade, visto não haver a noção cristã de pecado. Os deuses têm vida sexual, o iniciado tem vida sexual e, apesar de ter que obedecer aos preceitos e códigos gerais e específicos de seus santos de cabeça (há dias que não se pode ter sexo, existem épocas de resguardo e abstinência de álcool e sexo, etc.), suas opções sexuais não são, em si mesmas, condenáveis. O que está em questão é a obediência aos preceitos (o controle, digamos) e não a repressão. Outro ponto que atrai cada vez mais as pessoas é a relação que se estabelece com a natureza. Para as religiões afro, toda a natureza é sagrada, e os deuses são forças da natureza, daí a reverência e o cuidado com o ambiente natural por parte do adepto. Ossãe é o deus das plantas, por isso a floresta deve ser respeitada; Oxum é a água doce, as cachoeiras, os rios, as lagoas, que devem ser preservadas; Iemanjá é o mar, Ogum, o ferro, etc. Amar os orixás é amar a natureza, que deve ser zelada. A moderna consciência ecológica é perfeitamente compatível com a consciência religiosa afro-brasileira.

IHU On-Line - A partir da cosmovisão de mundo das místicas espíritas e afros, qual é a visão de sociedade, de história, de compromisso político, formada em militantes desses grupos religiosos?

José Jorge de Carvalho - A concepção de política das religiões afro é menos ligada a uma intervenção direta no espaço público e nas esferas do poder, como ocorre com o cristianismo, por exemplo, que conta com deputados, senadores, etc. O mundo afro não enfatiza esse tipo de intervenção no mundo secular e de certo modo não põe fé no mundo do poder. O principal é zelar pelo seu santo, cumprir os seus preceitos, seguir os seus recados e determinações. Centrar-se, enfim, no seu mundo espiritual, na sua relação com os seus santos. A visão de sociedade se centra na idéia do povo de santo: um iniciado num culto afro pode viajar pelo país inteiro e sempre será recebido em uma outra casa de santo, mesmo que seja de outra nação, simplesmente porque pertence ao povo do santo. Mais ainda, é uma religião que constrói o seu templo (a casa de santo) como um lugar de refúgio: a casa está sempre aberta para quem chegar e nela ficará pelo tempo que necessitar, ou que os deuses determinarem. A lógica da religião afro pareceria alienada se comparada com o tipo de compromisso social explícito da teologia da libertação, por exemplo; por outro lado, ela não é individualista e nesse ponto oferece uma alternativa política ao individualismo extremo que marca a cosmovisão ocidental contemporânea.

IHU On-Line - Como se alimenta a mística em cada uma dessas práticas religiosas?

José Jorge de Carvalho - A prática das religiões afro implica a renovação anual das etapas da iniciação. A incorporação pelos orixás e voduns é um aprendizado que vai refinando a qualidade do transe do adepto e suas capacidades espirituais, como intuição, visão, leitura do jogo de búzios, etc. Outro ponto central é a estética: a dança dos orixás, o canto, a capacidade de preparar as comidas, confeccionar os objetos rituais, etc. Ou seja, a prática mística afro é também um aprendizado das artes sagradas, de novo similar às religiões do mundo antigo. No caso do espiritismo, a mediunidade é também uma prática que se aperfeiçoa, de modo a chegar a receber espíritos cada vez mais luminosos.

IHU On-Line - Alguma outra questão que não foi perguntada e seja importante acrescentar?

José Jorge de Carvalho - Ressaltaria o ponto importante de contraste entre as religiões antropocêntricas, como o cristianismo, por exemplo, que não dá estatuto sagrado nenhum à natureza e às religiões africanas (nem às indígenas) para quem toda a natureza é sagrada; todos os seres vivos têm espíritos, e o homem não rege sozinho sobre a criação, que, no caso do cristianismo, aparece inerte e infértil. Retomar a dimensão de todo o cosmos como sagrado pode ser um ponto importante de partida para um diálogo religioso entre as religiões afro e as religiões cristãs.

[\(Voltar ao índice\)](#)

AS MÍSTICAS PROTESTANTES. A INTERMITÊNCIA ENTRE O SAGRADO "FRIO" E O "QUENTE"

Entrevista com Antonio Gouvêa Mendonça

*Antonio Gouvêa Mendonça é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Graduado em Filosofia e Letras pela USP, e em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente (FTIP), é doutor em Sociologia pela USP, com tese intitulada *Temas Essenciais Sobre Ciências da Religião*. É autor de, entre outros, **O Celeste Porvir - a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Paulinas, 1994; **Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos - O Campo Religioso e seus Personagens**. São Bernardo do Campo: UESP, 1997; e **Igrejas Protestantes e Negros no Brasil - Atlas Afro Brasileiro**. São Paulo: Fase, 2001. Antonio Gouvêa concedeu a entrevista que segue ao **IHU On-Line**, por e-mail.*

IHU On-Line - Devemos falar em mística ou místicas protestantes? O que haveria de comum se elas fossem múltiplas?

Antonio Gouvêa Mendonça - Eu diria, considerando as duas principais vertentes da Reforma Protestante, que há, pelo menos duas formas de mística no protestantismo. Uma delas é a mística protestante alemã derivada da intensa relação de Lutero com os místicos medievais como se sabe. Tauler e a teologia germânica faziam parte da espiritualidade do reformador alemão. Contudo, a presença decisiva da bíblia na vida do fiel com a liberdade que lhe foi dada de ter acesso direto a ela, fez com que a mística alemã fosse mediada pela leitura da Escritura. Então, nessa vertente do protestantismo, a mística já não é aquela aproximação imediata de Deus que os místicos medievais e depois os católicos, em geral, praticavam, mas uma aproximação mediada através da leitura e meditação sobre o texto com liberdade e devoção. Essa mística foi expressa no conhecido pietismo, desenvolvido, principalmente, por Jacob Boheme⁴⁴, Herman Francke e Felipe Jacó Spener⁴⁵. A outra vertente é a calvinista. Calvino, que nos seus escritos e organização do culto parece mais racionalista do que Lutero, desenvolve e recomenda intensa espiritualidade através da oração, não a oração estereotipada e coletiva, mas a oração individual e íntima com Deus, se possível no recesso do aposento do fiel. À

⁴⁴ Jacob Boheme (1575 -1624), Místico protestante que escreveu livros sobre Cabala, teorias pitagóricas, alquimia e assuntos transcendentais em geral. (Nota do **IHU On-Line**)

⁴⁵ Ao mesmo tempo, depois da Reforma, na Alemanha se desenvolveram idéias semelhantes, baseando-se na teologia de Theophil Grossgebauer, que em 1661 editou o livro **Voz do Atalaia da Devota Sião**, lançando as bases do pietismo desenvolvido mais tarde por Felipe Jacó Spener (1635 - 1705) e August Hermann Francke (1663-1627). (Nota do **IHU On-Line**)

disciplina mediada do culto, contrapõe-se à liberdade da aproximação direta e intensa de Deus. É conhecido o lema de Calvino inscrito em torno de uma mão que segura um coração em chamas: *Cor meum tibi offero Domine prompte et sincere*⁴⁶. Aparentemente, são formas diferentes de mística, mas elas têm, em comum, o fato de nenhuma delas se alimentar da simples contemplação, mas são usadas como preparo e meio de agir no mundo.

IHU On-Line - Como o amadurecimento da mística protestante pode ter influenciado a ética protestante apontada por Weber em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*?

Antonio Gouvêa Mendonça - A ética de que trata Weber é principalmente a dos puritanos, grupo difuso do protestantismo calvinista que se desenvolveu na Inglaterra no desenrolar da Reforma. Desejavam a liberdade religiosa e a separação entre Igreja e Estado. Considerando, como Calvino, que o mundo era o palco da glória de Deus e que tudo lhe pertencia, desenvolveram a ascese mundana, isto é, a aproximação máxima de Deus através da ação no mundo. Tendo como base a doutrina da predestinação, desenvolveram uma ética que lhes permitisse saber se eram ou não destinados à salvação. O sucesso na administração dos bens de Deus segundo os padrões da mordomia divina, isto é, o uso parcimonioso do dinheiro com o fim exclusivo de uma vida digna e não faustosa, constituiria sinal seguro da eleição. Desenvolveram uma mística ascética no mundo.

IHU On-Line - Como as espiritualidades católica e protestante se influenciaram? O que de melhor cada uma absorveu da outra?

Antonio Gouvêa Mendonça - Eu diria que toda a espiritualidade cristã tem um ponto de partida comum: a busca incessante da comunhão com Deus através de Jesus Cristo, isso por parte de indivíduos solitários ou de pequenos grupos de devotos reunidos em lugares não sagrados, isto é, não instituídos como igreja. Eu disse acima que Lutero prolongou de certo modo, porque estabeleceu a mediação da bíblia, toda a beleza da mística medieval na mística que seria desenvolvida depois na Alemanha. Essa mística, tanto a alimentada pela devoção à bíblia e desenvolvida na piedade cristã como a espiritualidade sustentada pela oração, advém da mística católica como patrimônio comum. Contudo, se distinguem pelas formas: a católica é contemplativa, e a protestante é voltada para a ação no mundo.

IHU On-Line - Que correntes ou denominações das espiritualidades protestantes mais procuram responder às necessidades dos homens e das mulheres de nosso tempo e como o fazem?

Antonio Gouvêa Mendonça - Entendo que a pergunta se refere às necessidades de ordem religiosa, isto é, espirituais, e que têm a ver com os problemas do cotidiano das pessoas. Entendo também que estamos falando das denominações protestantes tradicionais. Dito isso, poderíamos dizer que a prática da espiritualidade corre paralela à racionalidade e à ordem estipulada pela respectiva tradição denominacional. Há duas formas de cultivar a espiritualidade no protestantismo tradicional: uma é aquela já mencionada do cultivo devocional da bíblia, praticado por todos os protestantes, mas principalmente pelo pietismo da tradição alemã, e a outra é a prática da oração espontânea e individual. Isso já foi dito. Mas, como essas práticas não se inserem geralmente na prática cultiva das igrejas, há generalizada prática da espiritualidade, mesmo de uma mística, através de devocionários, alguns para leitura e meditação diárias. Regra geral trazem um texto bíblico e um comentário prático de como viver

⁴⁶ Tradução: Senhor, o meu coração, pronto e sincero, ofereço a Ti! (Nota do *IHU On-Line*)

aquele ensinamento naquele dia. Encerra-se com uma breve oração que pede a ajuda divina para o dia. Alguns devocionários são clássicos como *Mananciais no Deserto*, por exemplo. Outro clássico devocionário é *O Caminho*, do metodista norte-americano Stanley Jones, um pregador que viveu na Índia e conheceu os *ashrams* místicos, cujo modelo lhe serviu para fundar um semelhante para a prática da mística cristã. Em suma, as denominações tradicionais, regra geral, não dão espaço para a mística, nem mesmo para a expressão mais emotiva de seus fiéis.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios para o diálogo com as outras espiritualidades não-cristãs.

Antonio Gouvêa Mendonça - Penso que o desafio é um só: o não reconhecimento de que as grandes religiões mundiais cultuam um mesmo Deus sob revelações diferentes. Em fins do século XIX foi iniciado o movimento ecumênico que, interrompido por duas guerras, recomeçou com vigor três anos após a Guerra de 1939-45, exatamente em 1948 com a fundação, em Amsterdã, do Conselho Mundial de Igrejas. O movimento ecumênico, que tinha suas bases na Escola da História das Religiões, foi inicialmente obra de leigos, principalmente de jovens estudantes universitários, que entendiam ser possível, ao menos, entre os múltiplos protestantismos, haver entendimento e cooperação com o fim de ajudar a enfrentar os desafios de um mundo fragmentado e desorientado por duas guerras seguidas. Infelizmente, o fundamentalismo protestante combateu tenazmente o ecumenismo e impediu que ele se firmasse ao menos no próprio protestantismo. Por isso, o diálogo com outras formas de espiritualidade, ou religiões, não foi adiante. Hoje, o movimento ecumênico está letárgico. Contudo, nota-se um avanço razoável, não nas instituições eclesiásticas, mas entre os cristãos em geral, uma sensível disposição para o diálogo inter-religioso, para o mútuo respeito e compreensão. Alguns obstáculos já foram superados, como preconceitos e verdades estabelecidas. Em suma, parece que as diferenças tendem a desaparecer quando é cultivada a espiritualidade em lugar de dogmas e doutrinas.

IHU On-Line - Quais as principais diferenças que podem ser apontadas na vivência da mística protestante na América Latina e nos outros continentes, especialmente na Europa?

Antonio Gouvêa Mendonça - É arriscado estender esta pergunta a toda a América Latina, porque, ao contrário do que em geral se pensa, há muitas diferenças de cultura entre o Brasil e os países hispânicos do nosso subcontinente. É possível que os protestantismos da América espanhola tenham uma maior proximidade com a mística por causa da tradição na produção de místicos e de uma literatura mística notável cultivada na Espanha. Quanto ao Brasil, parece que o realismo português, tão estudado pelos autores que procuram entender a formação da cultura brasileira, nunca cedeu muito espaço para a contemplação do que estava além da natureza terrena. Além disso, o protestantismo que chegou ao Brasil, trazia uma dupla face: uma pragmática expressa em suas escolas e outra messiânica de espera presente em suas congregações locais. Contudo, o estudo dos hinos cantados com maior frequência nessas congregações mostra a insistência no tema da superação deste mundo pecaminoso em favor de um paraíso futuro sob a metáfora de uma Nova Jerusalém. Estava aí presente a mística do puritano batista João Bunyan (1628-1688) expressa no clássico *The Pilgrim's Progress from this world to that which is to come*, considerado monumento da literatura inglesa. Em português o título foi traduzido simplesmente por *O Peregrino* e exerceu muita influência na espiritualidade protestante brasileira. Entretanto, o historiador francês Émile-G. Leonard, que esteve no Brasil

durante três anos e escreveu o clássico *O Protestantismo Brasileiro*⁴⁷, não viu no protestantismo tradicional do Brasil nada além do culto-trabalho. Outros vêm os templos protestantes como escolas onde se aprende a Bíblia e a doutrina. Fica a mística relegada ao plano individual como já foi explicado.

IHU On-Line - Algum outro aspecto que queira destacar e não foi perguntado?

Antonio Gouvêa Mendonça - Podemos voltar ao plano comparativo entre a mística católica e a protestante. Neste, como dissemos, ela fica no plano individual e corre paralela à instituição que se apegue à lógica da doutrina. O máximo de emoção permitida corre por conta dos hinos de origem pietista que ainda são cantados nos cultos, mas com emoção contida e subjetiva. Quando a emoção começa a penetrar nos cultos ou a ser cultivada em grupos fora da igreja, as reações das lideranças, muitas vezes, promovem a perda de parte da congregação que, por sua vez, forma outra comunidade segundo suas necessidades espirituais. Assim se explica, em boa parte, o divisionismo protestante, assim como o surgimento das igrejas pentecostais. A mística católica, ao contrário, é conservada à parte, embora sempre respeitada como um depósito de fé e espiritualidade. Quando, em certas ocasiões, ela se aproxima da prática cultiva e da vivência comunitária, é contida e absorvida de alguma maneira. Como a mística e a emoção representam perigo de ruptura do poder eclesiástico, tanto no catolicismo como no protestantismo, as reações surgem em ambos os lados, embora de maneira diferente: no catolicismo, busca-se a absorção dos indivíduos ou grupos e, no protestantismo, rompe-se a comunidade, formando-se outras. Como diria Roger Bastide, a intermitência entre o sagrado “frio” e o sagrado “quente” marca a vida das comunidades protestantes.

[\(Voltar ao índice\)](#)

LITERATURA E MÍSTICA NA COMPREENSÃO DO BELO, DAS MINORIAS

Entrevista com Marco Lucchesi

*Para o poeta e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marco Lucchesi, em entrevista concedida por e-mail ao IHU On-Line, literatura e mística fazem parte de uma mesma compreensão e compartilham signos e referentes, marcadas por uma expressão comunicativa. “Em ambas, formas abertas, plurais, quebra da compreensão de gêneros e afins. Tendência ao fragmento. Ao brilho do fragmento. À idéia do fragmento que dialoga com um todo perdido”. Lucchesi é poeta, ensaísta e tradutor. Publicou, dentre outros livros **A paixão do infinito** (Rio de Janeiro: Clube de Literatura Cromos, 1994); **Bizâncio** (São Paulo: Record, 1996); **O sorriso do caos** (São Paulo: Record, 1997); **A sombra do Amado: poemas de Rûmî** (Rio de Janeiro: Físis, 2000); e **Sphera, Poemas reunidos** (Rio de Janeiro: Record, 2001). Organizou as edições de **Artaud, a nostalgia do mais** (Rio de Janeiro: Numen, 1989); **Leopardi: poesia e prosa** (RJ: Nova Aguilar, 1996); **Jerusalém libertada**, de Torquato Tasso (Rio de Janeiro: Topbooks, 1998); e **Caminhos do islã** (Rio de Janeiro: Brazilian Books, 2002). Seus poemas foram traduzidos em livro para o alemão por Curt Meyer-Clason, para o romeno por G. Popescu, para o espanhol por Rodolfo Alonso e para o persa por G. Fahmi. Lucchesi é pós-doutor pela Universidade de Colônia, Alemanha e doutor em Ciência da Literatura, pela UFRJ, com tese intitulada: **O prefácio de Deus: a estruturação do empíreo dantesco**. Leciona Literatura Italiana e Comparada na Pós-Graduação da UFRJ. É membro do Pen Club, da Sociedade Brasileira de Geografia, da Sociedade de Estudos Clássicos, da Sociedade de Literatura Comparada e da Academia Fluminense de Letras. Colabora eventualmente com diversos jornais e revistas, como **Jornal do Brasil**, **O Globo**, **Folha de S.Paulo** e **O Estado de S. Paulo**. Entre as várias honrarias recebidas estão a*

⁴⁷ Émile G. Léonard. *O Protestantismo Brasileiro*, 2ª ed. São Paulo: Aste, 1963. (Nota do *IHU On-Line*)

medalha da Camera di Commercio di Lucca, o Mérito da União Brasileira de Escritores, a medalha Tiradentes e a medalha Geraldo Bezerra de Menezes. No livro **No limiar do mistério. Mística e religião** organizado por Faustino Teixeira e publicado, em 2004, pelas Edições Paulinas, Marco Lucchesi publicou o artigo “Rûmî: a dança da unidade” nas páginas 321-332.

IHU On-Line- Qual é a importância da mística na época da decadência das narrativas?

Marco Lucchesi - Não me sinto próximo de uma compreensão que defina os tempos que correm como representados pela decadência das narrativas. O conceito “decadência” é de ordem mítica ou ideológica e pressupõe uma ordem evolutiva, que não resulta em horizonte mais justo e mais amplo. Além disso, a experiência mística traz a marca de uma paixão narrativa, mesmo quando se decide pelo silêncio (da narrativa). O estado de apofasia pura torna-se intransmissível. Em outras palavras: o silêncio atravessa e sustenta a narrativa, e se espalha entre as palavras, como queriam as correntes clássicas da cabala. Perguntavam-se os rabinos se o branco da página e o intervalo entre as letras não representava uma língua diversa e desconhecida. Assim, para que não haja palavra, é preciso investir no horizonte da palavra. A narrativa – portanto – é onipresente. E a variedade da experiência mística, em termos de linguagem e estrutura, é imensa, tão vasta e plural como são as formas da narrativa. Seria preciso reconstruir aqui uma pequena história do infinito para compreender todas as diferenças ou seguir pelas escadas perdidas de Babel.

IHU On-Line- Em suas obras e em seu trabalho, como se encontram a literatura e a mística?

Marco Lucchesi - Há momentos em que elas se cruzam. Em alguns livros confessionais, como *Saudades do paraíso* (Rio de Janeiro: Lacerda, 1996) e em *Os olhos do deserto* (Rio de Janeiro: Record, 2000), abordo minhas questões e perplexidades. Há um capítulo sobre a busca de Deus, em *Saudades*, que me permitiu fazer muitos amigos, após a sua leitura. Em *Os olhos*, recolho muitas viagens que realizei pelo Oriente Médio, em desertos da Síria, da Jordânia, do Egito e de Israel. Sobre o islã, organizei um volume intitulado *Caminhos do Islã* (Rio de Janeiro: Record, 2002), além de traduzir místicos como São João da Crua, Dionísio-Areopagita, e tantos outros. Gosto do catolicismo popular, fui a Juazeiro do Norte, ao Irã, e busquei as formas que fazem de nós semitas espirituais. Depois, o acontecimento de Dante⁴⁸, em minha vida, desde a primeira adolescência, e muito antes, que busquei estudar como um enigma extraordinário. Mas, enfim, o que me interessa nisso tudo é a sua razão poética, as formas da expressão plural dessas experiências, que podem abraçar o barro e o cristal, a grandeza desesperada de Artaud⁴⁹ ou o silêncio de Rumi⁵⁰ (aos quais dediquei igualmente alguns anos de minha vida).

⁴⁸ Dante Alighieri, (1265-1321) escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é **A Divina Comédia**. (Nota do **IHU On-Line**)

⁴⁹ Antonin Artaud (1896-1948), Poeta, dramaturgo, diretor e ator francês, Artaud tem como proposta despertar as forças inconscientes do espectador, para libertá-lo do condicionamento imposto pela civilização. Não há separação rígida entre palco e platéia. Parte de sua teoria está exposta no livro **O Teatro e Seu Duplo** (1936). (Nota do **IHU On-Line**).

⁵⁰ Considerado o maior poeta místico de toda a tradição muçulmana, Rumi (Jelaluddin Balkhi) nasceu em 1207, no Afeganistão, e morreu em 1273. O seu pai era um teólogo e um místico e ele tornou-se um sheik na comunidade dervixe. Mais tarde, tornou-se também um místico e a sua poesia reflete essa sensibilidade e essa forma de sabedoria. (Nota do **IHU On-Line**)

***IHU On-Line* - O que há de comum e de diferente na literatura e na mística no tempo que estão atravessando?**

Marco Lucchesi - Para mim, ambas fazem parte de uma mesma compreensão e compartilham signos e referentes, marcadas por uma expressão comunicativa. Em ambas, formas abertas, plurais, quebra da compreensão de gêneros e afins. Tendência ao fragmento. Ao brilho do fragmento. À idéia do fragmento que dialoga com um todo perdido. Além disso, a mudança da compreensão do belo ou do asséptico, sobretudo, na compreensão das minorias. Podemos falar sobre uma espécie de mística das minorias e suas mais que seculares reivindicações. Um Deus como o de Nicolau de Cusa⁵¹ cujo rosto é quase um espelho (no *De visione Dei*). Um Deus capaz de ter a grandeza de um só fragmento. Esse me parece um aspecto definitivamente fascinante.

As muitas gramáticas da mística

***IHU On-Line* - O que poderia destacar como mais relevante na literatura mística, produzida nas últimas décadas?**

Marco Lucchesi - Primeiro, as questões que acabo de descrever. Essa dialética do fragmento e da totalidade. E das muitas gramáticas da mística. É o fim do cânone exclusivo. Depois, quem sabe, as experiências mistas, ou complexas, que atravessam as questões místicas, além das igrejas, ou a despeito das igrejas oficiais, em que se observam fluxos que se movem em muitas vias de mão e contramão das tradições intra ou extra-ocidentais. Uma espécie (como inventei de chamar) de *tarda theologia* (comparada com a *prisca theologia*, do Renascimento), ou seja, uma forma de compreensão que ultrapassa as fronteiras das religiões e mostra (como o islã, ao menos até 622) que a revelação (quando e se houver) pertence a todos os povos e se desdobra em múltiplos aspectos e apelos. Finalmente – numa clave impressionante para alguns e desesperada para outros – a emergência de uma mística seca, ou de uma mística sem objeto, restrita ao campo do sujeito, e desdobrável em campos irreduzíveis. De algum modo, assistimos nos anos 1980-1990 à retomada de preceitos que se movem na conjuntura não exatamente da morte, mas da derrota de Deus. Penso aqui mais especialmente no grande livro do teólogo italiano Sergio Quinzio.

***IHU On-Line*- Poderiam ser assinaladas especificidades na forma de narrar a mística no Brasil, diferente de outras narrativas?**

Marco Lucchesi - Parte-se do mesmo repertório. O horizonte funda-se no fundo e na superfície da narrativa. Portanto, não pode haver cisão entre ambas. Pode-se, no máximo, perguntar quantos e quais endereços místicos existem e quantas serão as formas de expressão literária. Algumas narrativas são lineares, outras apresentam descontinuidades. No primeiro caso, a obra de Teresa de Ávila⁵². No segundo, a de Juan de la Cruz. Outras, ainda, como em Dante,

⁵¹ Nicolau de Cusa (1401-1464): Eclesiástico, filósofo e matemático italiano nascido em Cusa (Kues), cidade alemã da diocese de Treves, que atingiu o cardinalato e foi considerado como modelo do "homem universal" preconizado pelo Renascimento, pelo seu anseio de conhecimento e pela diversidade de assuntos que abordou. (Nota do *IHU On-Line*).

⁵² Teresa de Ávila (1515 - 1582). Freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das *Carmelitas*. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31, e enorme

apresentam ao menos quatro níveis de leitura e um problema hermenêutico. Cada expressão mística constitui uma surpresa, uma qualidade irreduzível, singular. A mística comparada estabelece – depois dessas ressalvas – o laço de continuidade que formas diversas podem guardar entre si (porque diversas).

IHU On-Line- A poesia pode levar a uma experiência mística? Pode citar algum exemplo?

Marco Lucchesi - Não creio que a poesia represente uma via mística. Existem poetas que são místicos. Ou santos. Ou loucos. A obra de Antonin Artaud é deveras impressionante. Uma poesia que se volta para uma espécie de totalidade perdida. Por outro lado, a maravilhosa poesia de Hopkins⁵³, árdua e nova, é uma busca tremenda de Deus, a partir de naufrágios e de outros escolhos, numa partitura irreduzível. Outro poeta, como Davide Maria Turoldo⁵⁴, que realiza o diálogo entre Deus e o Nada, este imenso oceano em que navega o Deus cristão. Ou, ainda no Brasil, a poesia mística (e suas vastezas e altitudes) como a realizada por Murilo Mendes⁵⁵ e Jorge de Lima⁵⁶. E, de novo, corremos para uma pequena (porque não saberíamos seguir além) história do infinito.

TEILHARDIANA

Poema Marco Lucchesi

O poema que segue, de autoria de Marco Lucchesi, foi extraído do site <http://web.telia.com/~u25010161/marcolucchesi.htm> e é por nós publicado com autorização do autor

o cristo
da matéria
se apressa
inelutável
para ômega
o rosto
dos vivos

correspondência, com 458 cartas autenticadas. Acaba de ser publicado o livro ***Teresa - A Santa Apaixonada***, de autoria de Rosa Amanda Strausz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. (Nota do ***IHU On-Line***)

⁵³ Gerard Manley Hopkins (1844-1889): poeta jesuíta inglês (Nota do ***IHU On-Line***)

⁵⁴ Davide Maria Turoldo: padre e poeta italiano (Nota do ***IHU On-Line***)

⁵⁵ Murilo Mendes (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, ***Poemas***, em 1930, ano em que também estréia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota do ***IHU On-Line***)

⁵⁶ Jorge de Lima (1893-1953) Médico e poeta, de Lima nasceu em Alagoas. Estudou Medicina em Salvador, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde defendeu tese sobre os serviços de higiene na capital federal. Ainda estudante de Medicina, publicou seu primeiro livro, ***XIV Alexandrinos*** (1914). Após ter se formado, retornou a Maceió. Sem jamais ter abandonado a Medicina, lecionou na Escola Normal Estadual da cidade, chegando a ser diretor. Ocupou outros cargos públicos estaduais, como Diretor-Geral da Instrução Pública e Saúde e Deputado, além de manter constante seu interesse pelas artes plásticas. Em 1930, transfere-se, definitivamente, para o Rio de Janeiro, onde clinica e leciona Literatura Brasileira, nas Universidades do Brasil e do Distrito Federal. Em 1925 foi eleito vereador, ocupando, três anos mais tarde, a presidência da Câmara, no Rio de Janeiro. Em 1945, entrou em contato com o Modernismo nacionalista e, em 1935, converteu-se ao Catolicismo. (Nota do ***IHU On-Line***)

e a sombra
das aves
a palavra
rosa
e seu
perfume
as chamas
do medo
e as águas
lustrais
meu sonho
escuro
teu rosto
claro
meio-dia
e plenilúnio
seguem
fusos
circunfusos
aos mares
irredentos
do todo

PENTECOSTES

Poema de Murilo Mendes

*O autor do poema a seguir, Murilo Mendes, é citado por Marco Lucchesi na entrevista por nós realizada. O poema foi extraído do livro **Tempo e Eternidade** (Porto Alegre: Globo, 1935), escrito com Jorge de Lima, e pode ser encontrado no site www.memorial.org.br/paginas/cbeal/Murilo_Mendes/Catolico.htm*

Um vento impetuoso que ninguém sabe de onde vem
Penetra na sala rústica onde estão os apóstolos,
Sopra sobre todos, entra neles de alto abaixo;
Há uma transfusão de almas inesperada.
O vento sopra mais, divide-se em línguas de fogo,
Abre o espírito dos homens, renovando a terra.
O vento continua implacável a soprar,
Sai da sala, percorre cidades, desertos e planícies,
Levanta igrejas, conventos, hospitais,
Cura leprosos, ressuscita agonizantes e mortos,
Atravessa os tempos, continua soprando, circular,
Move minha alma que move meu corpo que move minha pena,
Impele de novo os homens ao fim supremo
E continuará amanhã e até a consumação das eras
Levando a todos o espírito de luz consolador.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O MOVIMENTO ZEN E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Entrevista com Monja Coen

*“O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um terreno fértil e propício para a inclusão da espiritualidade como elemento de transformação social. A mudança do mundo depende da mudança do modelo mental. Temos de conhecer a nós mesmos e como funciona a mente humana e como ela tem sido alimentada por uma cultura de guerra, de violência, de opressão, de patriarcalismo, de colonialismo”, afirma a monja brasileira Coen Sensei ao **IHU On-Line** em entrevista concedida por e-mail. Monja Coen Sensei é missionária oficial da tradição Soto Shu - Zen Budismo com sede no Japão e é a Primaz Fundadora da Comunidade Zen Budista, criada em 2001, com sede em Pinheiros, São Paulo. O site da Monja é <http://www.monjacoen.com.br/index.htm> Iniciou seus estudos budistas no Zen Center of Los Angeles - ZCLA. Foi ordenada monja em 1983, mesmo ano em que foi para o Japão aonde permaneceu por 12 anos sendo oito dos primeiros anos no Convento Zen Budista de Nagoia, Aichi Senmon Nisodo e Tokubetsu Nisodo. Participou de vários cursos e programas de formação para monges tendo se graduado no mestrado da tradição Soto Shu. Retornou ao Brasil em 1995, e liderou as atividades no Templo Busshinji, bairro da Liberdade, em São Paulo, e sede da tradição Soto Shu para a América do Sul durante seis anos. Foi, em 1997, a primeira mulher e primeira pessoa de origem não japonesa a assumir a Presidência da Federação das Seitas Budistas do Brasil, por um ano. Participa de encontros educacionais, inter religiosos e promove a Caminhada Zen, em parques públicos, com o objetivo de divulgação do princípio da não violência e a criação de culturas de paz, justiça, cura da Terra e de todos os seres vivos. Inspira-se na frase de Mahatma Gandhi: **Temos que ser a transformação que queremos no mundo.** A editora Publifolha lançou neste mês de março o livro de Monja Coen **Viva Zen**. Ela também publicou o artigo “Mística zen-budista” em: TEIXEIRA, Faustino. **No limiar do mistério. Mística e religião**. São Paulo: Paulinas. 2004, p. 399-416.*

IHU On-Line- Como se expressa, na experiência mística e no dia-a-dia, o objetivo de criar Culturas de Paz, Justiça e Cura da Terra?

Monja Coen- A prática dos ensinamentos de Buda é a prática de nossa própria vida diária - é o respeito à vida em sua diversidade, é a transformação por meio da não-violência ativa, é a cura da ganância, da raiva e da ignorância por intermédio das práticas de meditação sentada - zazen, da percepção consciente de si mesma, da capacidade de agir para transformar ao invés de apenas reagir ao mundo.

IHU On-Line- Você foi a primeira mulher e a primeira pessoa de origem não-japonesa a presidir a Federação das Seitas Budistas do Brasil, entre 1997 e 1998. Como descobriu esse caminho e como chegou a tal grau de engajamento?

Monja Coen- Causas e condições propícias tornaram possível que eu assumisse, por um ano, o cargo de Presidente da Federação das Seitas Budistas do Brasil. A Presidência da Federação tem uma rotatividade anual e cabe a cada uma das seis tradições participantes liderar por um ano a Federação. Coube ao nosso grupo essa liderança e eu era, no momento, a pessoa responsável pela tradição em São Paulo. Tendo recebido a solicitação da Federação e o consentimento de meus superiores no Japão, tive a honra de ser a primeira pessoa de origem não-japonesa a ocupar tal posição. Causas e condições benéficas e favoráveis, apenas.

IHU On-Line- Você participou do recente Fórum Social Mundial. Que relações podem ser estabelecidas entre a mística zen-budista e o grande movimento antiglobalização?

Monja Coen- O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um terreno fértil e propício para a inclusão da espiritualidade como elemento de transformação social. A mudança do mundo depende da mudança do modelo mental. Temos de conhecer a nós mesmos e como funciona a

mente humana e como ela tem sido alimentada por uma cultura de guerra, de violência, de opressão, de patriarcalismo, de colonialismo... E podemos transformar o mundo como quisermos, como disse Mahatma Gandhi. As tendas reservadas para práticas de meditação, diálogo e reflexão ficaram lotadas. Fizemos a Caminhada Zen, em silêncio e em fila indiana, propondo a paz e o respeito nos relacionamentos em todos os níveis. Conversamos, ouvimos para compreender, falamos de coração para coração, questionamos, meditamos e formamos uma rede de parceiros virtuais para dar continuidade a políticas públicas e privadas que visem à construção de uma cultura de paz, justiça e cura da Terra.

IHU On-Line- Como a mística zen-budista pode responder aos problemas mais gritantes do homem e da mulher contemporâneos?

Monja Coen- A mística zen-budista, traduzida pelo grupo Zen Peacemaker Order, se baseia em três princípios: - não saber - manter a mente aberta, sem idéias preconcebidas, sem discriminações, pronta a aprender e resolver o que se apresentar de maneira lúcida e coerente com os princípios budistas; - testemunhar - ouvir para compreender, estar presente, participar dos problemas e das dificuldades de onde estamos; juntar pessoas para conhecer situações: - ação amorosa – a partir da mente aberta e flexível, do encontro com a realidade testemunhada, fazer ações de respeito à dignidade de cada forma de vida, amorosa, terna e plena de compaixão.

IHU On-Line- Como foi a experiência da caminhada zen no Brasil? Sente que tem havido uma mudança no imaginário dos não-budistas que consideravam o zen como algo alienante?

Monja Coen- Cheguei ao Brasil em 1995. Nesses dez anos, um número muito maior de pessoas tem tido acesso a mais informações sobre o zen-budismo e outras formas de ensinamentos budistas por meio de filmes, revistas, programas de televisão, livros. Estamos vivendo um momento em que as pessoas procuram pela harmonia, pelo equilíbrio, pela paz interior e exterior, pela tranquilidade, pela felicidade. O número de praticantes e simpatizantes, em todas as tradições budistas, tem aumentado consideravelmente. Tanto pelos mestres, templos, literatura nacional e internacional, como pelo momento histórico, social, econômico, cultural. Um grande mestre zen disse: "Quando a necessidade é pequena, é preenchida de forma pequena; quando a necessidade é grande, é preenchida de forma grandiosa." Qual a necessidade atual? Assim está sendo preenchida.

IHU On-Line- Como os não-budistas podem se enriquecer com a mística zen?

Monja Coen- Zazen – A meditação sentada e os ensinamentos zen para a vida diária (plena atenção respiração consciente, compaixão, amorosidade, sabedoria, compreensão) podem ser praticados por pessoas de quaisquer tradições religiosas, ou mesmo, pelos que não crêem em nenhuma religião. Há, nos Estados Unidos, padres católicos que são mestres zen, assim como rabinos e líderes de outras tradições religiosas. Os ensinamentos que nos levam da ignorância, da dualidade, da discriminação, do egocentrismo para a sabedoria, o uno, a não-discriminação, o altruísmo, definitivamente, fazem bem a todos os seres.

IHU On-Line- Algum outro aspecto que gostaria de acrescentar e não foi perguntado?

Monja Coen- Que todos os seres se beneficiem e despertem para a realidade do interser. Estamos todos inter-relacionados e interdependentes. Nossa origem é dependente. Nada existe por si. Fazemos parte de uma rede de relacionamentos. Cada um de nós é importante. Nossos pensamentos, nossos gestos, nossas palavras alteram o todo, assim como cada um de nós se

modifica de acordo com o todo. A sabedoria plena iluminada é nosso direito humano. Podemos acessar ao mais sagrado, à verdade suprema que há em cada um de nós. Podemos e devemos. As mudanças sociais, econômicas, políticas, ambientais de que tanto falamos dependem da coerência de nossos sentimentos, pensamentos e ações. Que todos os seres despertem para a Verdade Suprema e que todos se beneficiem.

[\(Voltar ao índice\)](#)

MINHA DIREÇÃO ESPIRITUAL COM THOMAS MERTON

Entrevista com Ernesto Cardenal

O texto que publicamos a seguir, de autoria de Ernesto Cardenal, foi enviado por ele, por e-mail, ao **IHU On-Line**, como contribuição para o tema abordado na presente edição. O texto foi extraído do seu livro de memórias **Vida perdida**. 2ª edição. Manágua (Nicarágua): Anama Ediciones, 2000. Seu site pessoal é www.ernestocardenal.org Ernesto Cardenal nasceu em 20 de janeiro de 1925, em Granada. Em 1935, ingressou no Colégio Centroamérica dos Jesuítas, em Granada. Nesse mesmo ano, viajou para o México e ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma do México. Em 1947, se graduou em Licenciatura de Letras e foi para os Estados Unidos. De 1948 a 1949, estudou Literatura Norte-americana na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Em 1950, regressa à Nicarágua. Começou a escrever seus poemas históricos. Iniciou com José Coronel Urtecho um trabalho de traduções de poesia norte-americana que se prolongou por bastantes anos, até formar uma volumosa antologia que depois foi publicada pela Editorial Aguilar. Vários enamoramentos dessa época inspiraram os epigramas amorosos. Sua militância política contra a ditadura de Somoza inspirou os epigramas políticos. Alguns destes circularam no estrangeiro assinados por Anônimo Nicaraguense, sem que se soubesse quem era o autor, e assim foram publicados por Neruda em **La Gaceta de Chile**. Em 1956, mudou o rumo de sua vida: resolveu se fazer monge. Em 1957, ingressou no Mosteiro de Our Lady of Gethsemani, em Kentucky, EUA, onde Thomas Merton foi seu mestre de noviços e seu mentor espiritual e grande amigo desde então. Por razões de saúde, deixou o mosteiro em 1959 e continuou seus estudos religiosos no Mosteiro Beneditino de Cuernavaca, México, onde permaneceu dois anos. Em 1961, continuou seus estudos sacerdotais em um seminário na Colômbia. Ordenou-se sacerdote em Manágua, em 1965, ano em que viajou aos EUA para visitar Thomas Merton a fim de planejar com ele a fundação de uma pequena comunidade contemplativa em Nicarágua, onde Merton desejava residir. Em princípios do ano seguinte, fundou essa comunidade em uma ilha do arquipélago de Solentiname, no Lago de Nicarágua. Nessa comunidade, se fomentou o desenvolvimento de cooperativas, criou-se uma escola de pintura primitiva, um movimento poético entre os camponeses. Todo esse trabalho de conscientização foi realizado com base na interpretação do Evangelho. Com o triunfo da revolução sandinista em 1979, Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN. Hoje está rompido com a FSLN. Citamos, entre as publicações de Cardenal, **Evangelio de Solentiname**. Salamanca: Sígueme, 1975; **La Revolución Perdida**, Madrid (Espanha): Editorial Trotta, 2003; **Im Herzen der Revolution**, Wuppertal (Alemanha): Peter Hammer Verlag, 2004; **Antología poética**, Rosario (Argentina): HomoSapiens Ediciones, 2004; **Catulo y Marcial**. Santiago de Chile: Ediciones Tácitas Ltda, 2004.

Vou revelar aqui dois desconcertos que tive com Merton.

Um foi que, na direção espiritual, ele estava cada vez mais crítico em relação ao mosteiro e à vida monástica em geral. Sempre se disse – e é uma realidade – que o noviciado é uma lua-de-mel na vida religiosa. É como a lua-de-mel nos casamentos: depois passa. Eu estava gozando essa lua-de-mel, e Merton tinha 18 anos de monge e via as coisas de outra maneira. Além

disso, ele estava à frente em relação ao Concílio Vaticano II, antes mesmo de João XXIII e de que alguém pensasse na convocação de um concílio. Dizia-me, por exemplo, que a vida que levávamos era irracional, observando que a vida diária do mosteiro dava voltas em círculo. Nossa vida estava cheia de ritualismos e rubricas sem sentido. Uma vez se referiu ao mosteiro como um circo. Outras vezes, por seu comercialismo, chamava-lhe Trappist Corporation.

Eu saía da direção espiritual, sentindo um desassossego. Certa vez, já era inverno, já começava a nevar; e depois de uma conversa destas, enquanto olhava como as árvores iam ficando brancas, eu sentia uma confusão interior sem ter ninguém a quem recorrer para consultar. Lembrei que José Coronel Urtecho⁵⁷ produzira em mim uma angústia semelhante, quando, em minha adolescência, comecei a conhecê-lo, porque rompia todos os meus esquemas. José Coronel, como meu mentor literário, e Merton, como meu mentor religioso, quebraram os meus esquemas.

Dizia estas coisas a mim, não aos noviços em suas conferências. Sua missão era formar os noviços para serem trapistas; não espantá-los. Fazia-lhes uma exposição objetiva, digamos, sem seus juízos subjetivos, mas cuidando-se para não dizer algo sobre o qual não acreditava.

Dizia a mim que a ordem trapista não era para poetas, como ele e eu. Da mesma forma que um quartel ou uma academia militar não eram para poetas. Essa rigidez e disciplina podiam ser boas para alguns, que precisavam desta ordem. Ele considerava que, por algum motivo, Deus o tinha posto ali; e também Deus, por algum motivo, tinha me posto ali. Mas talvez isso não teria que ser para sempre. Pouco a pouco, eu fui evoluindo, como ele. E essa foi também a evolução que a fundação latino-americana teve. Primeiro, uma fundação da ordem trapista tradicional. Depois, uma reforma da ordem trapista. Logo após, uma fundação fora dessa ordem. Por último, uma pequena comunidade, levando uma vida singela sem regra e sem hábito. Paulatinamente, eu fui me identificando com o seu pensamento renovador, e sumiu toda a minha inquietude. Estava já na conspiração.

Chegou um rapaz muito jovem que só ficou uma semana. Merton me contou que ele se foi, porque era diabético, portanto a alimentação trapista, rica em carboidratos, fez-lhe mal, tendo seu corpo inchado durante aquela semana. Disse-me que o rapaz era inteligentíssimo, que poderia ser um Tomás de Aquino. E eu não podia deixar de concordar com ele, quando me falava da estupidez de um sistema que recusava uma vocação assim por causa de carboidratos. Ou quando me contou que outro noviço tinha ido embora, porque era artista, e, por seu temperamento artístico, não tinha espaço nesta ordem, e seguramente não entraria em outra: uma boa vocação religiosa que se perderia pela inflexibilidade trapista.

Outro desconcerto que me produzia Merton era que, na direção espiritual, despertava em mim cada semana muita expectativa, pelo incrível privilégio de poder receber os ensinamentos de um mestre da vida contemplativa, famoso mundialmente, e que eu tinha lido e venerado por tantos anos, o restrito tempo que tínhamos, ele o ocupava em falar de coisas não-espirituais. Semana a semana, eu esperava os grandes ensinamentos místicos, e ele falava da Nicarágua,

⁵⁷ José Coronel Urtecho (1906-1994) poeta nicaraguense. Suas duas novelas más importantes **Narciso** e **La muerte del hombre símbolo**, escritas em 1938. Centrou seu discurso poético em torno da natureza, da cultura, e da profunda relação desta com a liberdade, a beleza e a autenticidade. (Nota do **IHU On-Line**)

perguntava-me sobre Somoza⁵⁸ e sobre os outros ditadores latino-americanos, os poetas nicaraguenses, as selvas do Rio San Juan, onde vivia Coronel Urtecho; contava-me de seus amigos de Colúmbia, Robert Lax, que, parece, era seu melhor amigo e que seria muito divertido, porque bastava mencioná-lo, e ele começava a rir; Mark Van Douren, seu professor de Colúmbia; ou me perguntava o que eu estava lendo naquele momento, ou me falava de suas leituras que eram muitas. Ao acabar-se o tempo, me perguntava se tinha algum problema espiritual. Geralmente, eu lhe dizia que não, porque não tinha nenhum. Se tivesse algum, por exemplo, o que me abrumavam as distrações no coro, ele o resolvia em poucas palavras, e eu ficava em paz.

Mas eu saía com um sentimento de frustração. Mais uma vez meu precioso tempo de aprendizado espiritual com Thomas Merton se desperdiçara. Acabado o noviciado, eu já não voltaria a ter nenhum contato com ele. Mas como dizer-lhe que eu desejava uma direção melhor aproveitada?

Pouco a pouco, fui entendendo. Quando me falava da fundação me dizia que a vida contemplativa era algo muito singelo, que não devia ter complicações. A vida do contemplativo era simplesmente viver, como o peixe na água. Há algo mais natural do que o peixe na água? Também me fui dando conta de que eu tinha chegado ao mosteiro, acreditando que, para ser contemplativo, tinha de renunciar a tudo o que eu tinha sido: ao interesse por meu país, pela política da Nicarágua e da América Latina, pelos ditadores, pelo imperialismo, por meus amigos, pelos livros, por tudo. O fato de ele, em sua direção espiritual, me falar de tudo isso, era um ensinamento espiritual. Sem dizer-me nunca que estava me ensinando a vida espiritual. No final, resultou que me ensinou a ser como ele, em quem a vida espiritual não estava separada de nenhum outro interesse humano. O que Merton me ensinou, e que eu não teria aprendido na mística clássica, é que minha vida era a única “vida espiritual” que eu podia ter e não outra. E que Deus queria que eu fosse tal como eu era, e não outro.

Parece-me também que isso era um ensinamento zen. Naquela época, Merton estava descobrindo o zen. Começava a ler uns livros zen que tinha pedido emprestado a algumas bibliotecas. Falou-me um pouco de zen. Se ele me dava um ensinamento zen conscientemente ou inconscientemente, não sei. Mas era zen. O ensinar-me a vida espiritual sem falar-me da vida espiritual, era zen. Sobre tudo eu entendia assim por causa de um conto zen, narrado pelo próprio Merton:

Uma vez, um peregrino chegou de muito longe atraído pela fama de um ermitão muito sábio que vivia no cume de uma montanha. Escalou-a com muita dificuldade e encontrou um velho cortando lenha, e lhe disse que queria ver o ermitão sábio, para que lhe explicasse a essência

⁵⁸ Anastásio Somoza instaurou uma ditadura familiar que só seria derrubada em 1979 pela revolução sandinista. Tropas norte-americanas invadiram a Nicarágua em 1909 e novamente em 1912. Entre 1912 e 1933 a Nicarágua foi uma colônia norte-americana, constantemente ocupada pelos *marines*. Um pequeno grupo de oposição formado por camponeses lutava contra a ocupação, liderados por Sandino. Após este período, os EUA entregaram o governo do país para a família Somoza, que governou o país com uma forte e opressora ditadura de 1936 a 1979, sempre representando os interesses estadunidenses no país. A pedido do embaixador norte-americano, Sandino foi assassinado durante o que deveria ser uma reunião para negociações de paz em Manágua. Graças ao apoio estadunidense e a corrupção generalizada, a família Somoza construiu uma fortuna de mais de um bilhão de dólares, sendo proprietária, direta ou indiretamente de quase todas as terras do país. (Nota do *IHU On-Line*)

do budismo. O velho lhe disse que ali não tinha ninguém mais do que ele, e que ele não sabia nada de budismo, porque era só um lenhador; e seguiu cortando lenha. O peregrino regressou decepcionado, e lá embaixo estavam esperando por ele alguns que queriam saber de seu encontro com o ermitão. Ele lhes disse que ali não tinha nenhum ermitão, só um velho lenhador cortando lenha. Perguntaram-lhe como era, e ele o descreveu, e lhe disseram que esse era o ermitão. O peregrino entendeu que tinha recebido um ensinamento da essência do budismo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

AMOR E ANIQUILAÇÃO NA MÍSTICA DE MARGUERITE PORETE E IBN'ARABI

Por Sílvia Schwartz

*Sílvia Schwartz é bacharel em Psicologia pela Puc-Rio, psicanalista, pelo Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, mestre em Ciência da Religião, pela UFJF e doutora em Ciência da Religião pela mesma universidade. Ela publicou o artigo "O estado atual das discussões epistemológicas sobre a mística" em: TEIXEIRA, Faustino (org.). **No limiar do mistério. Mística e religião**. São Paulo:Paulinas. 2004, p. 417-436. O artigo a seguir foi elaborado por ela especialmente para o **IHU On-Line** e foi enviado por e-mail.*

O trabalho comparativo em religião é hoje alvo de acirrada divisão entre pesquisadores que rejeitam o procedimento comparativo e os que o afirmam. Não sendo aqui o momento adequado para uma discussão mais detalhada da questão, ainda assim, ressaltamos que uma visão mais ampla da religião, que abranja diferentes graus de comparação para diferentes propósitos, não só é justificável, como também, necessária. É possível a utilização de um método comparativo que não comece com afirmações apriorísticas sobre a natureza de uma categoria como a mística, mas que, ao contrário, desenvolva-se a partir de um cuidadoso respeito pelos contextos particulares que estão em jogo na superposição que a comparação realiza.

Ainda que de forma resumida, apresentaremos aqui alguns pontos de convergência na obra mística de Marguerite Porete, *béguine* do século XIII, queimada pela inquisição na França, em 1310, e de Ibn'Arabī, uma dos maiores expoentes do sufismo, a dimensão mística do islã, nascido no Al-Andalus, o império islâmico ocidental, em 1165 e falecido em Damasco, no ano de 1240. A jornada mística de ambos culmina no que chamam de aniquilação ou *fanā*, a ultrapassagem do aspecto criado do ser humano, de todo conhecimento dos seres e das coisas, da identidade ilusória com a qual normalmente nos identificamos, que resulta na obtenção de uma estado de união indistinta com Deus, no qual o fundo da alma é idêntico ao fundo da Deidade.

O tema da aniquilação na obra de ambos, entendido como uma antropologia apofática, ou negativa, complementa suas teologias igualmente apofáticas – que negam qualquer delimitação, nomeação ou predicações a Deus. Esse tema pode, contudo, ser olhado sob vários ângulos. Um deles, em especial, é a apropriação que fazem da linguagem literária secular sobre o amor, característica de seus respectivos contextos culturais e históricos, para veicularem suas concepções sobre o amor místico e a aniquilação.

Marguerite Porete, em seu ***Espelho das almas simples e aniquiladas***, insiste na superioridade do amor na jornada mística e o faz numa linguagem, por vezes, erótica, influenciada pelas convenções do amor cortês da literatura do final da Idade Média. Para a *béguine*, o progresso real na direção dos estágios superiores da vida mística só começa quando a alma consegue "eliminar a razão com o amor". Marguerite Porete utiliza o *fin amour*, criação europeia do século XII, com sua apoteose do gozo amoroso, seus códigos de amor, sua

ênfase sentimental e erótica, sua coloração de soberania e vassalagem do serviço amoroso e cria um discurso que busca representar o irrepresentável. Esse discurso não só traz em seu cerne os sinais da intensidade do amor e as marcas da canção cortês, na qual a dama raramente é definida e desliza entre a presença e a ausência, mas também a glorificação da aniquilação do eu no amor de Deus, um fogo tão intenso que consome o próprio amor criatural. A inebriação no amor dá lugar, no texto poretiano, a uma crítica das “delícias espirituais”, embora a autora reconheça que elas representam um estágio necessário no caminho para a aniquilação.

Marguerite Porete tanto utiliza quanto desconstrói a tradição cortês, retratando provas de amor nas quais a alma é de tal forma desafiada por Amor (que em seu texto é considerado feminino e chamado de Dame Amour, sendo equiparado a Deus) que termina sendo levada à aniquilação. Dessa maneira, a vontade da alma chega ao fim, pelo martírio tanto de seu desejo quanto de seu amor e ela cai no nada. Não é à toa também que ela chama seu amado de LoinPrés, significante que é, em si, uma contradição, indicando uma presença, que é também uma ausência. Ele permanece um desejo de presença que nunca é totalmente satisfeito, um desejo indefinidamente adiado, que se tornaria insaciável, se não fosse pela negação do desejo presente no texto. Em seu relato dos movimentos místicos, a autora repetidamente reduz o papel do corpo, tão central nas descrições da santidade feminina durante o século XIII. Ela claramente ignora e desenfatura o papel dos corpos e das práticas corporais (jejuns, ascese, flagelações) no movimento de aniquilação, pois estabelece a neutralidade moral da corporeidade. Porete rejeita os caminhos do sofrimento do corpo e da alma. Em contrapartida, exige a renúncia de tudo que é criatural. Só assim, é possível para a alma superar o sofrimento causado pela aparente ausência de Deus – por meio da aniquilação que torna a presença divina aparente. Quando a alma reencontra seu fundamento incriado no divino, o sofrimento e a alienação são suplantados, e ela é transfigurada no amor. Ao final, os termos que permitem uma relação psicológica com Deus são queimados, afogados e aniquilados, precisamente por esse amor que se torna nesse momento o Amor do único amante que permanece: Deus.

Já no sufismo, uma das modalidades da mística sufi e de sua linguagem de união resulta da interação com a poesia amorosa pré-islâmica e islâmica, que é um veículo para a expressão da união mística. Os sufis adaptaram e transformaram o tema do amor e todos os motivos, convenções e imagens da poesia clássica, em que os temas do amor e da morte se mesclam. A ode, ou *qas̄ida*, utilizada na poesia amorosa, legou sua linguagem, temas e estrutura à literatura sufi. Nela estão descritos, de maneira alusiva, o desejo e o anseio infinitos do amante, os traços da permanência da amada perdida, a recriminação à amada perdida por seu humor e forma continuamente mutáveis, as estações de sua jornada que a distanciam do poeta-amante. A união com a amada, nunca descrita e transcendendo todas as formas de referência direta, é imanente ao logo das seções da *qas̄ida*, governadas pela relembração da união. Se a ode tradicional começa com a perda da união, a que se segue o sofrimento e as tribulações do amante em sua busca, sua jornada, o encontro com a morte e a reintegração na sociedade, a poesia sufi promove uma relocação teológica da união que cria um reverso na direção, com a união sendo alcançada ao final da jornada. Porém, nesse final, quando descrevem a fase da união mística, os sufis a comparam ao apagamento dos traços do eu individual. Em sua *fanā*, ou aniquilação, o sufi não encontra mais um sujeito humano individual a quem possa se referir como alguém que alcançou a união.

Em sua obra poética, Ibn'Arabī se utiliza de um mundo de linguagem característico da poesia amorosa pré-islâmica e islâmica. De maneira semelhante ao discurso poretiano, a Amada é retratada como não-possuível e irrepresentável à medida que sua imagem é flutuante. O amante alterna o êxtase de sua presença com a agonia de sua ausência, numa poética de

separação e união, e a união erótica dos poetas é utilizada para descrever a união mística do sufi. A loucura amorosa dos poetas, para o autor, é análoga à perplexidade mística que ocorre quando os limites normais da identidade, da razão e da vontade são dissolvidos. Em sua poesia amorosa mística, o verdadeiro amor conduz a um estado de aniquilação no qual não se deseja possuir mais nada, pois na consumação do desejo, na união, já não há mais um eu que possua a experiência.

Em ambos, Marguerite Porete e Ibn'Arabī, Deus é o único amante e amado que permanece. A exaltação amorosa vai gradualmente conduzindo a um estado que envolve a aniquilação do criatural na alma, em que o vazio da alma e do nada divino se encontram numa experiência que pode ser descrita em termos de uma absoluta realização e uma absoluta privação, de pobreza e plenitude que refletem o enigma do Simpósio de Platão relacionado ao nascimento de Eros/Amor. Para ambos, é o Amor que, ao final, liberta a alma de todo desejo e de toda vontade, permitindo que ela se torne novamente unida à Deidade. A experiência da alma no êxtase do amor deve ser superada, o próprio amor deve ser abandonado para que ela experimente a constante presença da divindade. Ao se tornar o espelho de Deus, pode-se dizer que a alma experimenta Deus somente porque Deus é tudo que existe para ela e nela – de tal forma que ela não é nada, é somente Deus se experienciando nela. Tal alma nada mais deseja e não mais ama: ela dissolveu-se, fundiu-se na infinitude divina. Aniquilada, a alma pode espelhar perfeitamente o nada divino, o Deus despido de atributos, para o qual não há nome, por meio da pobreza radical que a despoja de todas as imagens, tanto de Deus quanto do eu. No processo místico por eles descrito, o êxtase da criatura em seu movimento para Deus, a excessiva transcendência do eu que a proximidade divina impõe, resulta num transbordamento do eu também em direção aos outros. Espelhando a Deidade, eles partilham com os outros o calor, a iluminação e a generosidade divinos, agindo no mundo quando se faz necessário. Ao mesmo tempo, para ambos os autores, a aniquilação e seu resultado, a vida clarificada para Porete e a *baqā*, a subsistência em Deus, para Ibn'Arabī, representam um estado sereno, fixo e desprendido, em que todo desejo emana do lugar secreto onde nada criado pode entrar, onde se deseja tudo com um desejo verdadeiramente divino, pois é desejo “sem um porquê”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A MÍSTICA JUDAICA

Entrevista com Luiz Felipe Pondé

“As raízes da chamada teologia negativa são, possivelmente, os exercícios dialéticos platônicos e neoplatônicos diante do conceito de Uno e aquilo que estaria para além de qualquer logos discursivo ou possibilidade de representação (é importante lembrar que a idéia judaica de um “Deus sem nome” já implica a negatividade discursiva)”, explica o filósofo Luiz Felipe Pondé. Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé é filósofo, professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião e do Departamento de Teologia da PUCSP, professor e pesquisador convidado em Mística Medieval da Universidade de Marburg, Alemanha. Graduado em Medicina, pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP. Mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela University Of Tel Aviv, de Israel. É autor de O Homem Insuficiente. São Paulo: EDUSP, 2001; Crítica e Profecia, Filosofia da Religião em Dostoiévsky. São Paulo: Editora 34, 2003; e Conhecimento na Desgraça. Ensaio de Epistemologia Pascaliana. São Paulo: EDUSP, 2004. No livro TEIXEIRA, Faustino(org.). No limiar do mistério. Mística e religião. São Paulo: Paulinas, 2004, Luiz Pondé publicou o artigo O método de Deus, p. 175-204

IHU On-Line - O que é a tradição teológica negativa cristã e quais os elementos conceituais propostos pelo senhor a partir dela?

Luiz Pondé - As raízes da chamada teologia negativa são, possivelmente, os exercícios dialéticos platônicos e neoplatônicos diante do conceito de Uno e aquilo que estaria para além de qualquer logos discursivo ou possibilidade de representação (é importante lembrar que a idéia judaica de um “Deus sem nome” já implica a negatividade discursiva). No plano constituído de um eixo histórico que segue da Patrística, passando pela filosofia cristã em língua grega, atingindo a Idade Média latina carolíngia e tardia, algumas referências fundacionais são (num primeiro esboço, é evidente): Gregório de Nyssa⁵⁹ e sua análise da vida de Moisés (a tenda colocada nas trevas infinitas), o trabalho dialético de PseudoDionísio⁶⁰ de superação de qualquer representação possível de Deus, trabalho esse que implica tanto a experiência lógica quanto espiritual (na linguagem de Wladimir Lossky⁶¹, estudioso franco-russo do tema no séc. XX, “teologia negativa é uma atitude existencial”, e eu acrescentaria, uma atitude noética), em seguida, o aprofundamento sistemático dessa atitude dialética negativa levado a cabo por João Scotus Erígena⁶², e finalmente, seu apogeu na obra do alemão dominicano Meister Eckhart⁶³ e seus conceitos místico-especulativos do tipo “des-formação” ou “des-imagem” (*Entbildung*) ou “pobreza do espírito” (*Armut der Geist*) ou “despreendimento” (*Abegescheidenheit*, em alemão eckhartiano). Penso que a intimidade com tal tradição fortalece tanto o conhecimento de um modo de ser teológico e religioso (normalmente relacionado com os “estados místicos”, mas que ultrapassa a idéia propriamente de uma “psicologia da subjetividade mística” aos moldes da virada espiritual dos séculos XIII e XIV e do ciclo carmelitano espanhol do XVI, tratando-se também de uma hermenêutica bíblica), quanto produz, aqui mais num campo filosófico propriamente, um repertório que dialoga profundamente com a filosofia da linguagem contemporânea e as aporias epistemológicas em estudos da religião, evitando que reinventemos a roda.

IHU On-Line - O que caracteriza a mística judaica? Quais são as principais singularidades que a diferenciam da mística das outras tradições religiosas?

Luiz Pondé – Pessoalmente, não sou muito partidário de processos comparativos, não por razões teológicas, e sim epistemológicas. Além disso, não domino a mística islâmica ou budista/hinduísta para falar de tais diferenças. Posso, todavia, apontar duas características que

⁵⁹ Gregório de Nyssa (330-395): Entre os grandes Capadócijs, foi o metafísico mais sutil, o místico mais profundo e também o mais patético. Nascido em Cesaréia da Capadócia, é irmão de São Basílio, dois anos mais novo. Na história do pensamento humano, Gregório aparece como aquele que rompeu os ciclos do pensamento arcaico (ainda presentes no origenismo), reabilitou o devir, deu ao tempo um conteúdo positivo como aprendizado do amor e, sobretudo, como aquele que mostrou que o homem não tem outra definição senão a de ser indefinível, porque é feito por e para o ilimitado de Deus. (Nota do *IHU On-Line*)

⁶⁰ Pseudodionísio - Dionísio o areopagita é o nome dado ao autor de uma série de escritos que exerceram grande influência sobre o pensamento medieval. Acreditou-se por muito tempo que o autor desses escritos foi discípulo de São Paulo. Hoje se considera que as obras de referência foram redigidas no final do século IV ou começos do V sob a influência neo-platônica e especialmente a base de fragmentos de Proclo. Por tal motivo costuma-se chamar a seu autor o PseudoDionísio, e às vezes Dionísio, o místico. (Nota do *IHU On-Line*)

⁶¹ Wladimir Lossky (1905-1958) integrou um ativo grupo de teólogos ortodoxos pertencentes ao Patriarcado de Moscou, na Europa Ocidental, durante o período de pós-guerra. (Nota do *IHU On-Line*)

⁶² João Scotus Erígena: filósofo, precursor do escolasticismo. Entre 800 - 877 DC (Nota do *IHU On-Line*)

⁶³ Meister Eckhart grande místico cristão, nasceu em 1260 em Hochheim, Alemanha, e entrou como jovem na ordem dos Dominicanos. Estudou em Colônia e Paris, onde recebeu o grau de mestre em Teologia e onde ocupou a cadeira acadêmica de Tomás de Aquino. Foi também professor em Frankfurt, Erfurt e Colônia. Chegou a ser o primeiro "Provincial" dos Dominicanos na Alemanha. (Nota do *IHU On-Line*)

transitam pela relação diferencial entre mística judaica e cristã. Trata-se da questão das formas de mediação: no cristianismo é a figura do Cristo, na maioria dos casos, no modo visionário-imagético e teológico-especulativo (ainda que no caso específico da teologia negativa esse aspecto seja, de alguma forma, relativizado, o que, muitas vezes, produziu temores doutrinários). No judaísmo, a questão da língua hebraica, suas raízes definidoras de famílias de significados, a inversão possível de inúmeras palavras, produzindo significados de enorme profundidade na hermenêutica bíblica, gerando modos específicos de experiência que chamaríamos mística. Em ambos os casos, o neoplatonismo servirá, em momentos distintos e com diferentes cargas conceituais, como linguagem filosófica importante. Este aspecto do estudo do hebraico é uma marca essencial na mística judaica até hoje. Uma periodização clássica (Scholem)⁶⁴ é, no período da Antigüidade, a mística da Carruagem e/ou apocalíptica, seguida (para a maioria dos estudiosos, já na Idade Média) pela Cabala⁶⁵, propriamente dita, e o estabelecimento do conhecimento de Deus via seus atributos presentes na "Árvore da Vida" (As *Sefirot*). Ainda na Idade Média, na região renana, o chassidismo⁶⁶ de profunda marca pessimista sobre as condições do mundo, e finalmente, o chassidismo moderno (Bal Shem Tov) com sua tendência a um certo panenteísmo⁶⁷ da transfiguração do mundo pelo efeito da piedade divina que o habita. Controvérsias sobre a existência de *Unio mystica* (confusão de substâncias) são comuns. Outra referência é uma certa mística da experiência racional via argumentação acerca da *Tora*⁶⁸ que se constitui na tradição talmúdica.

IHU On-Line Como é concebida a experiência de Deus no judaísmo e como foi mudando esta experiência ao longo das gerações?

⁶⁴ Gershom Scholem místico judaico, importante investigador da cabala. (Nota do **IHU On-Line**)

⁶⁵ Para a Cabala, no Plano da Evolução Divina há uma meta de recuperarmos nossa real descendência Divina que foi perdida pela excessiva identificação com a matéria. Na realidade, enquanto seres cósmicos, projetamos tanto nossa consciência na nossa própria criação e como co-criadores com Deus estamos distanciados da nossa identidade original. É como socialmente nos identificarmos com pessoas (papéis) e perdermos o contato com nossa história geral e com nossa essência mais profunda, íntima e particular. Muitas vezes abrimos mão de nosso potencial para atender às exigências que os diversos papéis e os "Eus" sociais nos impõem. Da mesma forma espiritualmente, precisamos nos reconectar, mas só faremos isso de forma efetiva e duradoura se trabalharmos o nosso Eu pessoal e psicológico. Assumir a nossa descendência na Terra e transformá-la é parte de nossa Evolução como Almas. Negá-la é não permitir que partes de nós mesmos sejam integradas em dimensões mais sutis e que possam nos levar a nos manifestarmos de forma mais integrada e real. Para a Evolução Espiritual se completar, precisamos ir integrando cada vez mais partes ocultas de nós mesmos. Se ficarmos só voltados para o espiritual e não trabalharmos o material, estaremos confinados ao maniqueísmo polarizado do pensamento linear que pressupõe que o mal exclui o bem e vice-versa. Precisamos aprender a complementar estes dois pólos de forma que traga crescimento e não no sentido conformista. (Nota do **IHU On-Line**)

⁶⁶ O Chassidismo se concentra no fato de que Deus nos escolheu para sermos Seus parceiros na Criação, pois através do cumprimento das mitsvot temos certeza de que perpetuamos a existência do mundo. De fato, acreditamos que todo o propósito da Criação é para que a humanidade transforme o mundo físico imperfeito em um local refinado e espiritual. A crença em Deus é essencial, evidentemente, mas sem uma crença positiva em Deus, uma crença de felicidade, aquela crença pode rapidamente cair a uma crença de desalento e condenação. (Nota do **IHU On-Line**)

⁶⁷ Panenteísmo é o sistema filosófico e teológico que vê todos os seres em Deus. (Nota do **IHU On-Line**)

⁶⁸ *Tora*: livro sagrado do judaísmo, que contém a vontade de Deus expressa por meio de preceitos (mitsvot) que os homens devem seguir. A *Tora* é formada por cinco livros, o Pentateuco. O Talmud (estudo, em hebraico), criação dos rabinos, expande as interpretações judaicas. Os judeus têm a convicção de ser o povo eleito e acreditam num Deus único. A crença tradicional judaica afirma que Deus vai enviar à Terra um "Mashiach"(messias, em hebraico). (Nota do **IHU On-Line**)

Luiz Pondé - Esta questão é muito vasta. O conceito de “experiência de Deus” está longe de ser algo minimamente estável em termos epistêmicos. Grosso modo, existe a experiência dita bíblica, da ingerência concreta no dia-a-dia e nos eventos históricos, e que um religioso pode afirmar que permanece hoje; ainda em parte do tempo bíblico, temos a construção do judaísmo da elite sacerdotal do templo; posteriormente, a nostalgia da experiência bíblica se concentra na construção do judaísmo rabínico e talmúdico (fiz referência a isso acima) e, evidentemente, as questões relacionadas à observância e interpretação da Lei (que estão cruzadas com o próprio Talmud⁶⁹). O chassidismo moderno abre o campo para uma experiência de Deus que tenciona a hegemonia restrita da Lei, apontando para um Deus presente no mundo (também fiz referência acima) e que, às vezes, reduz a validade restrita da Lei, inclusive, em termos intelectuais. Outra referência: um judaísmo altamente intelectualizado, típico de certos círculos do leste europeu que depois se realizará no mundo de língua alemã, a exemplos de autores religiosos, como Benjamim, Scholem, Rosenzweig⁷⁰, Buber⁷¹ e outros. Sempre houve uma tensão interna ao judaísmo, que gerou até o cristianismo paulino, de certa forma, que é aquela entre a lei e o espírito manifesto nos comentários e narrativas. Em resumo, acho que é fundamental essa relação entre o que poderíamos chamar de experiência de Deus e as dimensões intelectuais e suas manifestações práticas, típica de um povo do livro. Processos como o de assimilação aos modelos seculares ocidentais ocorreram à semelhança do cristianismo. Quanto à experiência mais mística, já falamos.

IHU On-Line - Experiências em diversos continentes são diferenciáveis?

Luiz Pondé - Questão muito vasta. Não acho que as diferenças sejam em função de espaços geográficos, mas de sistemas religiosos em interação com espaços geográficos e culturais. Mesmo em países maiores há diferenças locais e de costumes. Quanto à experiência mística, penso que a presença ou não do discurso médico e psicológico pode ser um fator diferenciador entre regiões no mundo. É importante lembrarmos que o próprio conceito de mística está aberto a polêmicas internas às dogmáticas de cada sistema religioso, portanto a sua confirmação, como tal, depende destas dogmáticas – e de políticas específicas em sentido histórico. E mais, evidentemente, que processos sociais e culturais determinam também o reconhecimento de um místico específico, e aí, espaços culturais podem determinar diferenças nos processos de reconhecimento. Resumindo: sistemas religiosos, discurso médico e psicológico, dogmática e processos culturais e sociais.

IHU On-Line - Como se relaciona a mística com a política, a economia e a sociedade no judaísmo?

Luiz Pondé - No período bíblico e do templo, há uma relação mais explícita nas narrativas proféticas, principalmente. O discurso profético é, em grande parte, político no sentido forte – poder de controle e/ou transformações sociais. Sempre há um perfil crítico econômico, político e social na experiência judaica, quando esta se afasta da vida dentro da observância (grande

⁶⁹ **Talmud** - Nono livro da coleção contendo assuntos variados relacionados com o judaísmo. (Nota do **IHU On-Line**).

⁷⁰ Franz Rosenzweig, escritor alemão, que a par de suas incursões pelos domínios da Filosofia, traduziu para a língua pátria a Bíblia. (Nota do **IHU On-Line**)

⁷¹ Martin Buber (1878-1965), nasceu em Viena. De origem judaica, o filósofo foi o primeiro professor de uma cátedra de Judaísmo na Universidade de Frankfurt. Com a ascensão do nazismo, abandonou a cátedra e mudou-se para Jerusalém, onde passou a lecionar como professor da Universidade Hebraica. A obra de Buber centra-se na afirmação das relações interpessoais e comunitárias da condição humana. (Nota do **IHU On-Line**)

parte dos profetas está nesse lugar). O momento medieval espanhol (conhecido como Kabala) é bem menos orientado politicamente (no sentido citado acima, devido, também, ao caráter marcado do exílio) e mais contemplativo e iniciático, o que pode ser entendido como sendo de uma política de viés elitista. Podemos lembrar, também, o próprio viés messiânico e apocalíptico como um braço específico desta crítica histórico-social da profecia. Parece-me que a profética (campo específico da mística geral) é mais orientada para a crítica social do que a mística mais contemplativa, ainda que historicamente as pessoas desses dois campos se misturem empiricamente. No século XX, com a experiência sionista da fundação do Estado de Israel, temos uma tendência à retomada da tentativa de ingerência religiosa no estado, mas evidentemente que fora de qualquer idéia de existir uma real profecia, com exceção de alguns grupos não tão significativos. Aí talvez possa se falar em uma mística mais “experencial” que se manifesta como crítica da ausência de observância da Lei. Na Europa, antes da segunda guerra, o chassidismo produziu fenômenos próximos a uma sensibilidade utópica anarquista devido à sua “recusa” das estruturas restritivas formais – não recusa da Lei enquanto tal, é óbvio. Este tipo de fenômeno produziu fenômenos como Buber. O sionismo, por sua vez, está mais relacionado à “mística da raça”, tão típico da Europa central, e que está sempre ligado à idéia da libertação via assunção da identidade que produz discernimento político e social; mas nem todo mundo aceita o termo “mística” para casos como esse, inclusive eu mesmo. Vale lembrar que místicos contemplativos, muitas vezes, tendem para um desinteresse pelo mundo (sem, todavia, abandonar a idéia de redimi-lo em algum grau, apesar de que, no judaísmo, a idéia de *fuga mundi* seja estranha).

[\(Voltar ao índice\)](#)

A MÍSTICA INACIANA⁷²

Entrevista com Benjamin González Buelta

*“Os Exercícios Espirituais conduzem a uma experiência de Deus que chega até as dimensões mais profundas do ser humano. Não é um curso acadêmico de Teologia ou uma oficina de crescimento pessoal, e sim o encontro com Jesus de Nazaré, que impregna as dimensões mais profundas da afetividade humana. Fomos feitos para o encontro com este “Tu” inesgotável e encarnado. Ele propõe a “vida verdadeira”, a que enche de verdade o coração humano. Quem tem feito esta experiência sente seu sabor de verdade e liberdade e não será nunca mais o mesmo para o resto de sua vida”, explica o jesuíta Benjamin González Buelta, coordenador dos jesuítas que vivem em Cuba. Buelta aborda, nesta entrevista concedida por e-mail, diversos aspectos da espiritualidade Inaciana. O teólogo é autor de, entre outros, *Bajar al encuentro de Dios. Santander : Sal Terrae, 1994; La transparencia del barro : Salmos en el camino del pobre. Santander : Sal Terrae, 1989. No Brasil, acaba de ser lançado o livro Salmos para ‘sentir e saborear internamente’. Juiz de Fora:**

⁷² A mística inaciana é uma prática da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola. Dela, fazem parte os exercícios espirituais. É cristocêntrica, isto é, tem seu ponto de partida e de chegada na Pessoa de Jesus. Seguindo Cristo e amando-o, toda a vida ganha sentido e um dinamismo que encaminha para a “Missão”. Para um inaciano, assumir uma missão é fazer da própria vida um gesto diário de entrega aos demais, que se concretiza na vida familiar, profissional e social, na procura de “em tudo amar e servir”. A mística inaciana se resume em ser “contemplativo na ação”. Contemplativo na medida em que olhamos o mundo e sua realidade com os olhos de Deus. (Nota do **IHU On-Line**)

Mosteiro da Irmãs Beneditinas. 2004. O livro foi traduzido por Maria Clara Lucchetti Bingemer⁷³, decana do Departamento de Ciências Humanas e Teologia da PUC-Rio.

IHU On-Line – Que aspectos o senhor considera mais característicos da mística inaciana?

Benjamin G. Buelta - Resumo esta resposta dizendo que a mística inaciana é uma “mística do maior serviço”.

a) É uma mística, isto é, no fundo de nossa espiritualidade existe uma forte experiência de Deus que vai se formando em cada pessoa ao longo de toda a vida. Existem encontros pontuais de uma grande intensidade, situados geralmente em momentos de encruzilhada, que marcam o rumo de toda a vida. Existem também os encontros de cada dia que vão intensificando e enfatizando os grandes momentos do encontro com Deus. A relação com Deus não se interrompe nunca.

b) É uma mística do “mais”, do “maior”. Não nos contentamos com fazer qualquer obra boa, senão que, em cada situação, tentamos descobrir que é o melhor que podemos fazer por Deus e pelos demais. O “melhor”, o “mais”, pode ser algo reconhecido no mundo como grande, de eficácia constatável, como a Unisinos, ou pode ser algo socialmente catalogado de pequeno, despercebido e aparentemente ineficaz, como viver solidariamente com os pobres num bairro marginalizado ou nas selvas do Amazonas, perdidos para a contabilidade humana e as crônicas sociais. Em cada momento, tentamos discernir qual é a proposta de Deus, o novo que Ele quer realizar, que para nós é o “melhor”. Confiamos Nele, que é o Senhor da história, e perdemos, com gosto, nossa vida no misterioso caminho do reino de Deus que vai se realizando em nosso mundo.

c) É uma mística de “serviço”. Não é uma estratégia de poder, senão de serviço ao estilo de Jesus, que surge do fundo da humanidade de seu tempo, do concreto da realidade, próximo aos últimos e pequenos, solidário com eles, e expressa o mistério da ação de Deus neste mundo numa linguagem acessível a todos. Sua vida servicial é a Palavra na qual podemos ler em todas as situações e culturas, a bondade de Deus para sempre e para todas as pessoas. O estilo de Jesus pode se viver em postos importantes ou em tarefas sumamente comuns. Levamos a ser homens e mulheres “para os demais” e “com os demais” no meio do mundo e dos conflitos da história. “Querer ajudar”, contra toda manipulação ou sedução, é o resumo vital que expressa na linguagem de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, esta atitude humana que está na entranha do evangelho.

IHU On-Line - Santo Inácio foi um homem de sua época. De que forma a espiritualidade inaciana tem algo a dizer ao homem e à mulher de hoje?

⁷³ Maria Clara Bingemer é teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre outros, **A experiência de Deus num corpo de mulher**. São Paulo: Loyola, 2002; e **Deus amor: graça que habita em nós**. São Paulo/Valência: Paulinas/ Siquem, 2003. *IHU On-Line* entrevistou a professora Maria Clara na edição n.º 84, de 17 de novembro de 2003, sobre a filósofa Simone Weil, na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sobre o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, evento promovido pelo IHU em maio de 2004, e na 121ª edição, de 1º de novembro de 2004, sobre o sentido cristão da morte. Maria Clara é autora do segundo número dos **Cadernos Teologia Pública**, publicado em 2004, intitulado **Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista**. Também publicamos uma resenha de seu último livro **A argila e o espírito** (Editora Garamond, 271 p.), na 132ª edição, de 14 de março de 2005. (Nota do *IHU On-Line*)

Benjamin G. Buelta - Quando Inácio foi ferido num combate contra as tropas francesas, ele viu-se obrigado a permanecer inativo e em silêncio. Sua vida mudou dramaticamente. No silêncio e na imobilidade, foi atingido por Deus. Sua experiência em Loyola⁷⁴ e em Manresa⁷⁵, transformou-o num homem novo. Mas retornou ao mundo, não fugiu dele. Rapidamente, começa a estudar até que termina seus estudos na Universidade de Paris, para poder estar preparado da melhor maneira possível para servir ao Senhor na transformação da sociedade e da Igreja. Como nosso mundo atual, o tempo de Inácio experimentou profundas transformações. O mapa da Europa mudava pelas reformas protestantes, e os limites do mundo conhecido se alargavam constantemente ante as novas descobertas geográficas. Na Igreja, havia uma grande necessidade de melhorar muitas coisas. A originalidade de Inácio situou a Companhia de Jesus no centro dos conflitos na Europa e deslocou, desde o começo, muitos de seus melhores homens aos confins do mundo conhecido. Francisco Xavier⁷⁶, no Oriente, ou Anchieta, no Brasil, são dois nomes paradigmáticos dessa época. Nós vivemos numa época de mudanças sem precedentes, que se realizam em uma velocidade de vertigem. A espiritualidade inaciana nos ajuda a viver no centro dessas mudanças, para descobrir o novo que Deus vai criando no meio de nós para apoiá-lo decididamente, e ao mesmo tempo nos permite discernir o que destrói a humanidade para denunciá-lo e combatê-lo. A espiritualidade inaciana não nos tira do mundo, nem nos fecha numa borbulha asséptica, nem nos afasta dos "outros", os diferentes, mas nos lança ao centro do pluralismo e da conflitividade, ensinando-nos a encontrar Deus aí para unir-nos com Ele, tanto na solidão contemplativa como na densidade do trabalho.

***IHU On-Line* - Como a espiritualidade inaciana pode se transformar em um elemento de crítica e interpelação pessoal e social em um mundo de globalização econômica, consumo desenfreado, e injustiças?**

Benjamin G. Buelta - As "marcas" são um símbolo do mundo globalizado. Chegam a todas as partes. Podemos encontrá-las nos centros do mundo e nas periferias marginalizadas. Onde há um dólar para comprar, ali estão "fidelizando clientes", que se transformam em consumidores de seus produtos, fanáticos pelos seus espetáculos e seguidores de seus líderes. Fabricam paraísos virtuais de felicidade publicitária. Fortalecem estruturas e instituições que servem a seus interesses. Movem suas ofertas e seus capitais acima de governos e fronteiras com uma velocidade eletrônica. Geram um estilo de vida e é difícil fugir de seu poder e de sua magia para configurar a vida das pessoas. Os Exercícios Espirituais conduzem a uma experiência de Deus que chega até as dimensões mais profundas do ser humano. Não é um curso acadêmico de Teologia ou uma oficina de crescimento pessoal, e sim o encontro com Jesus de Nazaré, que impregna as dimensões mais profundas da afetividade humana. Fomos feitos para o

⁷⁴ Quando tinha 30 anos, Inácio de Loyola, ao empenhar-se na defesa da praça de Pamplona, em Loyola, é ferido nas pernas por uma bala durante o cerco francês à cidade, em 20 de maio de 1521. Submetido a várias cirurgias, ocupa-se durante o longo reestabelecimento no castelo de Loyola, com a leitura de história de Santos e "Uma Vida de Cristo". Este seria para ele o princípio de um mergulho profundo. Inácio vai aos poucos trocando a imaginação dos feitos dos cavaleiros, pelas realizações dos santos, assimilando seus propósitos de vida e se identificando cada vez mais com eles. (Nota do *IHU On-Line*)

⁷⁵ Tão logo sentiu-se recuperado das cirurgias, Inácio de Loyola foi ao santuário de Nossa Senhora de Monserrate, próximo a Barcelona, para depositar suas armas diante do altar e assumir definitivamente a função de "soldado de Cristo". Já despojado de todos os seus bens, esmolando e rezando, passou um ano em um lugarejo chamado Manresa, fazendo penitência, para atingir a purificação. (Nota do *IHU On-Line*)

⁷⁶ Em 2006 será comemorado o quinto centenário de nascimento de São Francisco Xavier, um dos primeiros padres da Companhia de Jesus, juntamente com os 450 anos da morte de Inácio de Loyola. (Nota do *IHU On-Line*)

encontro com este "Tu" inesgotável e encarnado. Ele propõe a "vida verdadeira", a que enche de verdade o coração humano. Quem tem feito esta experiência sente seu sabor de verdade e liberdade e não será nunca mais o mesmo para o resto de sua vida. Terá começado a ser diferente, a encarnar uma proposta original, e a gerar em todos os seus encontros e atividades a alternativa de Deus, "outro mundo possível" diferente, mais justo e mais humano. Sua atitude não se limita a condenar a partir de uma suficiência farisaica o pecado do mundo, nem fica preso em uma queixa recorrente frente aos maus tempos em que vivemos, mas oferece uma alternativa de vida, brotando do fundo de sua própria experiência. A força e a jovialidade de sua oferta vêm de Deus, do próprio coração de Deus, que ama nosso mundo com criatividade infinita. Esta atitude, que vê o mundo com os olhos salvadores de Deus, pode se resumir em algumas frases lapidares de Inácio: "Procurar e achar a Deus em todas as coisas". "Amar a Deus em todas as coisas e todas Nele". É um olhar que pousa com amor inesgotável sobre todo o criado, sobre toda a pessoa e situação, para descobrir ali como Deus atua, salvando, criando, oferecendo a vida verdadeira. Não há situação nem pessoa onde Deus não esteja e onde não possa ser contemplado.

IHU On-Line - Quais são as formas em que se expressa ou se comunica e vive mais freqüentemente neste tempo a mística inaciana? Quem busca se alimentar desta experiência além dos próprios jesuítas?

Benjamin G. Buelta - Os Exercícios Espirituais são a experiência essencial para adentrar-se nesta espiritualidade. Por todas as partes, estamos experimentando uma demanda constante de pessoas que desejam fazer os Exercícios. Não se reduzem só aos Exercícios feitos na solidão de espaços especialmente desenhados para facilitar esta experiência de Deus. Existem outras muitas modalidades para fazê-los enquanto mantemos o ritmo habitual da vida familiar e profissional. Em muitos lugares, já não são só os jesuítas os que acompanham outras pessoas neste caminho, mas também já encontramos muitos leigos que, inclusive, acompanham os próprios jesuítas. Não podemos esquecer que Inácio de Loyola era um leigo quando fez seus "exercícios" pela primeira vez em Manresa, guiado pelo Espírito, e quando deu os Exercícios a seus primeiros companheiros na Universidade de Paris.

IHU On-Line - Como a espiritualidade inaciana poderia ajudar na renovação da Igreja e do cristianismo?

Benjamin G. Buelta - A Igreja se renova sempre pelo encontro com a Palavra que ela mesma proclama e pelo Espírito que a habita. Os Exercícios favorecem este encontro com a Palavra que é sempre maior do que a própria Igreja, que a julga, purifica-a e a renova. O Espírito é o que guia ao exercitante e se comunica com ele de uma maneira original e imprevisível. Os jesuítas e os leigos colaboramos juntos na mesma missão de estender o reino de Deus no mundo. Na medida em que somos fiéis ao dom sempre novo de Deus, contribuimos para esta renovação. Mas, às vezes, a inércia de nossas instituições reconhecidas, e nossos pecados pessoais, freiam, desviam e tergiversam o dom de Deus, a novidade que nos oferece. Mas quando descobrimos o dom de Deus e o acolhemos, a vida se enche de uma paixão criadora que queima os desencantos históricos e as limitações pessoais.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Memória

24-3-1980 - 24-3-2005: 25 ANOS DEPOIS

Dom Oscar Romero, bispo e mártir

*Traduzimos e reproduzimos, celebrando o 25º. Aniversário do assassinato de D. Oscar Romero, o artigo de Juan José Tamayo publicado no jornal espanhol **El País**, 19-3-05. Juan José Tamayo, teólogo, é diretor da Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões Ignácio Ellacuría, da Universidade Carlos III de Madrid, autor do recém-publicado livro **Fundamentalismos y diálogo entre religiones**. Madrid: Trotta, 2004. De Juan José Tamayo publicamos a entrevista que nos concedeu na edição 129ª do IHU On-Line, de janeiro de 2005. O título e os subtítulos são nossos.*

D. OSCAR ROMERO, BISPO E MARTIR. SIMBOLO DE UM CRISTIANISMO LIBERTADOR

Nesta semana, no dia 24 de março, é celebrado o 25º. Aniversário do assassinato de D. Oscar Romero, arcebispo de San Salvador, na América Central. Todos os indícios apontaram desde o primeiro momento o major Roberto D'Abuissou como responsável do assassinato. Ele foi o organizador dos *esquadrões da morte*. Por que mataram um arcebispo num país tão católico como El Salvador e com um presidente democrata-cristão?

D. Oscar Romero foi sempre um sacerdote e um bispo conservador, obediente a Roma e apenas sensível às situações de injustiça desse pequeno país centro-americano controlado por umas poucas famílias. Precisamente por sua submissão ao Vaticano foi nomeado arcebispo de San Salvador em 1977. Mas muito rapidamente, ao entrar em contato com a realidade, se produziu nele uma mudança profunda, radical, o que, na linguagem cristã se chama 'conversão'.

O assassinato do jesuíta Rutilio Grande

O que desencadeou a sua transformação foi o assassinato de Rutilio Grande, jesuíta comprometido com a conscientização dos pobres na aldeia camponesa de Aguilares. "Se o mataram pelo que ele fez, então eu tenho que seguir o mesmo caminho. Rutilio me abriu os olhos", foi o seu comentário ante o cadáver do jesuíta assassinado. A partir desse momento, decidiu não mais participar em nenhum ato governamental enquanto não fosse investigado o crime, e não deixou de levantar a sua voz profética contra o governo, e contra a classe dominante, que quis comprar sua liberdade de expressão.

Depois vieram os assassinatos de outros sacerdotes, a repressão generalizada contra a Igreja Católica, a transgressão sistemática dos direitos humanos e os massacres contra as populações civis indefesas. Romero denunciou os abusos do governo, que legitimava a violência até convertê-la num dos pilares do Estado e mantinha as maiorias populares numa situação crônica de pobreza estrutural. Condenou a violência do exército contra os líderes políticos, religiosos e sindicais defensores dos direitos humanos e críticos do sistema repressivo. Defendeu uma mudança de estruturas que permitiria uma melhor distribuição da riqueza. Fez constantes apelos para a reconciliação entre a guerrilha e o exército. E tudo isso o

fez por meio da palavra em suas homilias pronunciadas cada domingo na catedral e transmitidas a todo o país pela rádio da diocese.

O papel de Ignacio Ellacuría, reitor da universidade jesuíta de El Salvador

Um papel fundamental na ‘conversão’ de D. Oscar Romero tiveram os teólogos da libertação Ignacio Ellacuría, jesuíta, reitor da Universidade Centro-americana José Simeón Cañas - UCA, assassinado em 1989, e Jon Sobrino, atualmente diretor do Centro Teológico Monsenhor Romero. O primeiro propiciava os elementos de análise para uma melhor compreensão da realidade sociopolítica e para uma ação religiosa transformadora. “Com monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador”, costumava dizer Ellacuría. O segundo lhe proporcionava as chaves para uma interpretação teológica da realidade e para uma práxis libertadora no inferno da morte que se convertera o país.

A incompreensão do Vaticano

Os primeiros que se alarmaram com a mudança de comportamento de Romero foram o próprio núncio do Vaticano e a classe alta, que coincidiam no diagnóstico: nos enganamos ao nomeá-lo arcebispo. À medida que ia se comprometendo na defesa dos direitos humanos e na denúncia do governo e do exército, o Vaticano se distanciava dele e, inclusive, começou a deslegitimá-lo ou, no mínimo, a questionar a sua atuação profética. Num período de apenas 18 meses, teve que receber três visitantes apostólicos que, com atitude de detetive, buscavam testemunhos contrários a monsenhor Romero para justificar a sua destituição.

Uma vez eleito papa João Paulo II, D. Romero solicitou uma ‘audiência’ em Roma para informar-lhe sobre a dramática situação de El Salvador e seu trabalho pela reconciliação. A burocracia vaticana o fez esperar várias semanas até que fosse recebido pelo Papa. O encontro não pôde ser mais decepcionante, segundo o testemunho do teólogo alemão, jesuíta, Martin Maier – grande conhecedor de El Salvador, onde fez sua tese doutoral em teologia com Jon Sobrino e atual diretor da revista *Stimmen der Zeit* – no seu livro *Oscar Romero. Mística y lucha por la justicia*. Barcelona. Herder. 2005). João Paulo, que havia recebido previamente informes negativos sobre o arcebispo, o despediu com uma mensagem desencorajadora: “Trate de estar de acordo com o Governo”. O arcebispo de San Salvador saiu chorando da audiência e comentou: “O Papa não me entendeu, não pode entender, porque El Salvador não é a Polônia”. Em janeiro de 1980, pouco antes do seu assassinato, teve lugar um novo encontro com o Papa, que pode ser qualificado de agridoce. O Papa o convidou a continuar defendendo a justiça social e a optar de maneira preferencial pelos pobres, mas o alertando sobre os perigos de infiltração do marxismo que subverte a fé do povo cristão. Ao que Romero respondeu que também havia um anticomunismo, de direita, que não defendia a religião, mas o capitalismo.

Sem o apoio do Vaticano e sob a ameaça permanente do exército, o que aconteceu depois não podia ser outra coisa que a crônica de uma morte anunciada. A gota que encheu o copo foi a homilia pronunciada na catedral no domingo, 23 de março de 1980.

“Em nome de Deus, eu lhes ordeno: parem de matar!”

Depois de uma longa leitura dos nomes das vítimas da violência da semana anterior, D. Oscar Romero se dirigiu ao governo, ao exército e, especialmente, aos soldados, pedindo-lhes, em tom angustioso, que deixassem de matar seus concidadãos: “Irmãos, são do nosso mesmo povo, matam a seus próprios irmãos camponeses e, ante uma ordem de matar dada por um

homem, deve prevalecer a lei de Deus que diz: não mates. Nenhum soldado está obrigado a obedecer a uma ordem contra a lei de Deus... Uma lei imoral ninguém tem a obrigação de cumpri-la... Já é tempo que recuperem a sua consciência e que obedeçam antes a sua consciência que a ordem do pecado... A Igreja, defensora dos direitos de Deus, da lei de Deus, da dignidade humana, da pessoa, não pode ficar calada ante tanta abominação. Queremos que o governo tome a sério que nada servem as reformas se são tingidas de tanto sangue". E terminou com este chamamento, dramático e desesperado: "Em nome de Deus, pois, e em nome deste sofrido povo cujos lamentos sobem até o céu, cada dia mais tumultuosos, lhe suplico, lhes rogo, lhe ordeno em nome de Deus: parem com a repressão!"

Os chefes militares interpretaram estas palavras como um chamado à insubmissão dos soldados, à desobediência. No dia seguinte um oficial do Exército qualificou a homilia como um delito. Nesse mesmo dia, enquanto celebrava uma missa de defuntos num hospital da capital, os participantes da cerimônia viram como o arcebispo caiu por detrás do altar depois de receber um disparo que acabou com a sua vida. Enquanto isto acontecia, os Estados Unidos do cristão Ronald Reagan apoiavam com grandes somas de dólares o Governo salvadorenho para atentar contra a cidadania indefesa e legitimava com assessores militares a ordem do Exército de assassinar sacerdotes.

San Romero da América, pastor e nosso mártir

Vinte e cinco anos depois, a figura de Romero cresce, continuamente, religiosa e socialmente em El Salvador, na América Latina e em todo o mundo, até se converter, juntamente com as religiosas e os jesuítas assassinados, no símbolo de um cristianismo libertador. Pedro Casaldáliga, outro bispo-profeta e às margens do martírio por muitas vezes, imortalizou a figura de Romero com estas palavras: "Como Jesus, por ordem do Império. Pobre pastor glorioso, abandonado por teus próprios irmãos de báculo e de mesa...! As cúrias não podiam te entender: nenhuma sinagoga bem montada pode entender a Cristo... São Romero da América, pastor e nosso mártir: ninguém haverá de calar a tua última homilia!". O mesmo Romero foi profético quando, alguns dias antes de morrer, declarava a um jornalista: "Se me matam, ressuscitarei no povo salvadorenho".

JOSEPH FUCHS (1911-2005) – TEOLOGO MORAL

Traduzimos o artigo enviado para nós por James Keenan. James Keenan, americano, jesuíta, é doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana, Roma e atualmente é diretor da Boston College's Gasson Chair e professor de Teologia Moral no Weston Jesuit School of Theology.

Josef Fuchs, SJ, morreu no dia 9 de março em Colônia, na Alemanha, aos 93 anos. Sua morte marca o final de uma enorme transição na teologia moral. Junto com Bernard Häring⁷⁷ (morto em 07.03.1998), do Alfonsianum, e Louis Janssens (morto em 12.09.2001), da Universidade de Lovaina, Fuchs, da Universidade Gregoriana, ofereceu os fundamentos para a teologia moral do Vaticano II.

⁷⁷ Bernard Häring (1912-1998) Redentorista Alemão, famoso autor, conferencista e teólogo, foi professor de teologia moral na Academia Alfonsiana de 1949 até 1987. (Nota do **IHU On-Line**)

Häring liderou a reforma com sua monumental obra *A lei de Cristo*, convocando a igreja a reconhecer a moralidade não primordialmente como um código de ações pecaminosas a serem evitadas, e sim como um chamado ao discipulado a ser realizado. Mais tarde, Janssens propôs um “personalismo”, pelo qual uma pessoa poderia crescer, através da ação moral e da graça, para tornar-se mais imagem de Deus. Mais foi Fuchs que se tornaria conhecido como o paladino da consciência católica, ainda que só depois de repudiar suas obras anteriores.

Na década de 1950, as obras *A lei natural* e *De castitate* de Fuchs eram os textos-padrão para as aulas de teologia moral. Assim, em 1963, quando o papa Paulo VI ficou preocupado porque a comissão sobre controle da natalidade nomeada por seu antecessor, o papa João XXIII, estava se encaminhando para recomendar uma reforma do ensinamento da igreja, ele aumentou o número de membros acrescentando outros teólogos, entre eles Fuchs. Esperava-se que Fuchs se opusesse às inclinações da comissão, mas, em vez disso, ele tornou-se o redator do relatório da maioria, que o papa rejeitou ao promulgar a encíclica *Humanae vitae* em 1968.

Robert Kaiser (*The Politics of Sex and Religion*), Robert McClory (*Turning Point*) e Mark Graham (*Josef Fuchs on Natural Law*) descrevem o funcionamento interno da comissão e destacam como Fuchs veio a reconhecer a relevância da consciência na tomada de decisões morais por católicos. Escutando os casais que testemunharam perante a comissão, Fuchs os ouviu explicar a complexidade de decisões morais referentes à regulação responsável da natalidade e ao exercício correto da paternidade. Ao passo que antes ele acreditava que a aplicação dos ensinamentos da igreja consistia em simplesmente obedecê-los, agora se deu conta de que a aplicação genuína exigia que os adultos se defrontassem na consciência com todos os ensinamentos e responsabilidades pessoais com que se deparavam. Desses casais Fuchs aprendeu a competência que cabe a uma consciência moral madura. Na última sessão da comissão, dois bispos pediram que Fuchs descrevesse sua transformação. Ele lhes contou como dúvidas sobre a aplicabilidade direta dos ensinamentos da igreja surgiram originalmente em 1963, que subsequente ele parou de lecionar na Universidade Gregoriana de 1965 a 1966 porque não podia assumir responsabilidade por uma doutrina que não aceitava mais e que, ao mesmo tempo, ordenou à Editora da Universidade Gregoriana que não publicasse mais *De castitate*.

Depois de seu relato, os bispos votaram sobre se a contracepção era um mal intrínseco (nove, não; três, sim; três abstenções). Os bispos votaram então a favor da adoção do relatório da maioria como seu próprio relatório. Fuchs nunca mais escreveu um manuscrito com a extensão de um livro, mas de 1968 a 1998 redigiu ao menos 70 ensaios sobre a teologia moral do Vaticano II. Certa vez lhe perguntei por que ele escrevia ensaios. “Eu geralmente leio o que as pessoas estão escrevendo sobre um determinado assunto. Se penso de maneira diferente, então escrevo.”

Como muitos outros (Dionigi Tettamanzi⁷⁸, cardeal de Milão, Klaus Demmer⁷⁹ e Bruno Schueller), eu fui um de seus doutorandos. Ele era um orientador notavelmente atencioso, que adorava reunir seus alunos para comer e beber, simplesmente para compartilhar nossa

⁷⁸ Atual cardeal arcebispo de Milão, sucedeu ao cardeal jesuíta Carlo Maria Martini, é visto, pelos vaticanistas, com um dos possíveis sucessores de João Paulo II. (Nota do *IHU On-Line*)

⁷⁹ Importante teólogo moralista alemão (Nota do *IHU On-Line*).

vocação. Ele nos lembrava que fazemos parte de uma corporação e deveríamos ouvir uns aos outros. Também queria que escutássemos a outros. “Você deveria ouvir confissões semanais”, ele insistiu comigo. “Para ser um bom teólogo na área da moral, você precisa aprender a prestar atenção no que causa ansiedade ao povo de Deus.” Fuchs tinha uma sabedoria revigorantemente prática. Num exame oral com ele, pediu-me que explicasse o que o Vaticano II diz sobre a infalibilidade papal. No final de minha resposta, ele disse: “Muito bem, mas o cardeal Ratzinger não concordaria com você.” Mais tarde ele me deu um conselho: “Vocês americanos são tão enfáticos em seus juízos! Vocês terminam as afirmações com um ponto final. Eu acho um ponto de interrogação muito mais eficaz.”

Providencialmente, visitei Josef Fuchs três dias antes de sua morte. Não sabendo quão competente ele era, eu disse: “Meu nome é Jim Keenan.” “Eu conheço Jim”, respondeu ele em inglês.

Em sua estante estavam seus escritos, desde *De castitate* até seu ensaio mais recente. Havia também um solitário álbum de fotografias recordando uma visita a Washington, DC, onde Charles Curran e Dick McCormick⁸⁰, entre outros, o homenagearam. Fuchs estava fraco, mas eu sabia que ele queria notícias. Assim, disse-lhe que eu tinha acabado de falar com Curran. “O que ele está escrevendo?” “Ele acaba de escrever *A teologia moral do papa João Paulo II*.” Ele pareceu perplexo por um momento e então me deu um sorriso esquisito.

Mais tarde, quando eu saía, lhe agradei por me ensinar a ser um teólogo moral. Ele, por sua vez, apertou minha mão e disse: “Grüss Gott!”, “Saudações de Deus!”, em alemão.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

(Diariamente o sítio www.ihu.unisinos.br é atualizado. Aqui apresentamos uma pequena síntese do que foi publicado na semana passada)

América Latina. Em três anos, 11 milhões de novos miseráveis

“Na América Latina, nos últimos três anos, 11 milhões de pessoas passaram a viver abaixo da linha da pobreza, segundo a Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe, ligada à ONU). São 11 milhões de novos miseráveis”, afirma José Bengoa, sociólogo chileno, membro da Subcomissão para Promoção e Proteção dos Direitos Humanos e presidente do grupo de estudo de extrema pobreza e direitos humanos, ambos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU) em entrevista publicada, hoje, 14-3-05, no jornal **Folha de S. Paulo**.

A luta por uma nova abolição

“A luta que estamos travando é para abolir a pobreza, deslegitimá-la. Mostrar que é uma vergonha e que, portanto, deve ter consequências. O caminho é observar esses temas como direitos, e não com sentimentos caritativos. A coisa precisa ser invertida. Não é porque um presidente entregou milhares de moradias para sua população que ele é bom. Não! As pessoas têm direito a isso. Os valores é que estão invertidos”, constata José Bengoa na entrevista publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 14-3-05.

⁸⁰ Conhecidos teólogos católicos dos EUA (Nota do *IHU On-Line*)

Morre um dos jesuítas do filme O Exorcista

Walter H. Halloran, um dos jesuítas que colaborou no exorcismo de uma criança em San Luis – história em que se baseou o livro *O Exorcista* de William Peter Blatty, e o filme de William Friedkin – faleceu no dia 1º de março, aos 83 anos, em Wisconsin, EUA, informa o jornal espanhol *El País*, 14-3-05. Halloran era um seminarista de 28 anos, em janeiro de 1949, quando assistiu, com mais quatro sacerdotes, ao padre William S. Bowdern, em San Luis, durante o exorcismo de um menino de 11 anos, chamado Robie. As sessões de exorcismo duraram três meses. Halloran foi ver o filme *O Exorcista*. Não gostou. Para ele, o filme era um típico produto de Hollywood, nada mais que um filme de terror.

São José: patrono dos anônimos. A despedida de Leonardo Boff como teólogo

“Por mais de vinte anos, pesquisei sobre São José nas melhores bibliotecas do mundo. Disso resultou um livro de tamanho considerável - **São José, a personificação do Pai** – que, pessoalmente, considero, pela idade que já tenho, o meu *nunc dimittis* (minha despedida) de uma reflexão dogmática-sistemática sobre a fé cristã”, escreve Leonardo Boff em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 18-3-05.

“Como todas as coisas, assim também José, além do lado visível de artesão, esposo, pai, educador possui um outro invisível, ligado ao Mistério que ganhou uma das expressões singulares no caminho de Maria, de Jesus e dele mesmo. No livro, tento mostrar que ele significa a personificação do Pai, assim como Jesus é a do Filho e Maria, a do Espírito Santo. Esse discurso vale apenas para os cristãos. Não abordarei esta espinhosa questão. Restrinjo-me àquilo que todos podem compreender, independentemente da fé que professem”, escreve Leonardo.

Giuliana Sgrena. O tempo para matar

Os americanos tiveram vinte minutos para advertir a patrulha americana que matou Nicola Calipari e feriu Giuliana Sgrena. Quem o afirma é o general Mario Marioli, o oficial italiano que esperava o carro italiano no aeroporto de Bagdá: às 20h30min foi dado o aviso ao capitão americano Green (“no carro também está a seqüestrada”), às 20h50min o carro foi metralhado. A notícia, de primeira página, está no jornal italiano *Il Manifesto*, 15-3-05.

Leonardo Boff: O PT é o único partido neoliberal dos trabalhadores no mundo

Em artigo que nos foi enviado via internet, Leonardo Boff afirma que o PT “conseguiu uma proeza: transformar o Partido dos Trabalhadores no único Partido neoliberal dos Trabalhadores do mundo. Não só assumiu a macroeconomia neoliberal senão que a radicalizou com uma preocupante taxa de iniquidade social e ambiental. Agora se mata e se desmata afoitamente com tanto que traga dólares. Não para pagar a dívida social, mas a dívida monetária. O Governo mais que cuidar do povo, gerencia as moedas, pois neste tipo de macroeconomia o que conta mesmo não são pessoas, mas números e moedas”. Falando das políticas sociais do governo Lula, Leonardo Boff constata que a assistência social significa apenas 5,5% do total dos gastos sociais, enquanto a maior fatia do PIB vai para os Bancos cujas burras estão estourando de dinheiro. O erro desta política social reside nisso: é só distributiva e nada redistributiva, quer dizer, não tira dos ricos e repassa aos pobres. Eles podem continuar acumulando sem ter que mudar nada em sua voracidade. E aplaudem felizes”. E conclui: “O PT está deixando de ser o instrumento da mudança. Ele prolonga os dominadores de antes, de forma pior, porque usa os símbolos e a linguagem dos Moisés libertadores. Ele tem ainda

tempo de mudar. Senão vamos chamar o padre com o óleo santo da extrema-unção. E sobre ele vamos cantar o *Dies irae, dies illa*...da velha liturgia fúnebre da antiga Igreja”.

Bush nomeia o “neoon” Wolfowitz para dirigir o Banco Mundial

A decisão do presidente George W. Bush de nomear o subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz, para a presidência do Banco Mundial (Bird) chocou a comunidade internacional. Bacharel em matemática e doutor em Ciência Política, ele esteve entre os maiores defensores da guerra no Iraque. A indicação ainda será submetida aos demais membros do Bird e o receio é que ele não entenda de finanças e desenvolvimento. A notícia está publicada nos jornais nacionais e internacionais do dia 16-3-05. O secretário-adjunto da Defesa, Paul Dundes Wolfowitz, integra o pequeno círculo de colaboradores chamados de “neoconservadores” do presidente George W. Bush. São defensores do unilateralismo e da combinação do devastador poderio militar americano com valores democráticos e capitalistas para trazer estabilidade ao planeta. Muitos deles são egressos das fileiras da esquerda americana. Ele é um dos principais arquitetos da invasão do Iraque.

O inquietante e, ao mesmo tempo, fascinante ‘fim do social’, segundo Alain Touraine

“A idéia que este livro quer defender é que nós mudamos de *paradigma* na nossa representação da vida coletiva e pessoal. Saímos da época onde tudo se exprimia e se explicava em termos sociais, e nós devemos definir em que termos se constrói este novo paradigma cuja novidade se faz sentir em todos os aspectos da vida coletiva e pessoal”, escreve Alain Touraine, um dos mais importantes sociólogos do século XX, no seu novo livro ***Um nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d’aujourd’hui*** (Um novo paradigma. Para compreender o mundo hoje) publicado pela Editora Fayard de Paris. O livro foi publicado em janeiro deste ano. Para Touraine, “é tempo de saber onde nós estamos e qual é o discurso sobre o mundo e sobre nós mesmos que nos torna inteligíveis. Começamos, pois, por tomar consciência da ruptura que nos separa rapidamente de um passado ainda próximo, antes de buscar definir a natureza da mudança de paradigma”. Na introdução deste livro de 365 páginas, o sociólogo francês, afirma que o livro “apresenta a passagem de um paradigma a outro, de uma linguagem *social* sobre a vida coletiva, para uma linguagem *cultural*”. “Esta passagem – segundo Touraine – é acompanhada de uma mutação provocada pelo rápido desenvolvimento de uma relação direta do próprio sujeito, sem passar por intermediários meta-sociais fornecidos pela filosofia da história. Esta mutação, importante nela mesma, tem uma significação ainda mais ampla: as coletividades voltadas para o exterior e para a conquista do mundo, são substituídas por outras, voltadas para o interior delas mesmas e de cada um dos que a vivem. O último capítulo descreve esta grande mutação onde as mulheres são as atrizes principais”.

Um novo paradigma

Alain Touraine, no seu novo livro, recém lançado na França, intitulado ***Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d’aujourd’hui***, na introdução escreve: “Durante um longo período, nós descrevemos e analisamos a realidade social em termos políticos: a desordem e a ordem, a paz e a guerra, o poder e o Estado, o rei e a nação, a República, o povo e a revolução. Depois a revolução industrial e o capitalismo se liberaram do poder político e apareceram como a “base” da organização social. Foi então que substituímos o *paradigma político* pelo *paradigma econômico e social*: classes sociais e riqueza, burguesia e proletariado, sindicatos e greves, estratificação e mobilidade social, desigualdades e redistribuição se tornaram nossas categorias usuais de análise”. “Hoje – continua Touraine – dois séculos após o triunfo da economia sobre a política, estas categorias “sociais” se tornaram confusas e deixam na sombra uma grande parte

da nossa experiência vivida. Necessitamos, assim, de um *novo paradigma* pois nós não podemos voltar ao paradigma político, sobretudo porque os problemas *culturais* tomaram uma importância tal que o pensamento social deve se organizar ao redor deles". E Alain Touraine pergunta: "A análise sociológica, então, não tem mais vez? Esta pergunta se torna cada vez mais forte na medida em que nos aproximamos do final da primeira parte deste livro, que é consagrada a este "fim do social", fascinante e, ao mesmo tempo, inquietante".

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

Severino e o supositório

"Limitaremos a edição dessas medidas, não para inibir a competência do Poder Executivo, mas para desopilar [desobstruir] a delegação que o povo deu aos parlamentares, que terão a restauração da sua independência e do seu poder, porque a Câmara dos Deputados não vai ser apenas o supositório do Poder Executivo." – Severino Cavalcanti, presidente da Câmara – **O Globo**, 14-3-05.

Os Fernandos, Lula e o desemprego

"O governo Lula está mal na questão da geração de emprego. E eu não estou falando nada demais. Os Fernandos dos anos 90 também estiveram mal. Os juros têm que cair." – Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES - **Valor**, 15-3-05.

Greenspan e Meirelles

"Greenspan aumenta o juro cuidadosamente para atingir o juro real de equilíbrio que mantém a economia americana crescendo a 4%; Meirelles aumenta o juro porque acredita que não podemos crescer mais do que 3,5%. São duas concepções absolutamente antagônicas." – Antonio Delfim Netto, ex-ministro da Fazenda, deputado federal – PP-SP - **Valor**, 15-3-05.

"Essa obsessão macroeconômica do Brasil com a meta de inflação é um grande equívoco." – Ha Joon Chang, diretor-assistente de estudos sobre desenvolvimento da Universidade de Cambridge autor do livro **Chutando a Escada, a estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica** - **Folha de S. Paulo**, 18-3-05

Sarney e a Nova República

"Eu peço pelo amor de Deus: me deixem até amanhã e depois de amanhã façam de mim o que vocês quiserem. Mas eu tenho a obrigação. É um compromisso que eu tenho. Eu sei de fonte fidedigna que o Figueiredo não dá posse ao Sarney." – Tancredo Neves, presidente eleito, no dia 14-3-1985, antes de ser operado, segundo depoimento de Ronaldo Costa Couto - **Folha de S. Paulo**, 15-3-05.

"Durante o meu mandato a história se contorceu, mas a democracia não murchou na minha mão." – José Sarney, senador – PMDB-AP – sobre as duas décadas, hoje completadas, de sua posse na Presidência - **Folha de S. Paulo**, 15-3-05.

"Perpetuar a conciliação pelo alto significa também perpetuar o velho e impedir que floresça o

novo. É optar pelo conservadorismo em um país em que há pouco de louvável a se merecer conservação.” – Clovis Rossi, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 16-3-05.

A nomeação de Wolfowitz para o Bird

"Verdadeiramente aterradora" - Dave Timms, do World Development Movement, uma coalizão de ONGs britânicas, comentando a indicação do 'neocon' Paul Wolfowitz para o Banco Mundial - **Folha de S. Paulo**, 18-3-05.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Páscoa: passagem para a liberdade

A programação do evento **Páscoa: Passagem para a Liberdade**, promovida pelo IHU ofereceu uma semana repleta de atividades à comunidade acadêmica da Unisinos. As duas exposições de arte sacra continuam abertas até o dia 31 de março, na Galeria Cultural da Biblioteca da Unisinos e no Espaço Cultural do Instituto Humanitas Unisinos. Além delas, mais duas atividades serão realizadas nos próximos dias. Uma é a exibição do filme: *O Evangelho segundo São Mateus*, de Pier Paolo Pasolini, no próximo dia 23 de março, das 16h às 18h30min, incluindo debate posterior, na sala 1G119 do IHU. A outra atividade é a palestra do evento **IHU Idéias**, no dia 31 de março de 2005, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, cujo tema será *Reencarnação ou Ressurreição: um confronto de antropologias*. O palestrante será o Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, da PUCRS.

A Páscoa musical de Bach

CANTATA BWV 4

Na última semana, parte da obra de Johann Sebastian Bach foi apresentada em preparação à Páscoa, durante o evento **Páscoa - Passagem para a liberdade**, promovido pelo IHU. A professora Yara Borges Caznok, da UNESP, fez uma análise auditiva da **Cantata BWV 4, Christ lag in Todes Banden**, no evento **IHU Idéias** da última quinta-feira, dia 17 de março. A professora Yara explicou que a cantata era apresentada antes e depois do sermão das missas do período barroco. A professora fez a apresentação da cantata, intercalando a audição da peça com a explicação da estrutura da composição na partitura, que possui um formato de cruz. Bach compôs cinco ciclos de cantatas, possuindo cada ciclo 59 cantatas, uma para cada domingo do ano, num total de quase 300 cantatas hoje conhecidas.

Ecos do evento

"A obra foi muito bem explicada, e a associação com a audição facilitou muito a compreensão. Foi uma apresentação completa e muito bem feita. Um evento como este nos prepara no sentido reflexivo para o que realmente significa a Páscoa, ressaltando mais o dia da Páscoa, o domingo, que é o que mais importa".

André Lau da Costa, aluno do curso de Física da Unisinos.

"Foi um encontro muito interessante, pois a professora conhece muito bem o tema apresentado. Como sou luterano, foi muito gostoso apreciar a música de um compositor também luterano. A professora explicou detalhes que, quando nós ouvimos a música, não percebemos. A palestra resgata em nós um sentimento da simbologia litúrgica e teológica, que hoje está um pouco perdida".

João Carlos Tomm, pastor evangélico em São Leopoldo.

MISSA EM SI MENOR, DE BACH

A professora Yara Caznok também foi responsável pela audição comentada da *Missa em Si Menor*, de Johann Sebastian Bach – *Uma celebração perceptiva*, realizada na última sexta-feira, dia 18 de março. Em clima de comunhão, a professora apresentou a obra do compositor alemão escrita em latim. No intervalo, o público compartilhou com pão e suco de uva, em um cenário construído especialmente para o evento.

Ecos do evento

"O ambiente preparado me tocou profundamente por sua beleza e expressividade. O evento foi favorecido pelo clima de comunhão e vivência de ecumenismo e espiritualidade natural. A música que ouvimos foi de um enlevo muito grande, que me proporcionou momentos de grande emoção. Às vezes, parecia que eu não conseguia mais respirar. A professora Yara tem uma linguagem seleta e uma postura adequada ao momento e à obra apresentada. Foi um momento de encontro do homem com Deus e com ele próprio através de seus semelhantes, onde o divino e o humano se encontram. Sou muito grato por este momento".

Prof. Lothar Carlos Hoch, reitor da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo.

"Foi um evento divino, magnífico, virtuoso. Vivenciei algo novo, diferente, esclarecedor, que me ajudou a conhecer mais sobre Bach. Uma apresentação como essa é válida para o espírito que procuramos hoje, de união e paz, para esse violento e individualista mundo em que vivemos. A obra faz com que a gente reflita sobre a solidariedade e nos faz procurar o nosso 'eu', nosso lado espiritual. Gostei muito, quando a professora comparou a parte do Glória com o estilo de Vivaldi, meu compositor favorito".

Edna Hahn, aluna do curso de Biologia no Unilasalle.

"A iniciativa da Unisinos em promover um evento como esse deve ser comemorada. Em geral, as universidades não têm se dedicado a este tipo de trabalho. O que ouvimos hoje é mais do que a audição de uma peça. Ela tem uma dimensão espiritual, com densidade mística. Bach não foi só um grande músico, mas uma pessoa de grande espiritualidade. Ele soube fazer teologia com sua música".

Luís Osvaldo Leite, professor aposentado da UFRGS, ex-presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e duas vezes diretor da Divisão de Cultura de Porto Alegre.

A ÚLTIMA TENTÇÃO DE CRISTO

Outra atividade do evento **Páscoa - Passagem para Liberdade**, realizado na última quarta-feira, dia 16 de março, foi a exibição do filme *A última tentação de Cristo*, do diretor Martin Scorsese, seguida por um debate com o público, conduzido por Marcus Mello. O filme de Scorsese foi inspirado no livro *The Last Temptation (of Christ)*, de Nikos Kazantzakis.

(Stockholm: Hugo Gebers Förlag, 1952). Confira a opinião de quem assistiu à exibição e participou do debate.

Ecoss do evento

"O livro que inspirou o filme apresentado foi lançado em 1952. Naquele tempo, não li a obra, mas acompanhei pela literatura informativa os comentários sobre ela. Tive uma percepção muito boa, pois todos elogiavam o livro de Kazantzakis. Para mim foi grande a surpresa, quando o professor Marcus nos comentou que a obra foi colocada pelo Vaticano no índice dos livros proibidos. Quando o filme de Scorsese foi lançado, lembrei-me do livro e decidi lê-lo. Gostei bastante por apresentar os problemas espirituais do autor, o que vi bem retratado no filme ao qual assisti hoje. Ele mostra o Cristo humano, o Cristo homem, não estritamente bíblico, o que me agradou muito. É um filme artisticamente muito bom, repleto de simbologia".

Prof. Dr. Pe. Lodomilo Mallmann, SJ, diretor da Biblioteca da Unisinos.

"Achei muito interessante a contextualização que o professor fez depois do filme, explicando que o autor do livro que inspirou a obra cinematográfica o escreveu para analisar um problema pessoal. Ficamos nos perguntando se Cristo tinha consciência de que Ele era o Messias desde o início, ou teve que fazer a descoberta. Hoje nós também, por vezes, nos perguntamos o que devemos fazer."

Prof. MS Luiz Carlos Thomas, professor na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos.

O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS DE PIER PAOLO PASOLINI

A programação do evento **Páscoa - passagem para a liberdade**, tem como atividade, nesta semana, a exibição do filme **O Evangelho segundo São Mateus**, de Pier Paolo Pasolini, no próximo dia 23 de março, das 16h às 18h30min, na sala 1G119 do IJU. Após, haverá um debate com o público, conduzido pelo Prof. Dr. João Guilherme Barone Reis e Silva. Prof. Dr. João Guilherme Barone Reis e Silva é professor no Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da PUCRS. Graduado em Jornalismo, João Guilherme Barone é mestre em Comunicação e Indústria Audiovisual pela Universidad Internacional de Andalucía, da Espanha, e doutor em Comunicação Social pela PUCRS. Confira, a seguir, a entrevista que Barone nos concedeu, por e-mail, na última semana:

IJU On-Line - Quais são os traços de Jesus que Paolo Pasolini mais destaca em O Evangelho Segundo São Mateus?

João Guilherme Barone - Acredito que, se algum traço tenha sido mantido por Pasolini, talvez seja a eloquência e a sabedoria. É preciso, porém, considerar que o diretor adotou uma dimensão muito mais humana para o personagem Jesus, ao contrário das representações tradicionais do cinema. É preciso considerar ainda que Pasolini era ateu e marxista, o que determina um olhar diferenciado para um personagem bíblico.

IJU On-Line - O que há de característico na obra de Pasolini que apareça claramente neste filme em particular?

João Guilherme Barone - A obra de Pasolini é fundamentalmente transgressora e polêmica, marcada por influências do Neo-realismo. Acredito que a opção de fazer uma visão cinematográfica instigante e provocadora do Evangelho Segundo S. Mateus está relacionada ao conjunto de sua obra. Ele filma de maneira despojada, com uma estética próxima do documentário, trabalhando sem a espetacularização dos eventos narrados. A cena do martírio de Jesus é tratada com o mínimo de violência em pouco mais de 20 minutos. A maioria dos

atores não é profissional, e a narrativa não é conduzida com os recursos de conflito-clímax-solução.

***IHU On-Line* - Diferentemente de outros filmes sobre a paixão de Jesus Cristo, Pasolini não acentua a violência, e sim a palavra. A que atribui esse fato?**

João Guilherme Barone - Pasolini filmou com base no texto do Evangelho, suprimindo o que ele considerava desnecessário ou inadequado ao filme. Ele mostra os eventos descritos nas escrituras e, por adotar uma estética não-espetacular, enfatiza intencionalmente o discurso dos personagens. Em outros filmes sobre a Paixão de Cristo, a ênfase está na reconstituição da época, por meio dos cenários, figurinos, adereços. Neste filme, a ênfase está no discurso, na palavra. O filme foi produzido em 1964 e me parece que foi uma ruptura com as representações tradicionais dos últimos episódios da vida de Jesus. Ao mesmo tempo, o personagem central tem um contorno de profeta, muito mais do que de Messias. Essa ênfase na palavra, somada a uma estética despojada, está presente em outras obras do cineasta, como *Decameron*⁸¹, *Pocilga*⁸² e *Teorema*⁸³.

***IHU On-Line* - Que aspectos da vida de Jesus, da vida de fé ou da vida da Igreja são problematizados no filme?**

João Guilherme Barone - Acredito que a intenção de Pasolini era fazer uma crítica aos mitos da tradição cristã e aproximar o discurso marxista do discurso cristão. O personagem Jesus que ele constrói, atua como um pregador revolucionário que profetiza a construção de um novo mundo, assim como o Messias. Como ateu e marxista, Pasolini era um crítico da Igreja e certamente tencionava provocar a discussão e a polêmica sobre o sistema religioso como um todo.

***IHU On-Line* - Por que considera importante discutir este filme, na universidade, no contexto da Semana Santa?**

João Guilherme Barone - A universidade é o espaço essencial para todas as discussões. E é preciso discutir tudo sempre. A Semana Santa é, tradicionalmente, um tempo de reflexão e de renovação da fé. Portanto, debater este filme é mais do que oportuno.

***IHU On-Line* - Algum outro aspecto que não foi perguntado e considere importante acrescentar?**

João Guilherme Barone - O Evangelho é mais um filme polêmico de Pasolini, que se destaca pela ruptura radical com as formas tradicionais das representações cinematográficas de Jesus Cristo. O filme permanece como referência da obra do cineasta.

⁸¹ *Decameron* (1970): série de pequenas histórias adaptadas pelo próprio Pasolini da obra de Giovanni Boccaccio. (Nota do *IHU On-Line*)

⁸² *Pocilga* (1969): Duas histórias paralelas e alegóricas sobre antropofagia. A primeira, ambientada num deserto no século XVI, mostra jovem no limite do desespero, alimentando-se de insetos e até mesmo de seres humanos. Na segunda, filho de industrial alemão escandaliza os habitantes do palácio onde vive com sua paixão pelos porcos. Inteligente, cheio de metáforas, mas com cenas desagradáveis. (Nota do *IHU On-Line*)

⁸³ *Teorema* (1968): Um carteiro com o significativo nome de Ângelo entrega uma carta na "villa" de um industrial anunciando a chegada, no dia seguinte, de um hóspede desconhecido. Privados do amor daquele estranho, todos os membros da família do industrial percorrerão seus caminhos individualistas. A empregada Emília é a única que enxerga a natureza sagrada do hóspede. Ela então retorna ao povoado onde nasceu e ali espera que a visita se repita. (Nota do *IHU On-Line*)

Simpósio internacional Terra Habitável. Um desafio para a humanidade

O Simpósio Internacional Terra Habitável. Um desafio para a humanidade, promovido pela Unisinos, por meio do Instituto Humanitas Unisinos, continua com as inscrições abertas. O evento se realizará de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos, celebrando o cinquentenário da morte do teólogo Teilhard de Chardin, o centenário de nascimento do padre Balduino Rambo e o centenário do ano miraculoso de Einstein. No dia 16 de março, os fôlderes com a programação das grandes conferências, das oficinas, dos cursos e minicursos começaram a ser expedidos. Os interessados podem se inscrever diretamente na Coordenação de Admissão e Matrícula da Unisinos ou pelo site do evento www.unisinos.br/simposio/terra-habitavel. Estudantes pagam R\$ 60,00 até o dia 30 de abril e R\$ 80,00 depois desta data. Profissionais pagam R\$ 120,00 até o dia 30 de abril e R\$ 140,00 depois desta data. A programação completa, além de maiores informações sobre o evento, pode ser obtida no sítio do IHU: www.ihu.unisinos.br, pelo e-mail: humanitas@unisinos.br, pela linha direta Unisinos, telefone: (51) 591-1122 ou pelo telefone do IHU: (51) 590-8474.

IHU Idéias

REENCARNAÇÃO OU RESSURREIÇÃO?

O último **IHU Idéias** do mês de março, que também está inserido na programação do evento **Páscoa - passagem para a liberdade**, acontecerá no próximo dia 31. Na ocasião, o Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, da PUCRS, apresentará o tema *Reencarnação ou Ressurreição: um confronto de antropologias*. O evento é gratuito e se realizará das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de abril:

07/04/05 – Do Big Bang à Inteligência - Prof. Dr. Luiz Augusto Leitão da Silva – Professor na Unisinos

14/04/05 – Direito: uma visão prático-humanista - Prof. MS Antônio Carlos Nedel – Professor na Unisinos

28/04/05 - Teologia do Diálogo Inter-Religioso – Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Andreatta – Professora na Unisinos

SENTIDO DA VIDA E DA MORTE

Hoje, dia 21 de março, acontece mais uma edição do **Encontros de Ética para Alunos**. O tema Sentido da vida e da morte será abordado pelo Prof. Dr. Érico João Hammes, da Faculdade de Teologia da PUCRS. Graduado em Filosofia e Teologia, Érico Hammes é também mestre e doutor em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Università Gregoriana, da Itália. O professor é autor do livro **Filii in Filio. A Divindade de Jesus como Evangelho da Filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995; e do **Cadernos Teologia Pública** n.º 5, de 2004, intitulado **Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner**, e organizador da obra **Fé & Cultura - Temas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. O evento é gratuito e acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

ADAM SMITH E SUA TEORIA ECONOMICA

No segundo encontro do **1º Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, a Profª. Drª. Ana Maria Bianchi, da Universidade de São Paulo (USP), falou sobre Adam Smith e a influência de sua teoria econômica. O encontro, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU), Graduação em Economia e os PPGs em Administração e Ciências Contábeis, aconteceu em 17 de março, das 14h às 17h, na sala 1G119, na Unisinos. O objetivo do **Ciclo de Estudos** é promover uma discussão inter e multidisciplinar, aberta para a comunidade acadêmica da Unisinos e ao público em geral, a fim de vislumbrar uma visão global da economia clássica e suas implicações no cotidiano, discutindo as possibilidades e os limites de uma economia social e eticamente regulada. Adam Smith, nascido em 1723 e falecido em 1790, é considerado o fundador da ciência econômica. A *Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. Confira agora a entrevista que a Profª. Drª. Bianchi concedeu, via e-mail, ao **Boletim Diário On-Line do IHU**.

IHU – Qual é a principal contribuição de Adam Smith, o chamado fundador da Ciência Econômica?

Ana Maria Bianchi - Adam Smith escreveu o atestado de nascimento da economia política, no último quartel do século XVIII. Analisou, com competência, as condições de transição do capitalismo para sua fase industrial, e a expansão do comércio na Europa e em outras partes do mundo. Desenvolveu a teoria do valor trabalho, localizando, na divisão do trabalho, a fonte primeira da produtividade econômica. Coletou um material estatístico riquíssimo sobre diferentes épocas da história e regiões do mundo, que incluíram, além das nações europeias propriamente ditas, o Japão, a China, outros países da Ásia e da África e até a América do Sul.

IHU - Que novas leituras podem ser feitas do autor e sua obra a partir dos problemas contemporâneos?

Ana Maria Bianchi - O aspecto que mais enfatizei em minha exposição foi a origem ética da ciência econômica, que pode ser claramente identificada em Adam Smith. Vejo a necessidade de retomar essa discussão na Economia e, nesse sentido, uma releitura da *Riqueza das Nações* e um contato com o outro livro importante de Smith, que é *A Teoria dos Sentimentos Morais*, poderia ajudar a recuperar a importância da ética na economia.

IHU - A *Riqueza das Nações* é geralmente considerada a afirmação clássica das virtudes do *laissez-faire*. Trata-se de uma visão reducionista?

Ana Maria Bianchi - Smith nunca mencionou a expressão *laissez-faire* na *Riqueza das Nações*. Era liberal, sem dúvida, e ajudou a difundir o ideário do liberalismo clássico. Mas esse ideário não era vulgar, pelo menos em sua obra, e não relegava o estado a mero observador da Economia. Smith preocupava-se, sim, com os abusos do corporativismo mercantil e dos grandes monopólios, freqüentemente com a conivência dos governos.

IHU - Como aparecem, na teoria econômica do autor, as dimensões políticas e éticas? Qual a implicação de sua filosofia moral na sua teoria econômica?

Ana Maria Bianchi - A dimensão ética aparece claramente na sua visão do auto-interesse do empresário capitalista prudente, que tocava seus negócios e se preocupava em poupar e investir. A dimensão política, propriamente dita, está menos presente na obra de Smith, mas aparece, por exemplo, nas críticas dirigidas às corporações.

IHU - Em que sentido a obra de Adam Smith poderia iluminar o cenário contemporâneo de globalização econômica?

Ana Maria Bianchi – Os tempos mudaram, o capitalismo já não é o mesmo, mas alguns problemas persistiram, outros mesmo se agravaram. A leitura de Smith deve ser feita com atenção para o contexto em que seus livros foram escritos, mas, ao mesmo tempo, há momentos - nas críticas aos monopólios, por exemplo - que parece que ele está vivendo exatamente no nosso mundo.

IHU – Por que acredita que não há um paradoxo entre as duas principais obras de Smith?

Ana Maria Bianchi - Porque o homem, dentro do peito, descrito n' *A Teoria dos Sentimentos Morais*, motivado pelo auto-interesse, mas atento para a repercussão social de seus atos, permanece n' *A Riqueza das Nações*. Só que, na segunda obra, há um afunilamento do escopo da investigação, que se torna propriamente econômica; e um mecanismo institucional, a competição, desempenha o papel de harmonizar interesses individuais e interesse geral, papel que, na primeira obra, é desempenhado pela simpatia.

IHU - Algum outro aspecto que gostaria de acrescentar e não foi perguntado?

Ana Maria Bianchi – Apenas agradecer ao Instituto Humanitas e à Unisinos a oportunidade de voltar a ler livros tão atuais e debater as implicações éticas da ciência econômica.

Ecos do evento

"A professora foi objetiva e falou sobre o que deveria falar: Adam Smith. Foi uma oportunidade de conhecer a fundo o autor que é considerado o pai da ciência econômica. A partir de Adam Smith, a economia passou a ser pensada como ciência".

Kátia Fauth, aluna do curso de Economia da Unisinos.

"A apresentação foi interessante, porque a professora retrocedeu, falando sobre o primeiro livro de Adam Smith, que apresenta a base do que ele pensava sobre ética e moral. Desta forma, ela embasou o conceito que Smith tinha de economia, ressaltando que o autor revolucionou o conceito de produção e especialização do trabalho, o que eu considero seu maior legado".

Eduardo Batista, aluno do curso de História da Unisinos.

Abrindo o Livro

O DIREITO DA SOCIEDADE

O evento **Abrindo o Livro**, em sua última edição, realizada dia 15 de março, contou com a apresentação do livro *Die Kunst der Gesellschaft* (O Direito da Sociedade), de Niklas Luhmann (Frankfurt a. Main, 1999). O professor Dr. Leonel Severo Rocha, coordenador do PPG em Direito da Unisinos, foi o responsável pela explanação, com base na tradução em espanhol da obra, cujo título é *El derecho de la sociedad* (México: Universidad Iberoamericana, 2002). Confira as impressões do público sobre o evento.

Ecos do evento

"Foi um bom relato que o professor Leonel fez tanto sobre a teoria sistêmica como sobre o livro apresentado, que seria o trabalho definitivo do principal autor da teoria dos sistemas, Niklas Luhmann. Sempre me chama a atenção, na teoria dos sistemas, que voltou a ser enfatizado na palestra, a desvalorização ou a falta de preocupação com a autonomia humana, da pessoa. Parece que tudo se reduz a um mecanismo, como se fosse um determinismo frente ao qual a pessoa humana nada pode, tudo já está determinado".

Prof. Alcides Renner, professor na Unidade de Ciências Jurídicas da Unisinos.

"O principal mérito da palestra e do livro apresentado é que esse tipo de abordagem tratada na obra, sobre a teoria sistêmica, é pouco difundida na área do Direito, e é necessária, porque mexe com pontos importantes dessa ciência. Hoje há a necessidade de se comunicar melhor com outros ramos do conhecimento, mas o Direito é muito tradicional na sua maneira de trabalhar e encontra dificuldades nesse sentido. Luhmann entra como uma luva no mundo globalizado, e traz uma noção mais ampla do que a noção oferecida pelo Direito. A obra busca explicar o Direito como um todo, do ponto de vista sistêmico. A questão da transdisciplinaridade foi o principal ponto da palestra. Luhmann é um dos autores que mais incomodam a doutrina jurídica mais conservadora".

Guilherme de Azevedo, aluno no curso de Direito da Unisinos e bolsista do Pibic/Cnpq.

LÍDERES RELIGIOSOS DEBATEM TOLERÂNCIA

*Como se dá na prática a questão da tolerância em três religiões de diferentes matrizes. Esse é o propósito do **Painel das religiões: cultura da tolerância**, evento promovido pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDIREC) em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos (IHU), ocorrido das 19h30min às 22h em 15 de março, no Auditório Central da universidade. Estiveram presentes os painelistas e representantes religiosos Pai Dejair Haubert, da Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás, Adriana Miotto, da Brahma Kumaris de São Leopoldo, e o Pastor Adalberto dos Santos Dutra, da Igreja Assembléia de Deus do Vale do Rio dos Sinos.*

O Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz, da graduação e do programa de pós-graduação em Filosofia da Unisinos, foi o palestrante. A idéia em reunir diferentes religiões para um debate surgiu em 2004, quando dos encontros mensais Estudando as religiões. Para o segundo semestre de 2005 deverá acontecer novo painel, desta vez com três outras religiões. A coordenação das atividades está a cargo do Prof. Dr. José Ivo Follmann, S.J. e de Adevanir Aparecida Pinheiro.

*Confira abaixo a entrevista do Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz sobre o tema do painel. O Prof. Dr. Castor é doutor em Filosofia pela universidade de Deusto com dissertação intitulada O poder do imaginário: a força transformadora e o poder instituinte do simbólico, de 2000. Ele é mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde defendeu a dissertação, A Construção do Imaginário Social das CEBs, em 1995. Castor possui, ainda, especialização em Teologia Bíblica, pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, e História do Brasil República, pelas Faculdades Ipiranga, F.A.I. Ele é graduado em Filosofia e Letras pela Universidad del País Vasco (Espanha), Aptitude Pedagógica, pela Universidade de La Rioja, Filosofia pelas Faculdades Ipiranga e Universidade de Comillas, onde também cursou Teologia. Entre suas publicações, destacam-se: **El poder de los desposeídos**. Madri: Nueva Utopia, 2000; **Os Paradoxos do Imaginário**. São Leopoldo: Unisinos, 2003; e **Os Labirintos do Poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação**. Porto Alegre: Escritos, 2004.*

IHU On-Line - Em tempos de tanta intolerância nos mais variados aspectos, qual o sentido de se discutir uma cultura da tolerância entre as religiões?

Castor Ruiz - Se nos propomos falar sobre religião e tolerância, é porque a tolerância e a intolerância foram (e são) um problema para a religião. Em nome da religião, se fizeram e se fazem feitos sublimes de ajuda a populações em situações de miséria extrema e de solidariedade com pessoas excluídas. A fé religiosa é uma dimensão constitutiva do ser humano. Ela contém um potencial humanizador superior a qualquer outro tipo de motivação. A fé foi e é uma das grandes motivações que impulsiona muitas pessoas a desenvolver mais do que práticas de tolerância, práticas de justiça. Porém, também em nome da religião, se fez e se continuam perpetrando os fatos mais abomináveis. Em nome da religião, se legitimaram guerras contra aqueles que não eram ou não são da mesma religião. Hoje, em nome de Deus, ou com base em convicções religiosas, se mata cruelmente e massivamente no Iraque, na Chechênia, na Cachemira, na Indonésia, nas Filipinas, na Nigéria, em Israel, na Palestina, no Sudão, na Irlanda, etc. Também em nome de Deus e da religião, a mulher continua submetida à condição de serva em muitos grupos e nações. A experiência religiosa tem o potencial de promover a tolerância, na medida que ela propicia um determinado tipo de espiritualidade com base nos valores de acolhida do outro, da misericórdia, da solidariedade, do respeito. Porém, também a própria experiência religiosa pode conter o germe da intolerância. O dilema da intolerância religiosa no mundo se encontra na boa ou má vontade da pessoa que a pratica. A intolerância se justifica pelo conceito de verdade (neste caso sobre a religião) que ela defende. O intolerante religioso faz isso com a convicção de que é um dever seu defender a verdade (religiosa) como se fosse algo superior à dignidade das pessoas que pensam diferente. Para o intolerante, a intolerância religiosa não se pratica como forma de perversão, senão como serviço que ele mesmo considera às vezes doloroso, à verdade em que se acredita.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos positivos de diferentes religiões manterem um diálogo entre si, colocando de lado suas diferenças?

Castor Ruiz- Por sua vez, a tolerância resolve tudo. Tolerar é um valor. Podemos dizer que a tolerância é uma grande virtude, porém contém limites e contradições importantes para pensar a convivência com aqueles que pensam diferente. Contudo, a tolerância é um valor que carrega muitas contradições e limites. Podemos perguntar: é tudo tolerável? Por exemplo, pode-se tolerar, em nome da tolerância religiosa, o apedrejamento por adultério de uma mulher? Deve aceitar-se, em nome da tolerância religiosa, a ablação do clitóris? Devemos silenciar, em nome da tolerância religiosa, a extorsão econômica de fiéis? Devemos tolerar práticas alienantes da religião? Essas são algumas questões que demarcam alguns dos paradoxos e insuficiências da tolerância e, especificamente, da tolerância religiosa. As questões anteriores são atitudes intolerantes? Nesses casos, se deve ser tolerante com os intolerantes? Como tolerar a intolerância? Nestes casos, a virtude seria ser intolerante com os intolerantes, e não tolerar os intolerantes, ou seja, a tolerância com os intolerantes não seria uma virtude, já que essa tolerância se transforma em convivência e cumplicidade com os intolerantes. Tampouco podemos confundir a tolerância com a permissividade. A permissividade tolera tudo, porque não existem valores ou critérios para discernir sobre o bem e o mal, cada um faz o que quiser, porque ninguém pode ou deve opinar sobre o que os outros pensam ou fazem. A permissividade alarga a tolerância a tal extremo que passa a aceitar como normal os valores mais contraditórios, as práticas mais esdrúxulas, só para ser tolerante ou para não ser chamado de intolerante. Quais os critérios que podem definir o que é tolerável ou não? Como podemos discernir o que podemos ou não tolerar? Se acreditamos que nem tudo é tolerável, quais são os

critérios ou princípios que podem delimitar a tolerância? Entendemos que tolerância exige como critério de discernimento uma abertura radical para a alteridade, ou seja, para o reconhecimento do outro não só para tolerá-lo, mas para nos sentirmos sensíveis e responsáveis por ele, por sua dignidade. A alteridade é um critério delimitador que, de alguma forma, supera o estreito marco ético e político dentro do qual a modernidade veio a construir o valor da tolerância. Entendemos por alteridade a sensibilidade e abertura para acolher o outro como alguém constitutivo da nossa existência. O outro, que sempre é diferente, revela-se como dignidade que não só merece ser tolerada, pois ela apela para minha responsabilidade para com o outro e seu sofrimento. Deste modo, a acolhida e respeito pela alteridade da vida se constitui no critério delimitador da prática da tolerância, além de qualquer princípio, religioso, cultural, político, etc. A tolerância religiosa tem como critério e limite o respeito e promoção da alteridade da vida e, como desafio, da promoção da justiça. Só nesse contexto, poderemos exercer uma prática tolerante com todas as formas de religião. Todas as práticas religiosas têm seu ponto de convergência no respeito e promoção da alteridade da vida. Os modos de se fazer isso são diversos. Esses modos merecem respeito e tolerância, mas sempre no marco da alteridade. A alteridade da vida, especialmente da vida humana, se encontra inserida no horizonte do infinito. O infinito se presentifica como relação histórica na nossa responsabilidade e relação com a alteridade. A experiência religiosa leva sempre a um reconhecimento do infinito latente na alteridade da vida. Por isso, a alteridade, além de ser um critério para a tolerância religiosa, é o ponto ecumênico de convergência de todas as experiências religiosas, na medida em que são experiências humanas de relação com o Outro.

A teologia na universidade contemporânea

Acaba de sair o livro **A teologia na universidade contemporânea**, pela Editora Unisinos. O livro, organizado por Inácio Neutzling, diretor do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), recolhe as grandes conferências do **Simpósio Internacional O lugar da teologia na universidade do século XXI**, realizado em maio de 2004.

O livro de 140 páginas, compõe-se dos seguintes capítulos:

O lugar da teologia na sociedade e na universidade do século XXI de João Batista Libânio;

A teologia a partir da modernidade de Andrés Torres Queiruga;

O Deus oculto: o resgate da apocalíptica de David Tracy;

O conflito das faculdades: a teologia e a economia das ciências de John Milbank;

Teologia das religiões e teologia na universidade de Michael Amaladoss.

O livro faz parte da Coleção Theologia Publica, n.º 6 e pode ser adquirido via editora@unisinos.br ou pelo telefone (51) 5908239.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER

Gilberto Rosa Galvão

*Na edição desta semana, **IHU On-Line** conta a história de Gilberto Rosa Galvão, funcionário do Laboratório de Anatomia da Unisinos há 18 anos. Nascido em Cruz Alta e pai de três filhos, Galvão relata, na entrevista que concedeu, um pouco dos "mistérios" e das histórias que perpassam seu ofício diário, tão importante para a pesquisa dos cursos da área da saúde da Unisinos. Conheça a trajetória pessoal e profissional de Gilberto Galvão, que sonha, sempre com fé, na vinda de dias melhores.*



Origens - Nasci em Cruz Alta, em 1946. Lá fiquei até a idade de nove anos, quando nos mudamos para São Leopoldo, por força de uma transferência do meu pai, que era militar. Gosto de comentar que, lá em Cruz Alta, minha avó foi cozinheira do Erico Verissimo.

Formação - Em Cruz Alta, estudei no Colégio Margarida Pardelhas, que ficava próximo à casa de Erico Verissimo, onde hoje é um museu. Continuei os estudos em São Leopoldo, no Colégio Santa Terezinha, no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e na Escola Pedro Schneider. Comecei a fazer um curso técnico do Senai, na Escola Lindolfo Collor, de torneiro mecânico, marceneiro e mecânico, sem concluir. Iniciei, sem terminar, um curso de especialista da aeronáutica. Em 1992, concluí o Ensino Médio no Colégio Científico. No ano seguinte, fiz vestibular para Biologia aqui na Unisinos, mas só cursei algumas cadeiras. Desisti e não retomei mais.

Vida profissional - Meu primeiro emprego foi em um laboratório químico na Siderúrgica Riograndense, que hoje é a Gerdau. Depois fui trabalhar na Massey Ferguson, indo, em seguida, para a fábrica de calçados Hauschild, que depois se tornou Alpargatas, da qual também fui funcionário. De 1977 a 1981, trabalhei na Springer Refrigeração, de Canoas. Depois disso, durante alguns meses, fui garçom em diversos bares e restaurantes de São Leopoldo, época em que fiz muitas amizades. Também fui vendedor da JH Santos no período de 1982 a 1984. Foi, então, que um amigo meu, que trabalhava de vigilante na Unisinos, me apresentou para o chefe da vigilância na época, que era o Tenente Porto, hoje já falecido. Ele me contratou e comecei a trabalhar como vigilante da Unisinos em 1984. Depois de dois anos nesse cargo, fiz um teste que elevou meu patamar na Universidade, e consegui, em 1987, a vaga que ocupo até hoje: laboratorista do Laboratório de Anatomia da Universidade.

Vigilância na Unisinos na década de 1980 - No turno da noite, nós trabalhávamos com cachorros, em alguns postos da Unisinos, porque o câmpus era todo aberto, um descampado só, não havia as entradas como hoje. Todos os vigilantes andavam armados com cacetete e revólver. Também fazíamos a vigilância da Residência Conceição e do Colégio Cristo Rei.

O trabalho com cadáveres para pesquisa - Nosso trabalho é basicamente de apoio aos professores. Cuidamos de toda a parte prática e burocrática que envolve o material recebido para a pesquisa dos alunos dos cursos de Biologia, Enfermagem, Fisioterapia, Educação Física, Nutrição e Psicologia. O material constitui-se de peças anatômicas humanas individuais e cadáveres humanos. O Departamento Médico Legal (DML) e a Unisinos possuem o Convênio de Cooperação de Pesquisa. Desta forma, a Universidade obtém para estudo os corpos não identificados ou doados. Vamos até o DML e verificamos se o cadáver está em condições de uso para estudo e pesquisa. Em caso positivo, trazemos para cá, descongelamos o corpo, fixamos com formol e o deixamos em condição para os professores usarem nas aulas práticas. O cadáver é usado, em média, de cinco a seis anos. Depois disso, ele é sepultado no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Hoje a Unisinos tem cerca de 10 cadáveres em uso para pesquisa.

Histórias de brincadeiras - Tem certos vigilantes que, à noite, não passam aqui no laboratório para fazer a ronda, por causa do medo. Uma vez fizemos uma brincadeira com um deles. Era época de racionamento de energia na Unisinos. Telefonamos para ele comparecer no corredor do laboratório, bem na hora em que iria faltar luz. Quando ele entrou por uma porta, saímos pela outra e a trancamos, fomos até a porta por onde ele entrou e a trancamos também. Ele ficou preso ali, no escuro. Só ficamos do lado de fora ouvindo os gritos do vigilante. Outra vez, assustamos uma funcionária que trabalhava no Laboratório de Histologia, aqui ao lado. Temos um esqueleto preso em um gancho. Colocamos o mesmo em frente à porta da sala dela, batemos na porta e saímos. Quando ela abriu a porta e se deparou com aquele esqueleto, foi uma gritaria...

Família - Casei-me em 1971 com a Dolva. Eu passava na frente da casa dela quando ia jogar futebol e nossos olhares se encontraram. Temos três filhos: o Cristiano, de 32 anos, que me deu a primeira neta, Carol, de 10 anos, o Rodrigo, de 26 anos, e o Leonardo, de 25 anos, pai da minha segunda neta, Larissa, de cinco anos. No início, minha família ficava impressionada com meu trabalho. Mas eles se acostumaram, já vieram aqui várias vezes e estão cansados de ouvir meus assuntos.

Livros - *Nada dura para sempre*, de Sydney Sheldon, e *Eu estou ok, você está ok*, do Dr. Thomas Harris.

Autor - Erico Verissimo.

Filme - *Música e Lágrimas*, de Anthony Mann, que contou a história do músico Glenn Miller; e *A Estrada da Vida*, de Frederico Fellini.

Um presente - Valorizo tudo o que eu ganho, mas o que eu mais gosto de receber é um livrinho de palavras cruzadas.

Nas horas livres - Ler e fazer palavras cruzadas.

Um sonho - Proporcionar estabilidade para meus filhos e para mim, embora seja um pouco tarde, mas tenho fé e perspectiva de melhorar em todos os sentidos.

Experiência marcante - A luta para vencer a dependência química. Agora estou em um processo de recuperação e gostaria muito de agradecer a várias pessoas da Unisinos que me ajudaram muito, entre colegas, professores e funcionários do setor de Serviço Social. Essas pessoas me estenderam a mão quando precisei e ainda estou precisando. Faço parte de um grupo de auto-ajuda, pois a busca pela solução é interminável. A doença pode estagnar, mas não tem cura. Esse fato marcou toda a minha vida, modificou completamente minha maneira de pensar.

Unisinos - Independente das condições que a Unisinos me deu de crescer, eu a vejo como uma instituição fenomenal. O aspecto de todo que a Unisinos tem, o que ela representa como universidade para a sociedade, me faz sentir um grande prazer e orgulho de trabalhar aqui. Sinto-me privilegiado em fazer parte de uma instituição de ensino, nos moldes da Unisinos, uma elite pensante. Ela tem um "algo mais" que nos alavanca para vãos sempre mais altos. Vou sentir muito a falta daqui, no dia em que eu tiver que sair, por causa do convívio adquirido com as pessoas.

IHU - Embora eu seja leitor da revista **IHU On-Line**, falta participação para que eu possa entender um pouco mais sobre o Instituto Humanitas Unisinos. Só participando de perto para termos como mensurar exatamente o que ele significa. A intenção é o que o IHU oferece é muito bom, uma dádiva. Só me falta usufruir de uma maneira melhor. Gostei muito das edições da revista sobre o Brizola e o Getúlio. Não sou muito de falar em política, mas acho que uma das certezas do Brasil estava nestas pessoas. Os fatos mostram isso. Só não vê quem não quer.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Cartas do leitor

Agradeço recebimento da edição dos **Cadernos IHU em formação**, número 1, de 2005, sobre Getúlio e Brizola. Parabéns. Será leitura excelente e bom material de pesquisa.

Obrigado,

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt

PPG em Comunicação da PUCRS e vice-governador do Estado do RS.

Erramos

Por um lapso nosso, o título do artigo da Profa. Dra. Yara Borges Caznok, publicado na página 48-52 do boletim no. 132, 14-3-05, foi grafado erradamente. A grafia correta é: Christ lag in Todes Banden.

O título correto do livro de Niklas Luhmann que foi apresentado e debatido no **Abrindo o Livro** é **Das Recht der Gesellschaft** e não como está na nota introdutória publicada na página 59 do no. 132, 14-3-05.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Hiliana Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (posorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS